

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Enio Marcos de Oliveira

“FRANCISCO DE ASSIS E MALEK-AL-KAMIL UM ENCONTRO DE PAZ”:  
Sobre a abertura dialogal em Francisco de Assis e a influência do encontro com o sultão  
em alguns de seus escritos

Juiz de Fora  
2008

Enio Marcos de Oliveira

“FRANCISCO DE ASSIS E MALEK-AL-KAMIL UM ENCONTRO DE PAZ”:  
Sobre a abertura dialogal em Francisco de Assis e a influência do encontro com o sultão  
em alguns de seus escritos

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Ciência da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock.

Juiz de Fora

2008

OLIVEIRA. Enio Marcos. “FRANCISCO DE ASSIS E MALEK-AL-KAMIL UM ENCONTRO DE PAZ”: Sobre a abertura dialogal em Francisco de Assis e a influência do encontro com o sultão em alguns de seus escritos. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção do título de mestre, aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Presidente: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Titular: Prof. Dr. Celso Márcio Teixeira  
Instituto Teológico Franciscano Petrópolis/RJ

---

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Conceito:

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

Juiz de Fora  
2008

## AGRADECIMENTOS

À memória de meu pai e de Vitória Peres de Oliveira, de quem fui o último aluno.

Agradecimentos: à minha família em especial minha mãe.

À diocese de Leopoldina na pessoa de seu bispo Dom Dario Campos.

Às paróquias de São José Operário de Cataguases e São José de Além Paraíba.

Às irmãs dos Santos Anjos, aos meus amigos Gláucio, Flaviana e Leonardo que tornaram possível um sonho, ao Arnaldo meu pastor, aos professores e colegas do departamento.

Ao Antônio Celestino pela ternura com que sempre atende aos alunos do departamento.

Ao professor Dr. Faustino que me ensinou a amar a mística muçulmana e, por isso, me fez melhor cristão.

Ao professor Dr. Volney pelo carinho de um verdadeiro mestre e de um fiel discípulo de São Francisco.

Ao Frei Celso pelo incentivo à pesquisa.

Aos amigos Bernard e Marie Claire pelo carinho e acolhida.

À Elaine pela revisão e observações carinhosas.

Ao Deus, o Misericordioso e Misericordador.

A todos os que me ajudaram nesse trabalho, vocês foram imprescindíveis.

## RESUMO

Este trabalho se propõe a pesquisar as relações de Francisco de Assis com o Islã, as motivações que o levaram a se encontrar com o sultão Malek-al-Kamil durante a V Cruzada no ano de 1219 na cidade de Damietta, no Egito. Aborda o contexto das cruzadas, a resposta do mundo muçulmano através do jihad. Tenta mostrar a abertura dialogal de Francisco de Assis a partir de seus escritos e a influência do encontro com o sultão nos escritos posteriores, bem como na regra que Francisco dá a toda ordem no intuito de organizar a missão junto aos sarracenos.

Faz uma análise dos escritos de Francisco tendo como referência elementos da piedade muçulmana.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o contexto e as motivações que levaram Francisco de Assis a se encontrar com o sultão do Egito e como esse encontro marcou sua vida e seus escritos.

**Palavras chaves:** Cruzada, Jihad, Francisco de Assis, Malek-al-Kamil, fontes franciscanas, diálogo, influência, muçulmanos, cristãos.

## Résumé

L'objet de ce travail est l'étude des rapports de François d'Assise avec l'Islam, les motivations qui l'ont amené à rencontrer le sultan Malek-al-Kamil pendant la V Croisade, en 1219, dans la ville de Damietta, en Egypte. Il traite le contexte des croisades, et la réaction du monde musulman à travers le « Jihad ».

Il essaie de montrer l'ouverture de dialogue de François d'Assise à partir de ses écrits ; il montre comment la rencontre avec le sultan a influencé ses écrits postérieurs ; et comment la règle que François a laissée à son institut prévoit l'organisation de la mission auprès des sarrasins.

Il fait une analyse des écrits de François en ayant comme référence des éléments de la piété musulmane.

Ce travail avait comme objectif la recherche du contexte et des motivations qui ont amené François d'Assise à se rencontrer avec sultan de l'Egypte, et comment cette rencontre a marqué sa vie et ses écrits.

**Mots clés :** Croisade, Jihad, François d'Assise, Malek-al-Kamil, sources franciscaines, dialogue, influence, musulmans, chrétiens.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

1Cl = Carta aos Clérigos (1ª recensão)

Cnt = Cântico do Irmão Sol

1Ct = Carta aos Custódios (1ª recensão)

Gv = Carta aos Governantes

RB = Regra Bulada

RnB = Regra não Bulada

Test = Testamento

### **Biografias de São Francisco e Crônicas**

CA = Compilação de Assis

1 Cel = primeira vida, de Tomás de Celano

2 Cel = Segunda vida, de Tomás de Celano

Ce = Crônicas de Tomás de Eccleston

Fior = 1 Fioretti

JJ = Crônica de Jordano de Jano

Jul = Vida de São Francisco, de Juliano de Espira

Lm = Legenda Menor, de São Boaventura

LM = Legenda Maior, de São Boaventura

LTC = Legenda dos Três Companheiros

Tm = Testemunhos Menores

FFC = Fontes Franciscanas e Clarianas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I – ANTES – O IDEAL DAS CRUZADAS</b> .....	14
1.1 DUAS MARGENS EM CONFLITO .....	14
1.1.1 A expansão do Islã .....	15
1.1.2 O pedido de ajuda da Igreja do Oriente .....	16
1.1.3 Uma contra-ofensiva .....	18
1.1.4 A expansão comercial .....	30
1.2 ÓDIO EM NOME DA RELIGIÃO .....	31
1.3 O JIHAD .....	34
1.4 A V CRUZADA .....	40
<b>CAPÍTULO II – DURANTE – O ENCONTRO ENTRE FRANCISCO E MALEK- AL-KAMIL</b> .....	44
2.1 PEQUENA BIOGRAFIA DE FRANCISCO .....	44
2.2 POR QUE FOI FRANCISCO? .....	50
2.2.1 O martírio .....	58
2.2.2 Converter o sultão .....	60
2.2.3 Dialogar .....	64
2.2.4 A paz .....	67
2.3 O SULTÃO CORDIAL .....	71
2.4 O SULTÃO E O MONGE .....	73
<b>CAPÍTULO III – O DEPOIS – A MARCA DO ENCONTRO COM O SULTÃO EM ALGUNS ESCRITOS DE FRANCISCO</b> .....	78
3.1 O SALÂT – CARTA AOS GOVERNANTES DOS POVOS .....	79
3.2 CAPÍTULO XVI DA REGRA NÃO BULADA (RnB) .....	84
3.2.1 Cordeiro entre lobos .....	87
3.2.2 Para o meio dos sarracenos .....	88
3.2.3 Com licença do ministro e servo .....	89
3.2.4 Dois modos de conviver espiritualmente .....	89
3.2.5 Não litiguem e nem porfiem .....	90
3.2.6 Sejam submissos a toda humana criatura por causa de Deus .....	92

3.2.7 E confessem que são cristãos .....	95
3.2.8 Quando virem que agrada a Deus .....	96
3.3 CARTA AOS CUSTÓDIOS .....	98
3.4 TESTAMENTO .....	100
3.4.1 O amor à Igreja .....	102
3.4.2 A reverência pela Palavra de Deus .....	102
3.4.3 Éramos submissos a todos .....	103
3.4.4 A saudação da paz .....	104
3.5 “CÂNTICO DO IRMÃO SOL” OU “LOUVORES DAS CRIATURAS”: UMA PRÉ-DISPOSIÇÃO PARA UMA “COMUNHÃO COM O ISLÃ” .....	105
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO

Em novembro de 1095, aconteceu o Concílio de Clermont. Entre outras decisões tomadas neste concílio, a Igreja Católica Romana se propunha a ir ao socorro da Igreja de Bizâncio, isto pelo fato de Aléxis Comenno, imperador bizantino, ter se dirigido ao papa Urbano II com um pedido de ajuda a Bizâncio, que estava em guerra contra os muçulmanos (FLETCHER, 2003:87).

O papa então convocou a cristandade para uma guerra em apoio a Bizâncio e, ainda, com o intuito de tomar Jerusalém das mãos dos muçulmanos. Surgiram assim as cruzadas, que dominaram o Ocidente por mais de duzentos anos.

Em 1219, Francisco de Assis foi ao Egito durante a quinta Cruzada e, avançando para além do acampamento dos cristãos, chegou ao sultão Malek-al-Kamil. Esse encontro do outro lado da margem, em plena guerra, tornou-se um diálogo de paz. A partir de então, alguns textos de Francisco passaram a apresentar marcas da piedade muçulmana e orientações pacíficas para os enviados aos sarracenos. A análise de tal influência na obra de Francisco de Assis é o tema central da pesquisa proposta.

Este tema está inserido no diálogo inter-religioso, apontando Francisco de Assis como um buscador do diálogo. Em 1219, como atestam várias fontes dentro e fora da ordem<sup>1</sup>, Francisco foi ao Egito e lá, atravessando as trincheiras da guerra, foi ao encontro do Sultão Malek-al-Kamil, que o recebeu. Dialogou e, após o encontro, voltou para a Itália, mas trouxe consigo algumas marcas importantes, como se pode ver em alguns de seus escritos posteriores.

O assunto geral proposto é a influência da piedade muçulmana em alguns escritos de Francisco de Assis após o encontro com o sultão, uma vez que, como demonstra seu projeto de missão, Francisco é apontado como um homem aberto ao diálogo e à paz.

A questão central desta pesquisa é, desse modo, a influência da piedade muçulmana em Francisco de Assis e a abertura dialógica do mesmo, que vence as barreiras de sua época e vai ao acampamento de Malek-al-Kamil.

---

<sup>1</sup> Em vários autores dentro e fora da ordem franciscana, há relatos sobre o encontro entre Francisco de Assis e Malek-Al-Kamil. Nas *Fontes franciscanas e clarianas* (Petrópolis: Vozes, 2004) podemos ver, por exemplo: p. 236 (1ª Celano); p. 320 (2ª Celano); p. 525 (Juliano de Espira); p. 611 (Legenda Maior); p. 1178 (Compilações e florilégios); p. 1417, pp. 1422-27 (Jacques de Vitry); p. 1429 (Ernoul); p. 1438 (Testemunhos menores); p. 1529 (Fioretti).

No primeiro capítulo, tentamos apresentar, sem a preocupação de fazer uma análise pormenorizada, um pouco da história das cruzadas, as duas margens que se rivalizavam, desde a expansão do Islã no século VII da era cristã, passando pelo pedido de ajuda de Bizâncio à Igreja de Roma – que fez surgir, assim, o ideal das cruzadas, quando cavaleiros foram enviados, além da cruz, com espadas para defender o túmulo de Cristo e retomar Jerusalém da mão dos muçulmanos. A intenção do capítulo também passa pelo desejo de retratar o ódio e os preconceitos de uma comunidade para com outra acentuando ainda mais as motivações para uma guerra.

O primeiro capítulo retrata, então, a convocação feita para a primeira cruzada pelo papa Urbano II, e o desenrolar das primeiras cruzadas com a propaganda de bispos e padres que correram a Europa convocando os cristãos para a “guerra santa”, convidados a deixar a guerra entre irmãos e ir combater contra os inimigos de Cristo, tentando, dessa feita, parar a expansão do Islã. Entre os propagandistas das cruzadas se encontra São Bernardo de Claraval, que deu grande incentivo aos cavaleiros de Cristo, e cunhou “uma teologia” para a guerra santa.

Este primeiro capítulo também tem a finalidade de trabalhar o contexto histórico, político e religioso que levou à quinta cruzada, onde são colocados, mais uma vez, frente a frente, cristãos e muçulmanos em uma guerra construída em “nome de Deus”; apontando a quase impossibilidade de uma cortesia de um cristão para com um muçulmano e vice-versa. Esse é o cenário em que se dá o encontro entre Francisco de Assis e o sultão em Damietta, no ano de 1219. O sultão que, mesmo diante deste contexto, propõe a paz política (SPOTO, 2003:227-49). E Francisco de Assis que, vendo uma situação desumana de morte, sugere aos cristãos que desistam da batalha (BOFF, 2002:50-3). Assim, este primeiro capítulo apontará o contexto em que se vêem frente a frente Francisco de Assis e o sultão.

Em 1099, os cristãos tomaram Jerusalém e provocaram uma grande chacina contra os habitantes daquela cidade, aumentando ainda mais o fosso que separava cristãos e muçulmanos (ARMSTRONG, 2000:317).

A tomada de Jerusalém pelos cristãos fez que o mundo muçulmano se organizasse para o jihad contra os infiéis e, em 1144, os muçulmanos reconquistaram a cidade de Edessa. O jihad fez surgir grandes líderes no mundo muçulmano e, entre eles, Saladino, que em 1187 retomou Jerusalém para os muçulmanos.

Pelo exposto, o objetivo do primeiro capítulo, assim, é apresentar o cenário anterior ao encontro de Francisco com o sultão, fazendo uma introdução ao tema central

do trabalho, que é a ida de Francisco de Assis ao Egito, onde, em 1219, aconteceu o encontro com Malek-al-Kamil, num momento em que duas comunidades em guerra experimentavam, em meio ao deserto, um oásis de paz.

No segundo capítulo apresentamos as diversas motivações que levaram Francisco a ir ao encontro dos muçulmanos no Egito. A partir de vários biógrafos e cronistas do primeiro século após a morte de Francisco, deter-nos-emos nas três tentativas que Francisco fez de ir aos muçulmanos e os possíveis anseios que fizeram com que ele deixasse sua margem “cristã” e fosse até à outra, “muçulmana”.

Por que foi Francisco? Esta é uma pergunta fundamental para o nosso trabalho, pois a partir dela tentaremos mostrar as motivações que fizeram com que Francisco fosse ao Egito e sua abertura ao diálogo, que o permite acolher influências da piedade muçulmana. Há algumas hipóteses, como martírio, busca de conversão, diálogo. Por que e em nome de quem Francisco foi ao Egito é uma questão-chave que será aqui abordada. Outro ponto é a diferença entre nossos personagens: de um lado, um simples monge e, de outro, um chefe poderoso, dois mundos que se encontram, mas conseguem dialogar. Martírio e conversão são motivos apontados por hagiógrafos e historiadores de Francisco; tentaremos dar um passo em direção ao diálogo, que tem sido pouco abordado e parece ser uma motivação importante.

Para isso, cremos ser necessário apresentar uma pequena biografia de Francisco, seu processo de conversão e a formação da comunidade de frades que viria a se tornar a Ordem Franciscana.

O desejo de martírio, por sua importância entre as motivações de Francisco em sua missão, destaca-se como o ponto comum em todos os biógrafos do primeiro século do franciscanismo, pois estava de acordo com a mentalidade da época, em que “matar o sarraceno era ser herói de Cristo; morrer nas mãos dos sarracenos era ser martirizado por Cristo” (TEIXEIRA, 2005).

Outro ponto que se apresenta nas motivações de Francisco para ir a outra margem é o desejo de converter o sultão ao cristianismo e, assim, acabar com a guerra que já durava anos e era um escândalo para o mundo todo.

O desejo de paz é também uma das suposições, no que diz respeito às motivações que levaram Francisco a ir ao Egito. É bom dizer que as motivações não se excluem, mas, ao contrário, até se complementam, uma vez que Francisco era um homem do diálogo e da paz e se encontrou no Egito não com um demônio devorador de gente, mas com um sultão cordial e piedoso, também aberto ao diálogo e à paz.

No capítulo terceiro, no qual retratamos o “depois” do encontro, fazemos uma leitura da marca da piedade muçulmana em Francisco de Assis. Não temos a pretensão de aprofundamento na mística e na piedade muçulmanas, e nem é esse o objetivo do presente trabalho, mas tentaremos mostrar que os escritos de Francisco, posteriores ao seu encontro com o sultão, remetem-nos ou à piedade muçulmana ou à necessidade de valorizar aspectos importantes da piedade cristã.

Apresentaremos, então, a carta aos governantes dos povos, na qual Francisco nos permite lembrar o convite do Muezim à oração, quando o frade pede aos governantes que encarreguem pessoas para convocar o povo à oração.

No capítulo XVI da Regra não Bulada, Francisco apresenta uma grande novidade para seu tempo, no que diz respeito à missão; deste texto faremos uma análise mais pormenorizada.

Francisco orientava seus irmãos que quisessem ir para o meio dos muçulmanos, atitude missionária de respeito para com o outro; respeito que o próprio Francisco pareceu ter tido diante do sultão e sua corte.

Na Carta aos Custódios, Francisco recomenda amor e reverência à Sagrada Eucaristia e às Sagradas Escrituras. Em uma mesma carta, remete-nos ao amor que o muçulmano tem para com o Sagrado Alcorão e valoriza de forma profunda a Encarnação do Verbo, o que é marca do cristianismo.

Em seu Testamento deixou, como espécie de último legado, orientações para seus irmãos e, ainda ali, pode se perceber a marca do encontro em sua vida, uma vez que reforça o amor à sua Igreja e ao patrimônio espiritual da mesma, sem, contudo, deixar de estar aberto às experiências adquiridas e a termos importantes para a piedade dos muçulmanos, tais como a paz e a submissão.

O trabalho termina com uma leitura do Cântico do Irmão Sol ou Os Louvores das Criaturas, onde Francisco apresenta uma espécie de pré-disposição para uma “comunhão” com o Islã e com todas as criaturas. O Cântico do Irmão Sol é uma espécie de itinerário da vida espiritual de Francisco, um homem integrado e capaz de abrir a todas as criaturas e com elas colocar-se a louvar o Senhor.

Essa abertura para com todas as criaturas no Louvor ao Altíssimo, a experiência da finitude diante daquele do qual ninguém é digno de dizer o nome e a busca da misericórdia e da paz são elementos que entrelaçam a via espiritual de Francisco com uma profunda espiritualidade muçulmana.

Este capítulo retrata as marcas da piedade muçulmana em Francisco e sua abertura dialogal, diferente de sua época (BERKENBROOK, 1996:308-38). O primeiro ponto é salientar que Francisco voltou vivo da outra margem em um momento em que o próprio sultão propunha prêmios por cabeças de cristãos.

O trabalho será apresentado a partir de três momentos, sendo um *antes* da V Cruzada, quando Francisco se encontrou com o sultão, um *durante* a V Cruzada e o encontro, apontando as motivações que levaram Francisco a ir ao encontro do sultão e os muçulmanos, e um *depois*, fazendo uma leitura dos escritos de Francisco após o encontro de Damietta e a influência desse encontro nos próprios escritos. Com esses três momentos, poder-se-á tomar uma visão de conjunto acerca da ida de Francisco ao Egito, o encontro com Malek-al-Kamil e os desdobramentos deste encontro após a volta de Francisco, desdobramentos estes encontrados nos próprios escritos de Francisco.

O primeiro momento será constituído de uma leitura histórica do contexto em que se encontram os dois personagens deste trabalho, leitura que será baseada numa bibliografia geral no que diz respeito às cruzadas.

Em um segundo momento, debruçar-se-á sobre as *Fontes franciscanas e clarianas* e uma bibliografia específica do franciscanismo, para entender as motivações que levaram Francisco ao sultão, e como o primeiro conseguiu voltar vivo da viagem ao Egito. Que mentalidade estava por trás da atitude de Francisco, quem o impulsionava para o encontro, uma vez que ele é membro da Igreja, uma Igreja que desde 1095 está em guerra declarada contra o Islã, com raros momentos de paz?

Em um terceiro momento, teremos uma tarefa hermenêutica, lendo à luz da influência da piedade muçulmana alguns escritos de Francisco, como a carta aos governantes dos povos, na qual pede aos governantes que coloquem um pregoeiro para convocar o povo à oração, ainda a regra não bulada capítulo XVI, na qual Francisco aponta seu modelo de missão dialogal, em que a fé não deve ser imposta, mas proposta. A Carta aos Custódios, na qual pede a mesma atitude de piedade, que se possa soar os sinos convocando todo povo à oração, e o Cântico do Irmão Sol, em que pode-se ver em Francisco uma abertura para o diálogo.

# CAPÍTULO I

## ANTES – O IDEAL DAS CRUZADAS

### 1.1 DUAS MARGENS EM CONFLITO

Matar o sarraceno era ser herói de Cristo; morrer nas mãos dos sarracenos era ser martirizado por Cristo (TEIXEIRA, 2005).

Cristianismo e Islã são duas religiões que poderíamos chamar filhas de Abraão, uma vez que descendem de um pai em comum (BOFF, 2002:25). Segundo a tradição judaico-cristã, Abraão foi pai de Ismael com a escrava Hagar (Gn 16, 15), e desse filho Deus suscitou um povo, os árabes. Deus deu ainda a Abraão um outro filho, este com sua esposa, Sara, que recebeu o nome de Isaac (Gn 21,3), o qual gerou o povo de Israel e, por descendência, o povo cristão. Jesus era judeu, filho de judeu (Mt 1,1). O fato de serem religiões irmãs poderia, desde o início, contribuir para um diálogo frutuoso entre elas, mas o que se vê ao longo dos séculos, em especial na Idade Média, é uma “guerra santa” em nome de Deus ou, melhor dizendo, em nome da religião.

Neste primeiro tópico, pretende-se abordar pontos que levaram à deflagração do conflito, o que vai distanciando essas duas margens desde o nascimento do Islã, em 632 (JONIER, 1992:13). E, de forma mais declarada, a partir do concílio de Clermont, em 1095, momento em que a Igreja do Oriente, depois de perder batalhas e territórios para o Islã, pede ajuda ao Ocidente e recebe, em resposta, a convocação, feita pelo papa Urbano II, para uma guerra de libertação da Cidade Santa, lugar onde se encontra o túmulo de Cristo, fato que dá início aos conflitos bélicos que duraram cerca de duzentos anos e colocaram, em margens opostas, duas religiões irmãs, filhas de Abraão.

Tratar-se-á aqui da expansão do Islã, desde sua origem até o século XI, com a conquista de territórios, muitos até então marcados pela cultura cristã. Essa expansão terá uma resposta do cristianismo, e virá em forma de guerra santa: as cruzadas. Deve-se lembrar que o movimento das cruzadas não foi apenas um período de guerras, mas de um intercâmbio político, econômico e cultural, que fez com que em certos momentos essas margens, mesmo em conflito, pudessem se tocar.

Dentro desse contexto “os irmãos” passam a nutrir um ódio em nome da religião; matar uns aos outros se transforma em uma maneira de “agradar a Deus” e alcançar o paraíso; ser morto pelo inimigo da fé é uma forma de ser martirizado por Cristo.

### **1.1.1 A expansão do Islã**

O nascimento do Islã e sua difusão são fatos que mudaram o cenário do mundo medieval. Do século VII até o século XII, houve um grande crescimento e ocupação de lugares sagrados para os cristãos: a Terra Santa e os territórios da Igreja de São Paulo (a Ásia Menor) e da Igreja da antiga região catequizada por Santo Agostinho e São Cipriano (todo o Norte da África, chegando até a Espanha) (BOFF, 2002). Dentro desse processo de expansão, foi-se gerando conflitos que, em determinado momento, tornaram-se guerra declarada<sup>2</sup>.

Com a morte de Mohamed em 632, a força militar que a comunidade nascente havia montado não foi desmobilizada; ela abrangia não somente fiéis de primeira hora, mas também chefes militares do partido pagão de Meca (JOMIER, 2001:36).

Existem Atlas históricos nos quais mapas sucessivos, com flechas e datas, indicam os principais avanços da expansão muçulmana, alguns militares, outros pacíficos, realizada pelo proselitismo de comerciantes, de professores ou de pregadores muitas vezes pertencentes a confrarias (JOMIER, 2001:35).

Se, no primeiro instante, era preciso unificar a Arábia, num segundo momento a expansão ganhou força.

Durante o califado de Omar ibn al-Khattab<sup>3</sup> (634-644), as conquistas se estenderam para além da Arábia. Ao morrer Omar, o império bizantino havia perdido a Síria e o Egito (JOMIER, 2001:37). E a expansão do Islã é impulsionada para outras direções, formando assim um verdadeiro império que vai durar dois séculos (JOMIER, 2001:39).

---

<sup>2</sup> Para o Império Romano, o islão se apresentava, antes de mais nada, como uma ameaça militar. O império bizantino esteve ameaçado várias vezes. Cf. FLETCHER, R. *A cruz e o crescente cristianismo e Islã, de Mohamed à reforma*, ambos livros da editora Nova Fronteira (Rio de Janeiro, 2003).

<sup>3</sup> Omar ibn al-Khattab foi o segundo califa na sucessão a Mohamed; morreu assassinado depois de um reinado de dez anos.

Durante o reinado de Ali ibn Taleb (656-661) – que era primo e genro do profeta Mohamed –, tensões internas ligadas às riquezas conquistadas e à vida ascética no Islã nascente pararam um pouco seu avanço. Tais tensões levaram Ali a se confrontar com Moawiya, que era governador da Síria. Moawiya queria ampliar o poder do Islã, mas ao mesmo tempo também o seu próprio poder. No embate entre eles, Moawiya saiu vencedor e tornou-se então califa<sup>4</sup>.

As conturbações internas haviam tido por conseqüência uma parada no movimento de conquistas. Contudo, no mar mediterrâneo, uma frota muçulmana com equipamentos sírios começava a operar. Moawiya, governador da Síria, havia compreendido a importância do mar para o crescimento do Islã (JOMIER, 2001:40).

A ocupação dos países muitas vezes ocorreu em vários estágios; no fim do século VII, todo o norte da África se tornou islamizado.

A Espanha viu desembarcar em suas costas, em 711, o general Tariq. De lá, outros muçulmanos avançaram para o sul da Gália e uma incursão prosseguiu até chegar a 300 quilômetros da atual Paris, em Poitiers (732), mas houve confrontos e os árabes voltaram sem conquistar a cidade (JOMIER, 2001:46). O império bizantino perdeu grande parte de seu território e mesmo Roma foi atacada, em 846 (FLETCHER, 2003:56).

Há, ao lado de tudo isso, uma grande expansão do comércio mundial, e mesmo boas relações comerciais entre judeus, cristãos e muçulmanos. As cruzadas colaboraram com esse crescimento; cidades como Damasco e Cairo se destacavam como importantes centros comerciais do mundo islâmico.

### **1.1.2 O pedido de ajuda da Igreja do Oriente**

Em 1054, por diversas razões, há o grande cisma, chamado cisma do Oriente, quando as Igrejas da cristandade se dividem entre latina e grega, havendo um rompimento entre o papa da Igreja latina e o patriarca da Igreja grega.

O império muçulmano toma grande parte do que foi a cristandade antiga e, em especial, os arredores do império bizantino. Embora haja relações entre cristãos

---

<sup>4</sup> Moawiya era filho de Abu Sofyan, o homem que, em Meca, quarenta anos antes, havia feito de tudo para esmagar o Islã. Cf. JOMIER, J. *Islamismo, história e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 40.

ortodoxos e os líderes muçulmanos, há sempre o medo da invasão e lutas contínuas em busca de territórios perdidos.

Em 1073, o imperador de Bizâncio pediu ajuda aos cristãos do Ocidente para combater os muçulmanos, mas naquele momento não recebeu qualquer resposta. Anos mais tarde, o também imperador de Bizâncio, Aleixo Comeno, pediu auxílio a Roma. Aleixo pensava em um grupo de mercenários que, pagos por ele, lutariam sob seu comando para combater o inimigo e reaver territórios perdidos diante da expansão dos muçulmanos. Leiam-se as palavras de Armstrong:

No início de 1095, o monarca bizantino pediu ajuda militar a Urbano II, esperando receber alguns destacamentos dos mercenários normandos que já haviam lutado para ele. O pontífice, porém, tinha planos mais ambiciosos. Dirigindo-se aos clérigos, aos cavaleiros e aos pobres da Europa no concílio de Clermont, realizado em novembro daquele mesmo ano, pregou uma guerra santa de libertação. Disse aos cavaleiros que, ao invés de lutar entre si nas absurdas disputas feudais que estavam despedaçando a Europa, deviam partir para Anatólia a fim de ajudar seus irmãos cristãos, que por mais de duas décadas sofriam o jugo dos turcos muçulmanos; depois deviam marchar sobre Jerusalém e libertar a tumba de Cristo do domínio dos infiéis. Assim a paz de Deus reinaria na Europa, e a guerra de Deus assolaria o Oriente (...) até então os peregrinos estavam proibidos de portar armas; agora o papa lhes entregava uma espada (ARMSTRONG, 2000:314).

O papa, então, ao invés de mandar mercenários para lutar ao lado dos bizantinos, teve uma outra idéia a respeito da guerra entre Bizâncio e o Islã:

O pedido de auxílio de Bizâncio contra os invasores turcos era uma oportunidade de impor a supremacia ocidental ao imperador bizantino e ao patriarca de Constantinopla. Assim, o papa de Roma, ao desempenhar o papel daquele que iria convocar, em 1095, a cristandade latina para socorrer a cristandade grega, deflagrando o início das cruzadas, estaria arrogando-se como senhor de toda a cristandade e inclusive do império bizantino (FERNANDES, 2006:101).

Muitos orientais viram com maus olhos a ajuda dos cristãos latinos, como atestam crônicas, entre outras, da própria filha do imperador, que via nos latinos um bando de bárbaros<sup>5</sup>. Os bizantinos nunca hesitaram em recorrer aos serviços dos cavaleiros vindos do Ocidente, mercenários com armaduras pesadas, ou peregrinos a caminho da Palestina. Os bizantinos desconfiam dos ocidentais, mas os exércitos

---

<sup>5</sup> Constatamos que os bizantinos, em especial os cronistas Nicetas Choniates e Anna Comneno, são bastante críticos em relação às cruzadas, visto que estas constituem uma ameaça à soberania bizantina. Cf. Fátima Regina Fernandes, Cruzadas na idade média. In: MAGNOLI, D. *História das guerras*, São Paulo: Contexto, 2006, p 107.

imperiais, constantemente carentes de soldados experientes, viram-se obrigados a contratarem mercenários (MAALOUF, 2001:18).

Logo na chegada dos ocidentais a Bizâncio, os bizantinos pareciam já prever que os latinos queriam expandir território e que a ajuda, na verdade, seria, em pouco tempo, uma tentativa de subjugar o império bizantino. Um texto de Ana Comeno, filha do imperador Aleixo, em seu diário chamado *Alexiada* nos mostra isso:

A chegada de tantos povos foi precedida de gafanhotos que evitavam os cereais, mas que arrasavam os vinhedos, devorando-os (...) produziu-se, então, um movimento, de homens e mulheres juntos, como nunca outro antes visto; as pessoas mais simples iam realmente movidas pelo desejo de venerar o sepulcro do Senhor e de visitar os lugares Santos; mas os homens perversos, como Buemundo e seus comparsas, abrigavam no fundo do coração outro desejo e a esperança de que pudessem, na passagem, apoderar-se da própria cidade imperial (FERNANDES, 2006:113).

A ajuda pedida por Bizâncio abria brechas ainda maiores no cisma que havia começado em 1054. O que poderia ser um retorno à unidade criou distâncias intransponíveis entre Igreja do Oriente e Igreja do Ocidente.

### **1.1.3 Uma contra-ofensiva**

Diante do avanço do Islã e da formação de um novo império, os cristãos do Ocidente sentiram a necessidade de dar uma resposta. A Igreja do Ocidente desejava ao mesmo tempo aumentar suas rotas comerciais e seus domínios de terra. Esse desejo se aliava aos desejos de nobres que, além de novas terras, queriam extravasar a força bélica dos filhos mais jovens, uma vez que o sistema familiar feudal colocava a herança na mão do filho mais velho e os mais novos eram obrigados a serem, de certa forma, servos do mais velho (FREMANTLE, 1996:56).

Parar a expansão dos muçulmanos significava trabalhar por Deus, uma vez que o Território Sagrado por onde passou Jesus era tomado por estrangeiros. O crescimento do Islã era visto como uma ofensa ao Cristianismo. Antes mesmo de 1095, quando o papa Urbano II convocou as cruzadas, já havia a idéia de um embate religioso entre cristãos e muçulmanos e que lutar contra estes últimos era lutar em favor de Deus. Quando em 853 o papa Leão IV pediu ajuda contra os sarracenos, ele já difundia a idéia de que é um lutar em favor de Deus e, aquele que se empenhava na luta, guardava seu lugar no céu (FLETCHER, 2003:55).

A idéia de ganhar um lugar no céu, sem dúvida, era importante para a mentalidade medieval, para um povo que vivia num vale de lágrimas. Tornar-se um herói de Cristo e reconquistar o Lugar Sagrado onde ele viveu era, com certeza, um motivo muito nobre, o que fez com que os primeiros guerreiros rasgassem suas roupas e as costurassem com cruces, o que lhes deu o nome de cruzados. A cruz simbolizava o contrato estabelecido entre o indivíduo e Deus, era o testemunho visível e público do engajamento individual e particular na empreitada divina. O lugar onde Jesus viveu era pisado por pés de infiéis, o túmulo de Jesus era profanado, precisava-se de uma resposta; era importante resgatar a dignidade de Cristo, pois ela havia sido violada. Muitos que ouviram o apelo do papa rasgaram tecidos e costuraram cruces em suas vestes, movidos pelo discurso de que era imprescindível combater em nome de Deus e resgatar a terra onde Jesus viveu, morreu e ressuscitou.

Se as peregrinações tinham um cunho religioso e um anseio de conhecer outros lugares e, em especial, a terra onde Jesus passou os seus dias, elas ganharam naquele momento um novo sentido: aqueles que partiam para oração iam também com o intuito de reconquistar, para Cristo, a terra onde ele viveu e, que, durante o referido período, pertencia aos infiéis. Os peregrinos cruzados levavam a fé e as armas, e muitos que não se tinham consagrado a Deus pelos votos da Igreja podiam, de alguma maneira, consagrar-se através de uma peregrinação armada. É importante a leitura das palavras de Fletcher:

Para os homens que não haviam se recolhido a um mosteiro, havia um meio de lavar suas faltas, de ganhar a amizade de Deus: a peregrinação. Deixar a casa, os parentes, aventurar-se fora da rede de solidariedades protetoras, caminhar durante meses, anos. A peregrinação era penitência, provação, instrumento de purificação, preparação para o dia da justiça. A peregrinação era igualmente prazer. Ver outros países: a distração deste mundo cinzento. Em bandos, entre camaradas. E, quando partiam para Jerusalém, os cavaleiros peregrinos levavam armas, esperando poder guerrear contra o infiel: foi durante essas viagens que se formou a idéia da guerra santa, da cruzada (FLETCHER, 2003:55).

Criou-se toda uma mentalidade na Europa em favor da guerra santa, da necessidade de tomar o Lugar Sagrado onde Cristo viveu. O papa Urbano II chegou a citar o salmo 79: “Ó Deus, os pagãos invadiram a sua terra e profanaram seu templo santo” (JEUSSET, 1995:23).

Muitos foram os pregadores ardorosos das cruzadas. Não é difícil perceber o ardor religioso dos primeiros cruzados, a mentalidade religiosa que se formava e alimentava àqueles que partiam para a batalha. O predomínio e a influência da Igreja

sobre o comportamento do homem medieval devem ser entendidos como os primeiros fatores explicativos das cruzadas.

Quando o papa Urbano II proferiu, no concílio de Clermont, em novembro de 1095, o sermão que precipitou as operações militares, suas palavras despertaram algo que já estava pulsando imperceptivelmente nos corações e mentes de sua audiência. Não podemos dizer exatamente quais foram essas palavras, já que os relatos do discurso do papa feito naquela época são conflitantes. Mas está razoavelmente claro que ele proclamou que os participantes de uma peregrinação armada a Jerusalém não só levariam auxílio aos seus irmãos cristãos do Oriente, mas também adquiririam mérito espiritual e conquistariam para si um lugar no paraíso. Não era novidade falar-se em peregrinações, guerras santas, ameaças à cristandade e na santidade sagrada de Jerusalém: o que o papa fez foi amarrá-las todas juntas de tal maneira que se tornassem irresistíveis a pouco sofisticada devoção da nobreza europeia do Ocidente (FLETCHER, 2003:87).

Muitas lendas foram sendo criadas para alimentar o espírito daqueles que partiam, lendas que misturavam relatos de fatos antigos com uma ideologia contrária ao inimigo; o cavaleiro cristão era sempre um herói e o sarraceno um inimigo infiel a ser vencido.

O ideal de cavaleiro armado por amor à libertação da terra onde Jesus viveu vai mover os exércitos que lutam contra os infiéis. Dentro desses exércitos muitos jovens abraçavam o ideal de cavaleiro. Nas canções e lendas, dentre os cristãos surgiam guerreiros que conquistavam façanhas na luta contra o infiel.

Duas canções propagadas com entusiasmo foram as de Rolando e a de Aiquin. Na canção de Rolando, o tema da guerra santa aflora do primeiro ao último verso; uma batalha que havia acontecido em 778 passa a ser agora uma batalha do século XI e contra os muçulmanos (JEUSSET, 1995:24). Foi apresentada nas cortes francesas e alemãs pelos bardos e trovadores itinerantes, servindo como relato épico e mito legitimador da dinastia carolíngia, apresentada como a campeã da defesa da Cristandade contra o Islã. Em todas essas canções, a aversão aos muçulmanos era tema constante, e propagar a fé cristã vencendo o inimigo infiel era a força motriz (FLETCHER, 2003:87-8):

A canção de Rolando narra a história do audaz e corajoso guerreiro Rolando, em busca de renome e glória durante o reinado de Carlos Magno. Encurralado pelas forças sarracenas, com poucas possibilidades de sucesso, seu sensato amigo Olivier, de cuja irmã Rolando é noivo, insiste para que ele procure auxílio para a batalha, em vista do poderio esmagador do inimigo. Mas o herói se recusa, e ambos morrem junto com milhares de soldados. Ao ouvir a notícia, sua amada cai morta (SPOTO, 2003:66).

A canção de Rolando é, na verdade, uma poesia guerreira, uma representação militar construída muito provavelmente pelos próprios militares. Foi feita para ser cantada pelos cavaleiros e difundida, assim, entre eles, transmitindo alguns valores específicos da cultura da cavalaria laica. Em toda a canção podemos identificar referências a valores da cavalaria laica, tais como o orgulho e a impetuosidade. O orgulho pode ser percebido quando Rolando não permite que se toque a corneta para convocar a ajuda do imperador na batalha:

Rolando não pode pensar numa traição e recusa atender ao sábio conselho de Olivério: se tocar o corne, cujo som atravessa montes e planícies, o imperador compreenderá o perigo e voltará. Começa a batalha, que tem três fases: na primeira os cristãos pensam ainda na vitória; mas os inimigos são tantos que não é possível acreditar no sucesso: durante o segundo assalto, os cristãos já sentem o desastre e preparam-se para morrer heroicamente. Afinal, Rolando compreende a realidade e sente remorso do seu orgulho: quando dos vinte mil cavaleiros só lhe restam ao redor sessenta companheiros e os sarracenos iniciam o terceiro assalto (LEONI, 1958:10).

Além do orgulho, o ideal da cavalaria laica trazia também a impetuosidade do guerreiro que resiste a todo custo diante da batalha:

Os pagãos armam-se com cotas sarracenas, na maioria de tríplice malha; fecham os resistentes elmos de Saragossa, cingem-se com espadas de aço vienense; têm escudos preciosos, lanças de Valência, gonfalões brancos ou azuis ou vermelhos. Deixam os mulos e os palafrens: montam ginetes e cavalgam em fileiras cerradas. Claro é o dia, fulgurante o sol: cada armadura é flamejante. Tocam mil trombetas para tornar mais belo o espetáculo. Grande é o barulho: ouvem-no os francos. Disse Olivério: “Amigo, penso que daqui a pouco teremos assalto dos sarracenos”. Rolando responde: “Deus queira! Devemos resistir aqui para nosso imperador” (LEONI, 1958:49).

Além da canção de Rolando, que motivou os ideais dos cruzados na batalha contra os muçulmanos, tivemos muitos pregadores cristãos que foram a campo para pregar a guerra santa. Encarregados pelos papas, eles davam voz ao apelo dos pontífices.

Um dos grandes propagandistas da guerra santa foi Bernardo de Claraval<sup>6</sup>, monge cisterciense que propagou a II cruzada (FERNANDES, 2006:117). Foi ele que

---

<sup>6</sup> Nascido numa grande família nobre da Borgonha, no castelo de Fontaine-les-Dijon, em Dijon, Bernardo foi o terceiro de sete filhos de Tescelin o Vermelho (Tescelin Sorrel) e de Aleth de Montbard. Com a idade de nove anos foi enviado para a Escola Canônica de Châtillon-sur-Seine, onde mostrou um gosto particular pela literatura. Em 1112, decidiu entrar para a Abadia de Cister, fundada em 1098 por São Roberto de Molesme, e na qual Santo Estevão Harding havia acabado de ser eleito abade. Convenceu vários amigos, irmãos e parentes a ingressarem com ele na vida monástica e chegou assim, com outros trinta candidatos, para entrar na Abadia.

“criou a imagem dos templários<sup>7</sup> como monges guerreiros, dando-lhes suas próprias regras e estabelecendo sua posição na hierarquia eclesiástica. Foi por sua influência que eles (os templários) passaram a ser subordinados diretamente ao papa. Definitivamente, este foi o nascimento da Ordem como uma grande potência” (RUNCIMAN, 2003:213).

Em seus sermões “contra os infiéis”, Bernardo de Claraval, que defendia a vida dos judeus, não poupava esforço para afirmar que matar o sarraceno era um bem, pois se estaria cortando mal pela raiz, e assim o cruzado estaria se tornando malicida (exterminador do mal) e não um homicida.

São Bernardo afirmava explicitamente que os “soldados de Cristo”, os cruzados, não eram homicidas por matarem os muçulmanos, não cometendo por isso crime algum; antes eram assassinos de infiéis, malicidas, libertando o mundo dos maus e, assim, prestando grande glória a Deus. Soldado que morresse em combate por Cristo tinha assegurada a glória do céu (BASETI-SANI, 1968:14). “Quem mata um malfeitor não deve ser considerado propriamente como um ‘homicida’, mas, antes, digamos, como um ‘malicida’. Desempenha a função de ‘justiceiro de Cristo’ a respeito dos que praticam o mal, e de defensor dos cristãos”<sup>8</sup>.

Em seus sermões, incentivava como podia para que os combatentes cristãos expulsassem da Terra Santa os muçulmanos e assim honrassem o nome de Cristo. Como se segue, em um sermão, Bernardo convoca os homens corajosos a defenderem a cruz contra os malicidas:

O que estais fazendo, homens corajosos? O que estais fazendo, servos da cruz? Quereis entregar o santuário aos cães e as pérolas aos porcos? Quantos pecadores lá confessaram, com lágrimas, os seus pecados e conseguiram o perdão, desde que a espada dos pais jogou fora a imundície dos pagãos? O maligno o vê com maus olhos, range os dentes e empalidece; mexe os arsenais de sua milícia e não permitirá que fiquem sinais ou vestígios de piedade, se ele jamais – o que Deus não permita – ficar tão forte, de conquistar aquele espaço santíssimo. Para todos os tempos futuros seria uma dor incurável e um prejuízo insubstituível. Para essa geração, porém, tão ímpia, seria uma vergonha imensa e uma censura perpétua.

Porque o vosso país é fértil em homens corajosos e fortes pelo vigor da juventude, pois por todo mundo corre o vosso louvor, e a glória de vosso heroísmo enche toda a terra. Sede, pois, varonis e pegai em armas felizes, zelando pelo nome de Cristo. Termine aquele costume de cavaleiros, ou melhor, aquele abuso de cavaleiros de antigamente, segundo o qual costumáveis lançar por terra, espezinhar e matar um ao outro. Que prazer cruel impele os desgraçados para que transpassem, com espada, o corpo do seu próximo, lançando, talvez, a sua alma à perdição! Mas também o

---

<sup>7</sup> Grupo de militares encarregado de proteger os peregrinos que iam à Terra Santa e tornou-se a maior ordem militar da Idade Média. Cf. CLAIRVAUX, Bernard de. *Histoire, mentalités, spiritualité*. 7 ed. Paris: Les éditions du cerf, 29, Bd de Latour-Maubourg, 1992, p. 477.

<sup>8</sup> Sermão de São Bernardo numa obra dirigida aos templários, na qual justifica a violência contra o muçulmano. Cf. JEUSSET, op. cit., p. 22.

vencedor não escapa, quando se alegra com a matança de um inimigo. É insensatez, não coragem, entregar-se a tal injustiça; deve ser atribuída não à animosidade, mas à insanidade.

Tu, cavaleiro corajoso, tu, homem de guerra, agora tens uma luta sem perigo, onde a vitória traz glória, e a morte é lucro. Se és um comerciante previdente, um homem que quer obter vantagens neste mundo, eu te anuncio um grande comércio; toma cuidado para não perdê-lo. Aceite o sinal da Cruz, e de tudo que, arrependido, confessares, alcançarás a indulgência total. A mercadoria é barata; e pagando piedosamente por ela, sem dúvida vale o Reino de Deus<sup>9</sup>.

Em sua obra *Elogio à nova cavalaria*, Bernardo dá todo o suporte “teológico e ideológico” para que os templários pudessem se empenhar na luta contra os muçulmanos:

Assim, eu repito, o cavaleiro de Cristo dá à morte toda segurança e a recebe com mais segurança ainda. Se ele morre é para o seu bem, se ele mata é para o Cristo. Não é sem motivo, com efeito, que ele porta a espada: ele é um servo de Deus para castigar aqueles que fazem o mal e felicitar aqueles que fazem o bem.

Matando um malfeitor, ele não se comporta como um homicida, mas, se ousa dizer, um “malecida”. Ele é escolhido para “justiceiro de Cristo em consideração aos que fazem o mal”, e para defensor dos cristãos. Chega mesmo a se matar: sabe-se bem que nisso não está sua perda, mas que ele atingiu o objetivo. A morte que ele infringe é um ganho para Cristo e, aquela que ele recebe é um ganho para ele mesmo. Na morte do pagão o cristão se glorifica, pois é o Cristo que, por ela, é glorificado. Na morte do cristão a generosidade do Rei se manifesta, porque o cavaleiro morre para receber a recompensa. Da morte do pagão “o justo se alegrará vendo a revanche”. E a morte do cristão fará dizer: “há um prêmio para o justo? Sim, ele é um Deus que julga os homens sobre a terra”<sup>10</sup>.

Outra idéia que marcava a mentalidade cristã ocidental era o martírio; morrer em nome de Cristo e garantir seu lugar no céu foi a motivação para muitos. Não que a importância do martírio tivesse sido esquecida, mas naquele momento ela ganha um novo ardor. Não é por acaso que durante a primeira cruzada se encontra

---

<sup>9</sup> Homilia de São Bernardo de Claraval convocando o povo para participar da cruzada. *Curso básico*, n. 16. pp. 39-40.

<sup>10</sup> Ainsi, je le répète, le chevalier du Christ donne la mort en toute sécurité, et la reçoit avec plus d'assurance encore. S'il meurt, c'est pour son bien, s'il tue, c'est pour le Christ. “ce n'est pas sans raison, en effet, qu'il porte le glaive: il est un serviteur de Dieu pour châtier ceux qui font le mal et féliciter ceux qui font le bien”.

En tuant un malfaiteur, il ne se comporte pas en homicide, mais, si j'ose dire, en “malicide”. Il est tenu pour “justicier du Christ à l'égard de ceux qui font le mal”, et pour défenseur des chrétiens. Vient-il lui-même à se faire tuer: on sait bien qu'en cela il n'est pas allé à sa perte mais qu'il est parvenu au but. La mort qu'il inflige est donc un gain pour le Christ, et celle qu'il reçoit, un gain pour lui-même. Dans la mort du païen, le chrétien se glorifie, car c'est le Christ qui, par elle, est glorifié. Dans la mort du chrétien, la générosité du Roi se manifeste, puisque le chevalier s'en va pour recevoir sa récompense. De la mort de païen, “le juste se réjouira, en voyant sa revanche”. Et la mort du Chrétien fera dire: “Y a-t-il un fruit pour le juste? Oui, il est un Dieu qui juge les hommes sur la terre”? Bernard de Clairvaux, *Eloge de la nouvelle chevalerie*. 7 ed. Paris: Les éditions du cerf, 29, Bd de Latour-Maubourg, 1990, p. 59 (tradução livre).

prodigiosamente a lança que havia traspassado Jesus. “Alguns hereges afirmam que a única maneira de se alcançar a salvação é o martírio” (MANSELLI, 1997:203).

Muitos nobres passam a encarar as expedições à Terra Santa como uma real possibilidade de ampliar seus domínios territoriais. Aliada a esta questão deve-se lembrar ainda de que a sucessão da propriedade feudal estava fundamentada no direito de primogenitura. Esta norma estabelecia que, com a morte do proprietário, a terra deveria ser transmitida, por meio de herança, ao seu filho primogênito. Aos demais filhos só restavam servir ao seu irmão mais velho, formando uma camada de “nobres despossuídos” a pequena nobreza interessada em conquistar territórios no Oriente por meio das cruzadas. Assim se delineiam as cruzadas:

A Igreja de Roma viu nelas uma oportunidade de alargar para o Oriente os seus domínios, esfera de sua grande rival, a Igreja grega. Os reis e senhores feudais da Europa Ocidental viam perspectivas de adquirir novas terras e riquezas. Grandes senhores viam na guerra santa uma saída para os impulsos bélicos de seus turbulentos filhos mais moços. E o clero esperava encontrar escoadouro para os rixentos e desordeiros (FREMANTLE, 1996:53).

Dentro dessas relações de expansão comercial e domínio de terra, vão se delineando as cruzadas, guerras que ocuparam o homem medieval por cerca de duzentos anos. Uma guerra que gera um muro intransponível entre Cristianismo e Islã, uma vez que os dois lados se consideravam em guerra santa, pretendendo defender a honra de Deus. Cada comunidade formava uma ilha; em tais condições, um encontro fraterno não passava de uma gigantesca utopia, pois um abismo intransponível separava essas duas ilhas (JEUSSET, 1995:19). Da parte dos cristãos, uma grande explosão de fervor marcou o início das cruzadas; desilusão e desordem marcaram o seu fim (FREMANTLE, 1996:53).

Esses dois mundos em conflito trazem uma marca em comum: uma guerra em nome de Deus e, entre as guerras, não há nenhuma que seja mais zelosamente empreendida do que aquelas nas quais se combate pela fé.

Se havia, por parte da Igreja, o desejo de parar a expansão do Islã e reconquistar os lugares santos da Cristandade, havia, como já foi dito, também o desejo de expansão comercial e territorial.

Se em 1073 não houve resposta de Roma para auxiliar Bizâncio, em 1095 o papa Urbano II vê a possibilidade certa para frear o avanço do Islã e estender seus domínios.

Ao fim do Concílio, com grande multidão às portas o papa fez um grande discurso que mobilizou a Europa em prol da guerra santa:

Dirijo-me aos pais, aos filhos, aos irmãos e aos sobrinhos de todas as famílias cristãs. Se um estrangeiro abatesse um vosso familiar, não vos sentiríeis na obrigação de vos vingardes? E não tereis ainda mais obrigação de vingar aquele que é vosso Deus e vosso irmão, vendo-o espezinhado, expulso da sua terra, crucificado, ouvindo a chamar por vós, aflito, a pedir socorro? (JEUSSET, 1995:17)

É um forte apelo que conclama o povo a lutar em vingança contra aqueles que roubaram as terras que foram pisadas pelos sagrados pés de Jesus.

Mas a convocação à guerra feita por Urbano II é algo que já estava sendo aguardado pelo povo. A narrativa do episódio da convocação fala do entusiasmo imediato causado pelo desafio. Os presentes teriam começado a costurar cruzes em suas vestes, no peito e no ombro, que representaria sua condição de cruzado. Segundo cronistas da época, quando o papa fala à multidão, tem como resposta um brado retumbante: Deus o quer e, em pouco tempo, mobilizam-se multidões para combater contra os infiéis (FERNANDES, 2006:109).

O papa entregava aos peregrinos uma espada. Ao final de seu discurso, Urbano recebeu uma clamorosa ovação, sua imensa platéia gritando a uma só voz: “Deus hoc vult!”, “Deus o quer!” (ARMSTRONG, 2000:314). Essa expressão mostra que o desejo do papa estava em consonância com o desejo da população que já esperava pela convocação. Grande multidão se juntou ao apelo do papa, um apelo que pretendia, de certa forma, restaurar a Europa, começando pela união entre aqueles que estavam em guerra. Havia para eles um inimigo em comum e era preciso que se unissem para combatê-lo.

Os que estão habituados a combater maldosamente, em guerra privada, contra os fiéis, lutem contra os infiéis e levem a um fim vitorioso a guerra que deveria ter começado a tempo. Os que até agora viviam em briga, se convertam em soldados de Cristo. Os que até agora eram mercenários por negócios sórdidos, ganhem no presente as recompensas eternas (FERNANDES, 2006:109).

O eco da resposta dada em Clermont ressoou ao longe e a Europa em peso se alvorçou em preparativos para a libertação da Terra Santa. Grupos sem qualquer preparação, como o de Pedro, o Eremita, marcharam para a guerra; foram até bem recebidos em Constantinopla, mas logo foram transferidos para a Ásia e eliminados

pelos turcos, que, por sua vez, acharam que seria fácil qualquer embate contra os cristãos (JEUSSET, 1995:20).

Há uma grande explosão de fervor e/ou uma sintonia entre o pedido do papa e os desejos dos ocidentais. Logo surgem grupos dispostos à guerra e o eco de Clermont se espalha pela Europa do século XI e se estende até o século XIII, numa guerra entre a cristandade e o Islã que abrirá caminhos para uma nova etapa da história ocidental, embora essa nova etapa traga consigo resquícios dessa guerra até os dias atuais.

Em 1099 os cruzados tomaram Jerusalém; essa tomada da cidade santa foi seguida de uma grande carnificina humana. Quando chegaram a Jerusalém, durante três dias eliminaram sistematicamente cerca de trinta mil jerosolimitas<sup>11</sup>: “mataram todos os sarracenos e turcos que encontraram” (ARMSTRONG, 2000:317). E adiante, diz o autor:

O sucesso da primeira cruzada foi tão retumbante que os levou a acreditarem que desfrutavam de uma benção especial de Deus. (...) O Ocidente, que até então vira os muçulmanos com relativa indiferença, passou a considerá-los uma “raça vil e abominável”, “absolutamente estranha a Deus”, digna apenas do “extermínio”. A cruzada fora um ato divino comparável ao Êxodo do Egito, os francos agora eram o novo Povo Eleito, os que assumiram a vocação abandonada pelos judeus (ARMSTRONG, 2000:318).

Terminada a primeira cruzada, os cristãos conquistaram Jerusalém, terra onde Jesus viveu e morreu, mas o preço dessa conquista foi a vida de milhares de jerosolimitas. Entretanto, a conquista de Jerusalém não terminou com a guerra entre cristãos e muçulmanos; pelo contrário, ela abre caminho para novas guerras que perdurariam mais de dois séculos, guerras marcadas por alianças entre inimigos e divisão entre irmãos.

Os desencontros entre os cristãos começaram após a primeira cruzada. Se eles se uniram seguindo o apelo do papa Urbano II para conduzir esta cruzada e expulsar das terras onde Jesus viveu os muçulmanos, assim que terminou a batalha começaram entre eles os desencontros e, por outro lado, os muçulmanos, que eram desunidos, perceberam a importância de se unirem para expulsar de Jerusalém os infiéis (cristãos) que estavam profanando a terra onde Mohamed experimentou sua ascensão noturna (MAALOUF, 1994:185).

Por sua vez, o império bizantino havia pedido auxílio aos cristãos do Ocidente para vencer o Islã que chegava às suas portas, não para que fosse invadido também

---

<sup>11</sup> Habitantes de Jerusalém.

pelos ocidentais. Diante dessa invasão indesejada, os bizantinos fizeram então uma aliança com os muçulmanos para lutar contra os cristãos ocidentais que eles mesmos haviam convocado para auxiliá-los (FERNANDES, 2006:117).

A aliança entre o imperador de Bizâncio e o sultão de Bagdá favoreceu a reconquista da cidade de Edessa em 1144 pelos muçulmanos. Essa reconquista dos muçulmanos vai provocar a convocação para uma nova cruzada:

A reconquista islâmica do condado de Edessa, em 1144, é o motivo oficial da convocação da segunda cruzada, num momento em que o sucessor de Aleixo, o imperador Manuel I, já tinha recuperado Antioquia. O pedido fora feito por Bernardo de Claraval, monge cisterciense e eminente figura política de seu tempo, ao papa Eugênio III, que em 1146 a oficializa, e seria uma resposta a um pedido de socorro dos reinos francos feito diretamente a Roma. Nessa segunda cruzada estariam presentes Luis VII, o rei da França, Conrado III, o imperador do Sacro império germânico, além de nobres cruzados ingleses, flamengos e frísios. Os contingentes da Inglaterra contornariam o mar pela Península Ibérica e, no caminho, em 1147, ajudariam a reconquistar Lisboa dos muçulmanos, promovendo um encontro das cruzadas do Oriente com a reconquista cristã (FERNANDES, 2006:117).

A segunda cruzada foi marcada, entre outras coisas, por uma grande desunião entre os cristãos, que não conseguiam se entender sobre comando e direção da própria cruzada e, por outro lado, pela união do Islã sob o comando Salãh a-Din, general curdo, mais conhecido na cristandade como Saladino, que consolidou o domínio sunita e uniu o mundo islâmico do Mediterrâneo oriental (FLETCHER, 2003:89).

Além dessa unidade islâmica alcançada sob o domínio de Saladino, os interesses políticos e comerciais se sobrepuseram às ideologias religiosas, provocando maior divisão entre os cristãos e diminuindo o ardor brotado em Clermont; havia então outros interesses que se impunham sobre a fé.

A segunda cruzada tinha como objetivo proteger Jerusalém, reforçar os territórios tomados pelos cristãos na primeira cruzada e, o principal, reconquistar Edessa. Se a primeira cruzada sentiu a falta dos nobres, esta segunda cruzada foi conduzida por eles. O objetivo principal – a reconquista de Edessa – não foi alcançado; pelo contrário, além de não retomá-la, os cristãos ainda perderam Jerusalém, que fora o principal objetivo da guerra santa. Ou seja, essa segunda cruzada foi um grande fracasso e os ataques muçulmanos continuaram até que, em 1187, Saladino tomou Jerusalém das mãos dos francos (FERNANDES, 2006:118). A vitória de Saladino causou indignação em toda a Europa e abriu caminho para uma terceira cruzada.

A perda de Jerusalém revoltou todos os cristãos. Incitados pelo papa, os principais monarcas da Europa decidiram-se a participar de uma nova cruzada:

A terceira cruzada iniciada em 1189 com o intuito de reconquistar Jerusalém daria continuidade à anterior tendência à desagregação das forças cristãs e contaria com a participação de personagens ilustres, como o rei da França, Felipe Augusto, e seu rival Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra. Frederico I Barbarossa, do Sacro Império germânico, morreria afogado em um rio a caminho da Terra Santa, o que promove uma dispersão das forças imperiais. As forças franco-inglesas ignoram o imperador bizantino e dirigem-se por mar diretamente a Acre, onde ajudam a tomar a cidade em 1191 para os cristãos. Findo o cerco, Felipe volta para resolver problemas internos em seu reino e Ricardo conduziria sozinho as ações subsequentes. No entanto, a inferioridade numérica perante os muçulmanos liderados por Saladino e a necessidade de abreviar sua presença no Oriente determina a celebração de importante acordo com os muçulmanos (...). Fechava-se um ciclo. Mesmo no Ocidente, começava-se a questionar o ideal religioso das cruzadas e o século XIII daria uma crescente ênfase comercial a esse movimento (FERNANDES, 2006:118).

Interesses comerciais vão claramente suplantando os ideais religiosos; mercenários mais do que fiéis combatem contra o Islã. Ainda assim surgiram novas expedições na tentativa de domínio da cristandade latina sobre o Oriente.

O acordo fechado entre Ricardo Coração de Leão e Saladino deu uma sobrevida aos cristãos no Oriente e às cruzadas, pois o acordo permitia a permanência dos cristãos na região. Assim, anos mais tarde, o então Papa Inocêncio III iria convocar a IV cruzada.

O papa Inocêncio III queria um programa de reforma da Igreja e esta reforma estava diretamente ligada à conquista da Terra Santa. Esses objetivos eram para ele inseparáveis (BASETI-SANI, 1968:14), ou seja, cem anos após a primeira cruzada, o ideal da guerra santa ainda era vivo na Igreja. O papa então convocou uma outra cruzada para conquistar Jerusalém. Os nobres que planejaram a campanha estabeleceram como primeiro objetivo o Egito, o mais rico e, paradoxalmente, o menos protegido dos Estados muçulmanos.

As três primeiras cruzadas não conseguiram aquilo que almejava Urbano II quando convocou a primeira cruzada. Se os cristãos se uniram para fazer a paz de Deus na Europa e a guerra de Deus no Oriente contra os inimigos de Cristo, essa unidade dos cristãos não durou muito, pois os territórios conquistados a partir de 1099 foram voltando ao domínio do Islã. O fosso entre a Igreja romana e a Igreja grega alargou-se ainda mais e a mentalidade européia, que era favorável à guerra, como se pôde ver na resposta à convocação do papa Urbano II, foi mudando com o passar do tempo e

ficando cada vez mais difícil manter a máquina de guerra. Não obstante a tudo isso, surgem novas campanhas:

O papa Inocêncio III, defensor acirrado da teocracia papal, convocou a IV cruzada (1202), mas só conseguiu manter uma influência teórica sobre o movimento. O motivo alegado da nova convocação era apoiar o que restara dos reinos francos após o tratado realizado entre Saladino e Ricardo Coração de Leão, além de conquistar o Egito.

Os interesses comerciais venezianos dariam o tom no encaminhamento dos preparativos, que não contariam com a presença de nenhum rei. A república de Veneza percebeu que teria de implantar uma autoridade política que reforçasse os instáveis vínculos comerciais com o império bizantino. Veneza oferece então transporte e provisões aos cruzados em troca de certa quantia e metade das conquistas realizadas pelos cruzados. O próprio doge de Veneza, Enrico Dandolo, conduz a cruzada (FERNANDES, 2006:119).

Os cruzados, ao invés de marchar sobre o Egito, fizeram um pacto com o filho de Isaac II, que fora deposto do trono bizantino, com a finalidade de lhe restituir o poder. Os cruzados o ajudariam a recuperar o trono que havia perdido nas disputas da família real e os mercadores de Veneza receberiam, em troca, o monopólio do comércio de Constantinopla, que era o mais importante centro comercial da época. Além disso, os cruzados teriam pagas as despesas de transporte até o Egito e a Igreja grega seria submissa à Igreja romana (FERNANDES, 2006, 120).

A frota veneziana chegou a Constantinopla em meados de 1203 e os cruzados reconduziram Isaac ao trono, porém a presença dos cruzados naquela cidade causou tanto desagrado que acabou gerando uma revolta popular, depondo logo o imperador e o acusando de ser excessivamente pró-latino. Os cruzados foram obrigados a sair da cidade e mantiveram-se insatisfeitos por não terem recebido as contrapartidas previstas no acordo com Isaac, até que, em abril de 1204, invadiram e saquearam a cidade pela parte identificada como Corno de Ouro (FERNANDES, 2006:120).

O desastre da quarta cruzada (1204) em nada alterou a convicção de que só pela força militar se conseguiria vencer o Islã (BASETI-SANI, 1968:16). O papa Inocêncio III estava convencido de que a reforma espiritual da Igreja estava diretamente associada à reconquista do sepulcro de Cristo, pois o Islã é inimigo da cruz de Cristo e a presença do Islã em Jerusalém constituía a maior das afrontas feitas a Jesus Cristo, expulso de seu Reino que, com seu próprio sangue, adquirira. O papa enaltece a cruzada como uma obra salvífica, associada à paixão e morte de Jesus, portanto a libertação do santo sepulcro é encarada como o prêmio reservado por Deus a uma cristandade espiritualmente renovada (BASETI-SANI, 1968:16).

Diante do resultado vergonhoso da quarta cruzada, o papa Inocêncio III, durante o IV Concílio de Latrão, em 1215, conclama a cristandade latina à quinta cruzada, que acaba partindo em meados de 1217 (FERNANDES, 2006:121). É provável que Francisco de Assis tenha tomado parte neste concílio (CROCOLI, 2006:129). Findado o evento, mais uma vez bispos, padres e pregadores ambulantes saem pela Europa pregando e convocando uma nova cruzada contra os infiéis.

Se o vigor religioso das cruzadas perde forças, é importante observar que, paralelo às cruzadas, há um grande crescimento comercial que vai abrir espaço para uma nova mentalidade européia, preparando assim o berço do capitalismo moderno, como poderemos ver a seguir.

#### **1.1.4 A expansão comercial**

Se entre os séculos VII e XII há uma grande expansão do Islã, junto ao alargamento religioso há também um grande crescimento comercial. O Mediterrâneo assiste comercialmente uma hegemonia por parte dos judeus e dos muçulmanos, mas, por outro lado, os comerciantes cristãos também têm desejos de novas rotas e de novos territórios para o comércio. “A ascensão do poder político-econômico dos árabes, muito zelosos na fé, influenciou decisivamente as relações com os cristãos da Europa Ocidental, porque esta começou a se sentir como que ameaçada por outra grande potência (...) O intercâmbio diplomático e comercial era intenso. A moeda árabe, o Dinar, detinha um status comparável ao do dólar de hoje” (CROCOLI, 2006:119).

Durante toda a história de outremer, a contenda objetiva entre Cristianismo e o Islã foi com freqüência obscurecida ou desviada por questões de vantagem econômica. As colônias francas localizavam-se numa área reconhecidamente próspera, que sem dúvida controlava algumas das maiores rotas comerciais do mundo. As ambições comerciais e financeiras dos colonos e seus aliados por vezes iam de encontro ao patriotismo religioso, e havia ocasiões em que suas necessidades humanas básicas exigiam amizade com seus vizinhos muçulmanos (RUNCIMAN, 2003:309).

Entre mais ou menos 1050 e 1250, uma hegemonia mercantil da Europa Ocidental cristã gradualmente suplantou a hegemonia muçulmana-judaico-grega que até então predominava. Isso deu origem ao capitalismo mercantil europeu, que mais tarde se estendeu por todo o mundo (FLETCHER, 2003:116).

A quarta cruzada talvez tenha sido a que deixou mais clara a importância dos anseios comerciais que foram suplantando o ardor religioso que foi, por assim dizer, o primeiro motor das cruzadas. Ao final da IV cruzada, Veneza finalmente conseguiu o monopólio comercial de Constantinopla que tanto almejava.

Ao lado de Veneza, cidades como Gênova e Barcelona tiveram grandes progressos. Esse progresso se dá exatamente no período das cruzadas, em que ideais religiosos caminhavam lado a lado com a busca de novos mercados. E assim nascia o capitalismo mercantil europeu que, mais tarde, se estenderia por todo o globo.

O mundo muçulmano era muito mais avançado que o mundo cristão. O Islã era marcado por cidades ligadas por um comércio regular; já a economia do Ocidente era predominantemente agrária, as cidades eram pequenas e distantes uma das outras. Esse avanço do mundo muçulmano frente ao Ocidente fez com que os muçulmanos demonstrassem muito pouco interesse pela cristandade latina ou ocidental: esta não tinha muito a oferecer às sociedades muçulmanas (FLETCHER, 2003:61).

Muitas alianças concluídas durante as cruzadas tinham claramente interesses comerciais, ou defendiam os mesmos. Muitas vezes o apoio recebido pelos cruzados tinha por trás interesses de domínio e/ou expansão de rotas comerciais, como na quarta cruzada, em que os venezianos apoiaram os cruzados com interesses claros de dominar o comércio em Bizâncio (FERNANDES, 2006:119).

A relação religiosa juntamente com o desejo de domínio de terras e mercados foi desencadeando um ódio crescente entre cristãos e muçulmanos, ódio que ficou ainda mais claro quando começaram as guerras “em nome de Deus”.

## **1.2 ÓDIO EM NOME DA RELIGIÃO**

Antes mesmo do surgimento do Islã, já era possível detectar certo preconceito dos cristãos em relação aos árabes. São Jerônimo os chamava de os filhos de Ismael, daquele que foi gerado pela escrava Agar e depois deixado no deserto, ou seja, era um povo que foi abandonado por Deus, era como que uma raça inimiga da raça humana, por isso eram marginalizados e deveriam ser, de certa forma, excluídos do convívio com os cristãos (FLETCHER, 2003:24).

Durante a expansão do Islã, o preconceito por parte dos cristãos não diminuiu, ao contrário, expandiu-se junto. Durante a guerra entre cristãos e muçulmanos, estes são

considerados “demônios”; chega-se a afirmar que quem mata um muçulmano não é um homicida, mas um malicida, está apenas preservando a humanidade do mal (JEUSSET, 1995:26). Bernardo de Claraval vai dizer:

Com toda tranqüilidade podemos dizer mal daqueles cuja maldade é sempre maior do que qualquer mal que deles se possa dizer. Filhos de Agar a escrava de Abraão; povo escravo do demônio; canalha que é preciso escorraçar da Terra Santa; imundície dos pagãos (JEUSSET, 1995:21).

A lista de expressões maledicentes com respeito ao Islã vai crescendo da mesma maneira que cresce o conflito durante os duzentos anos de guerra declarada. A palavra de Deus chega a ser justificativa para a guerra: os muçulmanos roubaram nossas terras, não é uma questão nem religiosa e nem racial. Para justificar a guerra santa, o papa teria citado o Sl 79: “Ó Deus, os pagãos invadiram a tua terra e profanaram o teu templo santo (JEUSSET, 1995:23).

No tocante a Mohamed, o preconceito não é menor: Mohamed não vale um chavo (JEUSSET, 1995:26). Em carta dirigida aos cristãos, Inocêncio III vai dizer: “Apareceu um filho da perdição, um falso profeta chamado Mohamed (JEUSSET, 1995:59). Alguns frades franciscanos pregam em Andaluzia: “Somos católicos romanos. Vimos anunciar-vos a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, levando-vos a abandonar Mohamed, esse vil escravo do demônio (JEUSSET, 1995:102). Em Marráquexe os mesmos frades gritam em praça pública: “Mohamed conduz-vos por um caminho de falsidade e de mentira para a morte eterna, onde está a ser atormentado, juntamente com todos os seus sequazes (JEUSSET, 1995:104).

Interessante notar a força do preconceito que atinge toda a mentalidade européia, nos escritos de Francisco de Assis, fundador da ordem dos frades menores; não há qualquer menção desrespeitosa em relação ao Islã ou a seus seguidores; no entanto, freis franciscanos são martirizados no Marrocos justamente por causa de expressões de desrespeito para com o Islã e seu fundador. Francisco é apenas um irmão menor, não se vê uma só palavra ou alusão ferina quanto ao islão em seus escritos: coisa rara naquela época, mesmo entre os santos (BEER, 1982:22).

Na carta Quia Maior, Inocêncio III chama Mohamed de impostor e primogênito de Satanás, além de chamar o Corão de véu da escuridão (CURSO, 2000:9).

A ascensão do poder político-econômico dos árabes, muito zelosos na fé em Mohamed, influenciou decisivamente as relações com os cristãos da Europa

Ocidental, porque esta começou a se sentir como que ameaçada por outra grande potência. A Igreja passou a combater sistematicamente o islamismo, minando-o a partir de sua dimensão religiosa; contudo, outros interesses também estavam em jogo. Desencadeou-se uma campanha de “denegrição” da fé no Alcorão e no profeta Mohamed. Levantavam-se fábulas absurdas a respeito de Mohamed. Identificavam-no como o “impostor”, como o novo Ario, como a besta do Apocalipse, com o anti-Cristo, com o demônio encarnado. Era um tempo de preconceitos e de antipatias recíprocos. “A mentalidade dos cristãos da época, ao invés de uma guerra de defesa, queria uma guerra de extermínio total dos muçulmanos” (CROCOLI, 2006:119).

Frades franciscanos percorreram países para difundir aquilo que era idéia comum na Europa, um preconceito em nome de Deus. Se em determinado momento se tem uma idéia de que o Islã era uma heresia, no século XII e XIII percebeu-se que é uma outra religião e uma religião que deveria ser exterminada por que era obra do demônio. Os frades franciscanos martirizados no Marrocos provocaram claramente o martírio ao insultar publicamente a religião do Islã e a figura de Mohamed. Na celebre praça de Marráquexe, os frades menores apregoavam a superioridade da fé cristã e insultavam o islame e seu profeta. Foram presos e libertados vinte dias depois, e mesmo assim voltaram para a praça e recomeçaram seu discurso: “Mohamed conduz-vos por um caminho de falsidade e de mentira para a morte eterna, onde está a ser atormentado, juntamente com todos os seus sequazes (JEUSSET, 1995:104).

Uma oração pelas cruzadas prescrita pelo IV Concílio de Latrão deixa muito clara a aversão do Cristianismo para com os muçulmanos e os “motivos” cristãos para que se fizesse a cruzada, como se pode ver:

Ó Deus, os pagãos invadiram a tua terra, profanaram o teu Santo Templo, reduziram Jerusalém a um montão de ruínas.  
Lançaram os cadáveres de teus servos para alimento dos abutres, e os corpos dos teus fiéis aos animais selvagens.  
Derramaram sangue como água por toda a cidade de Jerusalém e ninguém lhes pode dar sepultura.  
Tornamo-nos objeto de mofa para as nações vizinhas, de risota e escárnio para quem nos rodeia.  
Até quando, Senhor, continuarás indignado? Até quando durará o fogo abrasador do teu ciúme?  
Não nos faça pagar pelas faltas de nossos antepassados; venha quanto antes sobre nós a tua misericórdia, porque chegamos ao limite de nossas forças!  
Socorre-nos, ó Deus, nosso Salvador, para a glória do teu nome! Livra-nos e perdoanos, pela tua honra e bom nome!  
Porque hão de perguntar os pagãos: “Onde está o Deus deles?”  
Mostra a essa gente, diante dos nossos olhos, que o sangue dos teus servos não fica sem vingança!  
Cheguem aos teus ouvidos os gemidos dos cativos! Com teu poder sem limites, salva a vida dos que estão condenados à morte!  
E nós, teu povo e ovelhas do teu rebanho, glorificar-te-emos para sempre, e cantaremos os teus louvores por todos os séculos (JEUSSET, 1995:244).

Se, de um lado, os cristãos alimentavam preconceitos em relação ao Islã, do outro, os muçulmanos consideravam os cristãos como uma “raça” inferior com a qual não precisava se preocupar, ou, como infiéis que precisavam ser expulsos dos lugares santos, como a cidade de Jerusalém, para que essa pudesse ser purificada, como aconteceu quando Saladino retomou Jerusalém dos cruzados, mandando que toda a cidade fosse purificada da presença dos infiéis:

A reconquista de Jerusalém por Saladino, em 1187, despertou mais profundamente na alma muçulmana a devoção e o apego à Cidade Santa, que também para o Islão é lugar sagrado. De novo ali voltavam para rezar, onde já em tempos existira o templo de Salomão. Restabelecera assim Saladino o domínio dos “verdadeiros crentes” na Terra Santa. Mal acabara de entrar em Jerusalém, a 2 de outubro de 1187, dia em que os muçulmanos celebram liturgicamente o milagre da ascensão noturna de Mohamed, logo Saladino deu ordens para que se restaurasse a Mesquita do Rochedo, bem como a de al-Aqsa, anunciando ao mundo muçulmano que al-Quds, a Santa (cidade) fora purificada pela presença dos infiéis (BASETI-SANI, 1968:15).

Esse ódio em nome da religião fez com que também os muçulmanos se vissem obrigados a reagir diante das cruzadas e, fosse convocado em todo o Islã o jihad sagrado (guerra santa).

### **1.3 O JIHAD**

O dever do jihad, como os outros, baseava-se nas palavras do Corão, como se vê na Sura 9:123, que faz, de certa forma, uma conclamação ao jihad no combate contra o infiel: “Ó vós que credes! Combatei os renegadores da fé, que vos circunvizinham e que estes encontrem dureza em vós e sabeis que Allah é com os piedosos”.

Com a tomada de Jerusalém pelos cristãos em 1099, muçulmanos, judeus e até cristãos foram massacrados. Um grande pavor tomou conta de muitos muçulmanos que presenciaram ou souberam da chacina contra os jerosolimitas e entre os muçulmanos surgiu um clamor para que alguém pudesse lutar em favor da fé islâmica:

Foi de fato, na sexta feira 22 do tempo de Chaaban, do ano 492 da Hégira, que os franj<sup>12</sup> se apossaram da Cidade Santa, após um sítio de quarenta dias. Os exilados

---

<sup>12</sup> Segundo Amin Maalouf, o termo mais fácil para designar os ocidentais, especialmente os franceses, é franj: “O conceito que designa os francos é transcrito pelos árabes de diferentes formas segundo as regiões, os autores e os períodos das invasões (faranj, faranjat, ifranj, ifranjat). Para unificar, escolhemos o mais conciso e, sobretudo, o que serve hoje ainda à fala comum para indicar os ocidentais, mais

ainda tremem cada vez que falam nisso, seu olhar se esfria como se eles ainda tivessem diante dos olhos aqueles guerreiros louros, protegidos de armaduras, que espalham pelas ruas o sabre cortante, desembainhado, degolando homens, mulheres e crianças, pilhando as casas, saqueando as mesquitas. Dois dias depois de cessada a chacina não havia mais um só muçulmano do lado de dentro das cidades. (...) Outros jaziam aos milhares, em poças de sangue nas soleiras de suas casas ou nas proximidades das mesquitas. Entre eles, um grande número de imãs, ulemás e ascetas sufis que haviam deixado suas terras para viverem um retiro piedoso nesses santos lugares (MAALOUF, 114:12).

A tomada de Jerusalém pelos cruzados, em 1099, aumentou ainda mais a distância entre cristãos e muçulmanos, “em vez de derrubar a barreira de ódio existente entre a cristandade ocidental e o Islã, os cruzados erguiam maciças muralhas de pedras para afastar seus vizinhos” (ARMSTRONG, 2000:330). Essas muralhas provocaram uma reação no mundo islâmico, num processo de busca de unidade e de reconquistas dos territórios perdidos para os cristãos.

Se o jihad tinha, a princípio, a idéia de proteção e expansão do Islã, com as cruzadas ela se reforça no caráter de defesa. “O jihad não era uma obrigação individual de todos os muçulmanos, mas da comunidade, de fornecer um número suficiente de combatentes. Após a grande expansão do Islã nos primeiros séculos, e com o início do contra-ataque da Europa ocidental, o jihad tendeu a ser encarado mais em termos de defesa que de expansão” (HOURANI, 1994:164).

Se a desunião dos muçulmanos favoreceu a tomada de Jerusalém pelos cristãos, logo após a tomada da cidade foi a vez dos cristãos começarem a se desagregar, gerando dificuldade na administração e manutenção do que fora conquistado com a guerra até então.

Foram muitas as batalhas em busca de uma unidade dos muçulmanos e de uma liderança que pudesse conduzir o jihad contra os infiéis. Muitas vezes guerras internas e até mesmo alianças entre francos e muçulmanos dificultaram a reconquista por parte dos muçulmanos; contudo, aos poucos foram surgindo líderes que conseguiram unificar o mundo árabe e expulsar do Oriente aqueles que o invadiram.

Assim, logo após a tomada de Jerusalém, em 1099, os francos partiram para tentar tomar Trípoli, onde encontraram a resistência do cádi Fakhr el-Mulk, que combateu contra os cruzados e convocou os muçulmanos para o jihad contra os infiéis:

---

particularmente os franceses: franj”. MAALOUF, A. *As cruzadas vistas pelos árabes*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 12.

Em 1104 ocorre uma operação espetacular em Trípoli: toda a guarnição de Trípoli efetua uma saída em massa sob a direção do cádi: vários guerreiros francos são massacrados e uma ala da fortaleza é incendiada. O próprio Saint-Gilles é surpreendido sob um dos tetos em chamas. Gravemente queimado, ele morre, cinco meses mais tarde, tendo passado por atrozes sofrimentos. Durante sua agonia, ele pede para ver os emissários de Fakhr el-Mulk e propõe-lhes um trato: os tripolitanos cessariam de atacar a cidade, em troca do chefe franco se comprometer a não mais atrapalhar o tráfego dos viajantes e das mercadorias. O cádi aceita (MAALOUF, 1994:79).

Na verdade os dois grupos esperam por socorro. Os franj esperam a chegada de uma frota cristã e os tripolitanos esperam que um exército muçulmano venha em socorro deles.

Após a batalha em Trípoli, Fakhr el-Mulk propagou a idéia do jihad contra os franj em Bagdá. Ele é “recebido de palácio em palácio, é interrogado pelo sultão, o califa e seus colaboradores sobre o sítio da cidade, enquanto toda Bagdá louva sua bravura no jihad contra os franj” (MAALOUF, 1994:79).

Começa assim um longo processo suscitando líderes que conduziram com bravura o jihad até a reconquista de Jerusalém, em 1187, sob a liderança de Saladino, mas antes de falarmos de Saladino é preciso deter-nos naqueles que prepararam caminhos para que este pudesse se tornar o grande líder dos muçulmanos. Em especial, três grandes líderes organizaram esse caminho que restabeleceu “a glória” aos muçulmanos, expulsando os invasores.

O primeiro desses líderes foi o turco Ilghazi, que assumiu o governo de Alepo, cidade que, sob seu comando, esteve na vanguarda do jihad contra os francos.

No sábado, 28 de junho de 1119, Ilghazi conduziu uma batalha entre Alepo, liderada por ele, e Antioquia, liderada por Sire Roger. Kamaledin, cronista muçulmano, nos conta a cena:

Ilghazi fez seus homens jurarem combater com valentia, resistir firmemente, não recuar e oferecer suas vidas pelo jihad. Depois, os muçulmanos desdobraram-se em pequenas vagas e vieram colocar-se, para passar a noite, ao lado das próprias de Sire Roger. Bruscamente, ao nascer do sol, os franj viram aproximar-se os estandartes dos muçulmanos que cercavam por todos os lados. O cádi Ibn al-Khachab avançou. Montado numa égua, com a lança na mão, levou os nossos para a batalha. Ao vê-lo, um dos soldados exclamou num tom de desprezo: “Teríamos vindo de nossa terra para seguir um turbante?”, mas o cádi marchou em direção às tropas, percorreu suas fileiras e, para exercer sua energia e motivar seu ânimo, dirigiu-lhes um discurso tão eloqüente que os homens choraram de emoção e reverenciaram longamente. Atacaram de todos os lados ao mesmo tempo. As flechas voavam como nuvem de gafanhotos. O exército de Antioquia está dizimado. O próprio Sire Roger é encontrado estendido entre os cadáveres com a cabeça partida na altura do nariz (MAALOUF, 1994:94).

Três anos após a batalha, Ilghazi morreu destruído pelo álcool, sem aproveitar suas glórias. Seu sobrinho Balak assumiu seu lugar, mas morreu pouco tempo depois. Com a morte de Balak, surgiu outro grande líder, Zinki, que continuou o jihad e a reconquista. Ele se tornou senhor de Mossul e Aleppo, importantes cidades para a resistência dos muçulmanos. Tempos depois, foi celebrado como “primeiro grande combatente do jihad contra os franj” (MAALOUF, 1994:117).

Durante dezoito anos, este guerreiro incansável percorreu a Síria e o Iraque, dormindo sobre a palha para proteger-se da lama, combatendo alguns, fazendo pactos com outros, tramando intrigas contra todos. Ele nunca pensou em residir tranquilamente num dos numerosos palácios de seu vasto território.

Sob as muralhas de Baarin, num vale cultivado, que tem lugar a primeira batalha importante entre Zinki e os franj, o que pode espantar, quando se sabe que o atabeg já é o senhor de Aleppo há mais de nove anos. O combate será curto, mas decisivo. Em poucas horas, os ocidentais, esgotados por uma longa caminhada forçada, são derrotados em número e desbaratados (MAALOUF, 1994:119).

Entre as batalhas de Zinki, a mais importante para a luta de reconquista foi, sem dúvida, a retomada de Edessa, com os cruzados desunidos. Esse líder dos muçulmanos foi ganhando cada vez mais espaço no jihad, uma vez que “os islamitas finalmente renunciavam a seu destrutivo partidarismo e se uniam sob a liderança de um homem forte, que liderou os muçulmanos na retomada de Edessa no ano de 1144” (ARMSTRONG, 2000:333).

Sábado, 23 de dezembro de 1144, a cidade de Edessa, capital do mais antigo dos quatro estados francos do Oriente, caiu em mãos do Atabeg Imadeddin Zinki. Se a queda de Jerusalém em 1099 marcou o fim da invasão franca, e a de Tiro em julho de 1124 o término da fase de ocupação, a reconquista de Edessa ficará na história como o coroamento da resposta árabe aos invasores, bem como o início da longa caminhada para a vitória (MAALOUF, 1994:127).

Dois anos após a retomada de Edessa, Zinki, convertido em herói pelos muçulmanos, morreu assassinado. Sucedeu-lhe então o seu filho Mahmoud, mais conhecido como Nur-ad-Din (Luz da Fé), sunita devoto que estava disposto a empreender uma guerra santa contra os francos e os xiitas, dando continuidade ao jihad.

O Alcorão condena a guerra, mas ensina que, infelizmente, às vezes é necessário lutar contra a opressão e a perseguição para preservar os valores dignos<sup>13</sup>.

Se há pessoas exterminadas ou expulsas de suas casas, se seus santuários são destruídos, os muçulmanos têm o dever de empenhar-se numa guerra justa de autodefesa (ARMSTRONG, 2000:336).

Nureddin continuou o jihad contra os invasores e, com suas qualidades e liderança, conclamou o Islã à unidade e à reconquista da Cidade Santa. Ele era

um homem piedoso, reservado, justo, cumpridor da palavra dada e totalmente devotado ao jihad contra os inimigos do Islã. Ele propõe aos muçulmanos uma espécie de bandeira: “uma só religião, o Islã sunita, o que implica uma luta encarniçada contra todas as “heresias”; um só estado, para cercar os franj por todos os lados; um só objetivo, o jihad, para reconquistar os territórios conquistados e, sobretudo libertar Jerusalém (MAALOUF, 1994:138).

Sob a liderança de Nureddin, o Islã conquistou muitas vitórias; uniu as cidades de Alepo e Damasco com inteligência e sem derramamento de sangue. “É Nureddin quem fará do mundo árabe uma força capaz de esmagar os franj, e é seu comandante Saladino quem irá colher os frutos da vitória” (MAALOUF, 1994:127).

Em 1147, milhares de cruzados chegaram ao Oriente, mas resolveram atacar Damasco, uma cidade aliada dos próprios franj; com isso, prestaram um grande serviço à resistência árabe, em um momento que os árabes sentiam medo da derrota e os cruzados se voltavam contra seus próprios aliados.

Em junho de 1149, Nureddin consegue esmagar o exército do príncipe de Antioquia. Tendo assim afastado toda ameaça franca na Síria do Norte, o filho de Zinki tem as mãos desatadas para consagrar de agora em diante todos os seus esforços à realização do velho sonho paterno: a conquista de Damasco (MAALOUF, 1994:143).

A conquista de Damasco se deu sem derramamento de sangue e com profunda astúcia de Nureddin, que vai minando a resistência dos líderes de Damasco com muita sabedoria. Durante o cerco a Damasco, ele escreve uma carta aos seus dirigentes:

Apenas os numerosos lamentos dos muçulmanos têm me motivado a atuar assim, pois os camponeses foram despojados de todos os seus bens e separados de seus filhos pelos franj, e eles não têm ninguém para os defender. Levando em conta o poder que Deus me confiou para socorrer os muçulmanos e fazer a guerra aos infiéis, levando em conta a quantidade de riquezas e de homens de que disponho, não me é permitido descuidar dos muçulmanos e não tomar a sua defesa. Sobretudo quando conheço vossa incapacidade em proteger vossas províncias, e vossa fraqueza

---

<sup>13</sup> O Corão diz, na sura 22,39: “É permitido o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. E, por certo, Allah, sobre seu socorro é Onipotente”.

que vos levou a pedir socorro aos franj e a lhes entregar os bens de vossos súditos mais pobres, que lesais criminosamente. Isso não agrada a Deus nem a nenhum muçulmano! (MAALOUF, 1994:144)

No primeiro instante não conseguiu vencer a resistência de Damasco, que pedira ajuda aos franj, mas não desistiu de sua empreitada e, um ano depois, ele escreveu outra carta aos chefes de Damasco: “Não quero apenas o bem-estar dos muçulmanos, o jihad e a libertação dos prisioneiros que eles detêm. Se vós vos colocardes a meu lado com o exército de Damasco, se nós nos ajudarmos mutuamente a conduzir o jihad, minha vontade será satisfeita” (MAALOUF, 1994:145). No domingo, 25 de abril de 1154, Nureddin tomou Damasco sob seu poder sem combate e sem derramamento de sangue. Agora Alepo e Damasco estavam unidas sob um só líder, um príncipe de 37 anos, firmemente decidido a se consagrar a luta contra a ocupação.

Entre 1163 e 1169, a batalha se transfere para o Egito e, em 1169, Saladino se torna Senhor do Egito e daquele país ele expande seu poder até se tornar o maior soberano no jihad contra os franj. “Embora a fé profunda de Saladino o orientasse mais para discussões teológicas, certas pressões dos seus obrigaram-no a pegar em armas, primeiro contra os xiitas. E mais tarde contra os franj” (JEUSSET, 1995:46).

Saladino conseguiu unificar boa parte do mundo muçulmano sob seu comando, mas era um homem aberto ao diálogo e à paz. “Em 1174, Saladino conquista Damasco e, em 1183, entra triunfante em Alepo. Agora a Síria e o Egito têm um só líder” (MAALOUF, 1994:174).

Num momento em que os cristãos precisavam de uma liderança forte, o jovem rei Balduíno IV contraiu lepra; os barões do reino franco apoiaram um regente, Raimond, que era conde de Trípoli, a relação desses com Saladino era amigável, mas havia um grupo favorável à guerra que mantinha contínuas provocações.

O mais notório dos belicistas era Reynauld de Chatillon, que, violando as tréguas negociadas entre Raimond e Saladino, atacava caravanas islâmicas e por duas vezes tentou, sem sucesso, investir contra Meca e Medina. Para ele, o ódio ao Islã e a oposição absoluta ao mundo muçulmano constituíam um dever sagrado, o único patriotismo verdadeiro (ARMSTRONG, 2000:337).

Após a morte do rei leproso em 1185, e também de seu filho, o governo franco ficou nas mãos de Guy de Lusignan, que era cunhado do rei leproso. Guy foi, de certa forma, manipulado por Reynauld e empreendeu uma grande batalha contra os muçulmanos em 1187. “O resultado foi uma esmagadora vitória islâmica na batalha de

Hattin, perto de Tiberíades. O reino cristão de Jerusalém estava perdido” (ARMSTRONG, 2000:337). Saladino deixou fugir Raymond, mas matou com as próprias mãos Reynauld (MAALOUF, 1994:181).

Nos dias 3 e 4 de julho de 1187, houve uma grande batalha entre os franj e os muçulmanos, na qual os franj foram arrasados. Sob o domínio de Saladino, os muçulmanos tomavam cidade por cidade:

Começa o cerco a Jerusalém em 20 de setembro de 1187 (...). E na sexta feira, dois de outubro de 1187, o 27 rajab do ano 583 da hégira, no mesmo dia em que os muçulmanos festejam a viagem noturna do profeta a Jerusalém, Saladino faz sua entrada solene na cidade santa. Não haverá massacre nem pilhagem. Os franj podem fazer peregrinação quando quiserem. A cruz franca, instalada na cúpula do Rochedo, é recolhida; e a mesquita Al-Aqsa, que tinha sido transformada em Igreja, se torna um lugar de culto muçulmano, depois que seus muros foram aspergidos com água de rosas (MAALOUF, 1994:186).

A retomada de Jerusalém por Saladino fez com que os cristãos do Ocidente organizassem novas cruzadas para tentar retomar a cidade. Ao nosso trabalho, porém, interessa mais a V cruzada, da qual Francisco de Assis “participou” e na qual teve a oportunidade de se encontrar com Malek-al-Kamil, senhor do Egito e sobrinho de Saladino.

#### **1.4 A V CRUZADA**

Em 1187, os muçulmanos retomaram Jerusalém dos cruzados. Alguns anos depois, em 1202, o papa Inocêncio III convocou a IV cruzada, mas a autoridade do papa sobre o movimento era apenas teórica. Ao invés de lutar por Jerusalém, os cruzados rumaram para Constantinopla, invadiram e saquearam a cidade. Com essa invasão de Constantinopla, a IV cruzada terminou em retumbante fracasso e aumentou ainda mais o fosso que separava as Igrejas do Oriente e do Ocidente, mas nem isso arrefeceu o desejo do papa de uma cruzada contra os muçulmanos; as cruzadas agora ganhavam cada vez mais um tom comercial. Sendo assim, os interesses comerciais venezianos deram o tom no encaminhamento da IV cruzada. “Os cruzados já convertidos a uma condição de mercenários deveriam, ainda, no caminho, prestar um serviço aos

venezianos: conquistar a cidade de Zara, no litoral Adriático, ocupada pelo rei da Hungria” (FERNANDES, 2006:119).

Mas, na cabeça do papa, era preciso retomar o túmulo de Cristo, pois a reforma que ele queria para a Igreja estava diretamente vinculada à retomada de Jerusalém. Assim, em 1215, ele convocou o IV Concílio de Latrão e, durante este evento, conclamou mais uma vez a Cristandade contra o Islã (JEUSSET, 1995:56). Assim, o papa escreveu uma carta “diplomática” ao sultão al-Adil exigindo que este lhe devolvesse Jerusalém, mas, ao mesmo tempo, enviou carta aos cristãos reanimando-os e convocando-os para uma nova cruzada. Nesta carta, como se segue, ofendia abertamente aos muçulmanos e convocava os cristãos para destruí-los pela espada:

Apareceu um filho da perdição, um falso profeta, chamado Mohamed, que com o engodo de prazeres mundanos e o atrativo de volúpia carnal, arranjou meios de seduzir muita gente, desviando-a dos caminhos da verdade. Embora a sua perfídia tenha triunfado até este momento, depositamos, no entanto, a nossa confiança no Senhor, que já nos tem inspirado o que há de fazer, e esperamos ver chegar em breve o fim desta Besta, cujo número, segundo o Apocalipse de São João, corresponde a 666... Desses anos já transcorreram cerca de 600 (JEUSSET, 1995:59).

A Europa estava convencida de que o Islã não iria muito longe, seu fim estava próximo, como se fazia acreditar algumas profecias milenaristas. Nestas profecias se reconhecia o profeta Mohamed como a Besta do Apocalipse, e o Islã era considerado como a encarnação do mal, o Anti-Cristo. O fim estava próximo, era preciso lutar ao lado de Cristo e vencer o inimigo.

O IV Concílio de Latrão foi convocado pelo papa Inocêncio III através da Bula *Vineam Domini Sabaoth*, de 10 de abril de 1213. Foram convidados a participar desta assembléia não somente os líderes eclesiásticos regulares e seculares, como também autoridades laicas (SILVA, 2008).

O concílio tinha a preocupação de estruturar a vida da Igreja com uma grande reforma, reforma esta que passava pela vitória sobre os grupos de hereges, entre eles os muçulmanos. Segundo o cânone 3 do IV Concílio de Latrão, toda a heresia está dirigida contra a fé santa, católica e ortodoxa, sendo um perigo para a unidade da fé da cristandade. Os diversos grupos hereges são vistos como um bloco único e coeso: “Condenamos a todos os hereges sob qualquer denominação com que se apresentem; embora seus rostos sejam diferentes, estes se encontram atados por uma cola, pois a vaidade os une” (Cânone 3, em SILVA, 2008).

Além dos hereges, o Concílio tratou também dos chamados excluídos, entre eles os judeus e os muçulmanos. Ou seja, os muçulmanos deviam ser derrotados como hereges e como excluídos. “Os cânones que tratam dos excluídos ressaltam a necessidade de manter-se intacta a identidade e a hegemonia cristã” (Cânone 68, em SILVA, 2008).

Com esta mentalidade e a necessidade de se reformar a Igreja a partir da conquista de Jerusalém, o papa Inocêncio III convocou a V cruzada. Ela se dirigiu ao Egito, até a cidade de Damietta, que se acreditava ser o ponto mais vulnerável para se atacar o Islã e serviria como base para futuras operações de guerra. Havia uma idéia clara que nenhum resultado das cruzadas seria satisfatório se não se passasse pelo Egito (JEUSSET, 1995:61).

Os exércitos cristãos acamparam às margens do Nilo. João de Briene, responsável pelo reino Franco de Acre, comandava o exército cristão, mas com a chegada do cardeal Pelágio, legado do papa, o comando da expedição ficou sob sua responsabilidade. Sabe-se que o cardeal Pelágio era um homem de pouca diplomacia. O cardeal Pelágio e sua expedição chegaram ao acampamento cristão em metade de setembro, e sua chegada a Damietta causou problemas imediatos. João de Briene fora aceito como líder da cruzada. No entender de Pelágio, como legado devia ser ele o único encarregado. Pelágio não se submeteria a qualquer ordem do rei João (RUNCIMAN, 2003:143).

Dezenas de milhares de combatentes se reuniram diante da cidade de Damietta, que controlava o braço esquerdo do Nilo; al-Kamil<sup>14</sup>, filho do sultão al-Adil e sobrinho de Saladino, foi enviado para combater os cruzados, mas ficou assustado com o número de soldados da parte dos cristãos. Al-Kamil era um homem piedoso e aberto a negociações de paz. Paz que ele ofereceu várias vezes a Pelágio, mas o cardeal não aceitava negociar (JEUSSET, 1995:110).

Nesta V cruzada tomou parte Francisco de Assis. Depois de tentativas frustradas, ele finalmente conseguiu ir até junto aos sarracenos. Chegou a Damietta com alguns de seus frades e, depois de algum tempo no acampamento dos cristãos, obteve autorização para ir ter com al-Kamil, sultão responsável pelo Egito. As motivações de Francisco e sua presença junto ao sultão serão tratadas no próximo capítulo.

---

<sup>14</sup> Malek-al-Kamil, sultão do Egito, filho do sultão al-Adil e sobrinho de Saladino. Ver: JEUSSET, op. cit., 1995.

A V cruzada terminou sem que os cristãos conseguissem seus objetivos. Teremos ainda outras três cruzadas, mas cada vez mais se perdeu o ideal religioso e se impôs o caráter econômico, mudando o cenário do medievo e abrindo espaço para uma nova época para o Ocidente, época marcada pelo surgimento das nações e do capitalismo mercantilista.

No sábado, dia 28 de agosto, Pelágio perdeu as esperanças e enviou um emissário ao sultão para negociar a paz. Ainda dispunha de alguns elementos de barganha. Damietta tivera suas fortificações reforçadas e encontrava-se bem guarnecida e munida de armamentos; ademais, uma poderosa esquadra encontrava-se ao largo (...) os cristãos abandonaram Damietta e observariam uma trégua de oito anos, a ser confirmada pelo imperador. Os prisioneiros de ambos os lados seriam trocados. O sultão de sua parte restituiria a cruz verdadeira (...) A quinta cruzada estava encerrada. Havia chegado muito perto do sucesso. Se o exército cristão contasse com um líder capaz e respeitado, Cairo talvez tivesse sido ocupada e o governo aiubita do Egito seria destruído. (...) Pelágio era um sujeito insolente, desprovido de diplomacia e impopular, cujas falhas como general ficaram patentes naquela derradeira ofensiva desastrosa (RUNCIMAN, 2003:154-5).

No entanto, as expedições dos cristãos e a revanche dos muçulmanos durante as cruzadas conheceram um momento ímpar: em meio a uma guerra em nome de Deus, apareceu um homem de Deus que sonhava com a paz, Francisco de Assis. É sobre ele e seu encontro com Malek-al-Kamil que nós trabalharemos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### DURANTE – O ENCONTRO ENTRE FRANCISCO E MALEK-AL-KAMIL

#### 2.1 PEQUENA BIOGRAFIA DE FRANCISCO

“Havia um homem na cidade de Assis, de nome Francisco, cuja memória é abençoada, pelo fato que Deus, prevenindo-o benignamente com suaves bênçãos, tanto o arrancou com clemência dos perigos da presente vida quanto o cumulou profusamente com os dons da graça celeste”<sup>15</sup>.

Francisco nasceu em Assis no fim de 1181 ou no início de 1182; era filho de Pedro Bernardone, um rico proprietário e comerciante de tecidos, e de Joana, chamada senhora Pica. Seu nascimento se deu durante uma ausência do pai da Itália, que freqüentemente transpunha os Alpes para negócios (CONTI, 2004:17).

No batismo, a mãe deu-lhe o nome de João. Voltando de sua viagem à França, o pai começou a chamá-lo de Francisco, nome pelo qual ele ficou conhecido em sua cidade e que, ao mesmo tempo, tornou conhecida Assis, sua cidade natal, em todo o mundo (2Cel, FFC, 2004:302).

Foi introduzido pelo pai na arte dos comerciantes, arte que exercitou com habilidade por uma dezena de anos. Com a condescendência dos pais, viveu os ideais dos jovens de seu tempo, e isto até a idade de 25 anos, quando “pousou, pois, sobre ele a mão do Senhor, e transformou-o a destra do Altíssimo” (1Cel, FFC, 2004: 200).

Aos vinte anos, Francisco tomou parte ativa na guerra comunal entre Assis e Perúgia. Na batalha da Ponte San Giovanni, em novembro de 1202, os assisienses foram derrotados, e também Francisco, juntamente com muitos outros, foi feito prisioneiro (2Cel, FFC, 2004:303). Permanece no cárcere por um período aproximadamente de um ano (1203/4). De volta a Assis, foi atingido por uma longa doença (1204), durante a qual seu mundo interior começou efetivamente a mudar (1Cel, FFC, 2004: 200).

A visão do castelo e das armas reacendeu em Francisco o ideal de cavaleiro. Na primavera de 1205, decidiu associar-se a um nobre de Assis que estava fazendo os preparativos para novas batalhas, na esperança de ser logo condecorado com o cobiçado “grau de cavaleiro” (1Cel, FFC, 2004:201). Em meio à prisão, parecia estar cheio de

---

<sup>15</sup> BOAVENTURA, Legenda Maior (FFC, 2004:554).

alegria e a quem o interrogava sobre a causa de tanta alegria, ele respondia: “Que pensais de mim? Ainda serei venerado por todo o mundo” (LTC, FFC, 2004:792).

No caminho de Espoleto, como Paulo no caminho de Damasco (At 9), Francisco viveu uma experiência marcante em sua vida, na qual inverteu seu caminho e sua opção de vida e se firmou em um novo propósito; deixou de servir ao servo e passou a servir o Senhor, assim como fez o apóstolo Paulo; essa é a interpretação de Celano:

De fato, enquanto dormia numa noite, alguém lhe fala pela segunda vez por meio de uma visão e pergunta solicitamente para onde pretendia dirigir-se. Ao narrar-lhe seu propósito e dizer-lhe que partia para a Aspúlia para tornar-se cavaleiro, foi interrogado solicitamente por ele: “quem poderia ser-te mais útil, o servo ou o Senhor?” Francisco disse: “O Senhor”. E ele disse: “Então, porque buscas o servo em lugar do Senhor?” E Francisco perguntou: “Senhor que queres que eu faça?”, e o Senhor disse-lhe: “Volta para a terra de teu nascimento, porque o cumprimento espiritual de tua visão acontecerá por meio de mim”. Ele volta sem demora, tornando-se modelo de obediência e, renunciando à própria vontade, de Saulo se torna Paulo. Este é derrubado, e os duros açoites geram palavras suaves; e Francisco troca as armas carnis e recebe a investidura divina em lugar de glórias da cavalaria. E assim, aos muitos que ficavam estupefatos pela sua insólita alegria, ele dizia que haveria de ser um grande príncipe (2Cel, FFC, 2004:304).

Tendo voltado a Assis, Francisco tem, de certa forma, a confirmação do chamado do Senhor, confirmação que se dá mais plenamente em dois encontros: com o leproso à beira do caminho, a quem Francisco deu o ósculo, e logo depois com o Crucificado na capela de São Damião, quando lhe é pedido pela restauração da Igreja (2Cel, FFC, 2004:308).

A mudança de vida de Francisco gerou conflitos com sua família, donde se deu uma perseguição por parte do pai, Pedro Bernardone, e do irmão, Ângelo Bernardone. O pai o leva até a praça de Assis, diante do bispo Guido, onde Francisco se colocou nu e devolveu ao pai as roupas que vestia, afirmando que, a partir daquele momento, poderia dizer: “Pai-Nosso que estais nos céus, não pai Pedro Bernardone, a quem devolvo, eis aqui não somente o dinheiro, entrego também todas as vestes. Portanto, dirigir-me-ei nu para o Senhor” (2Cel, FFC, 2004:309).

A partir daquele momento, iniciou-se para Francisco um período de experiência de vida eremítica que se estendeu por cerca de dois anos. Tomando o caminho para Gúbio, chegou ao mosteiro beneditino de São Verecundo, pediu hospedagem e aí permaneceu por algum tempo, colocando-se à disposição para trabalhos da cozinha. Retomou depois o caminho para Gúbio, onde recebeu de um velho amigo uma pobre túnica. Data deste período seu encontro com alguns ladrões, diante dos quais, com

palavra profética, se autodefiniu arauto do grande rei: “Eu sou arauto do grande Rei” (1Cel, FFC, 2004:208).

No verão de 1206 retornou a Assis, passando a morar nas proximidades de São Damiano e, interpretando literalmente as palavras do crucificado, dedicou-se à restauração daquela Igreja (1Cel, FFC, 2004:210). Neste meio tempo, depôs a roupa de secular e assumiu um hábito semelhante ao dos eremitas. Deste modo, Francisco se consagrou a Deus, declarando esta sua vontade diante da comunidade eclesial e sendo por todos reconhecido como religioso.

Segundo seus primeiros biógrafos, terminada a restauração da Igreja de São Damiano, Francisco restaurou uma segunda, a de São Pedro, e finalmente a Porciúncula, uma capela antiqüíssima dedicada à Bem-Aventurada Virgem Mãe de Deus. Estes anos de vida eremítica foram, para Francisco, um tempo de amadurecimento espiritual e, juntamente, tempo de paciente espera para que Deus lhe manifestasse o desígnio de sua vontade, tempo que ele passou na oração e no trabalho.

Francisco seguiu sua vida espiritual em busca de um entendimento sobre os propósitos do Senhor para sua vida. E, em uma celebração da liturgia, encontrou a passagem na qual Jesus envia seus apóstolos para anunciar a Boa Nova. Com a mediação do sacerdote, Francisco descobriu naquele texto o propósito de Deus para sua vida: “Se queres vir após mim, renega-te a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me” (Mt 16,24)<sup>16</sup>.

Francisco descobre naquele texto bíblico a resposta concreta de Deus à voz ouvida no caminho de Espoleto, reconhece a sua específica vocação-missão e, ao mesmo tempo, compreende que as palavras do Crucifixo de São Damiano – “Vai e restaura a minha casa” – se referiam ao anúncio do Evangelho, por meio do qual a Igreja de Cristo se constrói e se restaura. Ele não imagina a importância daquele 24 de fevereiro de 1208 para o futuro da sua vida, da Igreja; isto é, ele não imagina que se trata de uma pedra milenar, de uma daquelas intervenções extraordinárias de Deus que imprimem um novo impulso à história da salvação e que fazem progredir a humanidade no caminho da esperança. Arrancado pela palavra de Deus da vida eremítica e lançado às estradas do mundo. Francisco muda o hábito de eremita, assume um outro totalmente conforme ao descrito pelo trecho do Evangelho escutado e dá início àquela que será a sua missão evangelizadora e da sua Ordem, percorrendo cidades e aldeias para anunciar a todos o reino, a conversão e a paz (CONTI, 2004:22).

Alguns jovens se juntaram a Francisco em sua nova vida e quiseram com ele viver a graça de anunciar o Evangelho. Seus primeiros companheiros foram Bernardo de Quintavalle e Pedro Cattani; a esses se uniu Egídio (1Cel, FFC, 2004:214). E muito

---

<sup>16</sup>BOAVENTURA, Legenda Maior (FFC 557).

depressa o grupo alcançou o número de oito. Francisco se via assim, de certa forma, fundador de uma nova comunidade. Este momento, ele mesmo o recordou em seu testamento: “Depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que devia fazer; mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Evangelho” (Test, FFC, 2004:189). Bernardo queria, junto com Francisco, encontrar um modo de vida e a buscam no Evangelho. E, assim, quando amanheceu (Mt 27,1) entraram na Igreja e, tendo feito a oração com devoção, abriram o livro do Evangelho, dispendo-se a fazer o conselho que ocorrer primeiro. Abriram o livro e Cristo manifestou nele o seu conselho: “Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tem e dá aos pobres” (Mt 19,1). Abriram o Evangelho uma segunda vez e encontraram a passagem: “Nada leveis pelo caminho” (Lc 9,13). Abriram ainda uma terceira vez o Evangelho e encontraram a seguinte passagem: “Quem quer vir após mim, renegue-se a si mesmo” (Mt 16,24; Lc 9,23) (2Cel, FFC, 2004:311).

Assim, seguindo o Evangelho, Francisco e seus companheiros começaram o apostolado dos primeiros anos; nasceram as primeiras experiências missionárias e a vida de comunidade que, de certa forma, precisava de uma regra. Assim, no ano de 1209, Francisco escreveu a primeira regra da nova ordem e a submeteu ao exame de aprovação do Papa (2Cel, FFC, 2004:312). O papa Inocêncio III deu sua aprovação verbal à ordem e deu a essa mesma ordem o mandato de pregar a penitência (2Cel, FFC, 2004:313).

Depois da aprovação do papa, Francisco decidiu assim estabelecer sua residência na Porciúncula e, por isso, pediu o uso do lugar ao abade do mosteiro de São Bento do monte Subásio, do qual dependia a Igreja de Santa Maria dos Anjos. Também em Santa Maria dos Anjos Francisco acolheu a jovem Clara na noite do domingo de Ramos de 1212, e permitiu a ela que se consagrasse a Deus e partilhasse seu ideal apostólico. Nascia assim a ordem das damas pobres de São Damião<sup>17</sup>.

Fortalecido pelo “mandato” recebido pela Sé Apostólica, Francisco dá início ao seu mandato itinerante, que o levará também para fora da Itália e que se estenderá até 1224. Em 1211, projeta uma viagem à Síria, projeto não realizado porque ventos

---

<sup>17</sup> 1Cel, FFC, 2004: 210. No dia 18/19 de março, na noite de domingos de Ramos para segunda-feira, Clara fugiu da casa paterna e foi acolhida por Francisco e pelos demais irmãos na Porciúncula, onde ela se consagrou ao Senhor. Francisco, logo a seguir, a conduziu ao mosteiro das beneditinas de São Paulo de Bastia; após alguns dias, transferiu-a a Sant’Ángelo de Panzo. No dia 4 de abril, apenas quinze dias após sua fuga, já em Sant’Ángelo, Francisco recebeu Inês, irmã de Clara, que também havia fugido de casa. Pouco depois, Francisco fez umas adaptações em São Damião para as irmãs e transferiu-as para lá. Outras irmãs se uniram a elas, e Francisco se encarregou da formação espiritual delas. Ver: *Cronologia de São Francisco e Santa Clara* (FFC 85).

contrários empurraram o navio às costas da Dalmácia e daqui, por via marítima, retornando à Itália. Uma segunda tentativa de levar a palavra de Deus aos fiéis data de 1214/15 (ou 1213/14) com destino ao Marrocos, que Francisco tenta alcançar, passando pela França e pela Espanha; mas uma grave doença obriga-o a retornar a Assis. Somente em 1219 se realiza o seu desejo de anunciar aos infiéis, tendo embarcado em Ancona, chega a São João do Acre na Palestina e depois Damietta no Egito, onde, segundo o testemunho de Jacques de Vitry, Francisco se teria apresentado ao Sultão do Egito e lhe teria pregado o Evangelho (CONTI, 2004:26).

Em novembro de 1215, Francisco participou do IV Concílio de Latrão (CROCOLI, 2006:129). Este concílio, convocado por Inocêncio III no dia 19 de abril de 1213, reafirmava a necessidade de retomar a Terra Santa e a necessidade de reformar a Igreja como uma questão unificada. Francisco tentou desassociar a reforma da Igreja com a retomada da Terra Santa (BASETI-SANI, 1963:693).

O capítulo de Pentecostes de 1217 é um marco da história franciscana. Nele, de fato, foram tomadas algumas decisões importantes para a ordem, tais como as missões além dos Alpes e no Oriente Médio, a divisão da fraternidade franciscana em províncias e a nomeação dos ministros provinciais. A decisão de enviar outros frades além dos Alpes e ao Oriente Médio é renovada no capítulo de Pentecostes de 1219. Esta expedição missionária que vê desembarcar os primeiros frades em Marrocos e o próprio Francisco no Oriente Médio, tem a sorte de ter sido acompanhada por uma bula de Honório III de 11 de junho de 1219, com a qual o papa declara católicos Francisco e seus companheiros e convida os bispos a acolherem os que pertencem à nova ordem, porque os frades menores, a exemplo dos apóstolos, vão pelo mundo semeando a semente da palavra de Deus (CONTI, 2004:28).

Essa experiência de Francisco de ir junto aos muçulmanos foi central para nosso trabalho: “É impossível exagerar a importância da mudança ocorrida na vida e no espírito de Francisco de Assis em 1219. Em certo aspecto, à luz de seu fracasso em converter al-Malik-al-Kamil, esse foi o ano mais importante no processo de sua própria conversão; em outro, marcou o início de um aprofundamento do verdadeiro significado da cruz em sua vida e em sua conversão” (SPOTO, 2003:250). Assim buscamos compreender as motivações de Francisco para fazer tal viagem e quais os resultados da mesma na vida de Francisco.

Depois que voltou do Egito, já no ano seguinte, 1120, Francisco dirigiu-se a São João d’Acre e fô à Terra Santa. Em sua ausência da Itália, nomeou dois vigários, que começaram a introduzir novidades na ordem. A ordem entrou em processo de crise e Francisco pediu ao papa que nomeasse Hugolino como cardeal protetor da ordem, que a reorganizou (FFC, 2004:86).

Ainda em 1220, nomeou Pedro Cattani como seu vigário, mas esse morreu logo em seguida, em maio de 1221, no capítulo geral<sup>18</sup>. Desse modo, frei Elias foi nomeado vigário no capítulo geral da ordem; ficou pronta também a Regra não Bulada; reorganizou-se uma missão para Alemanha e ainda naquele ano o papa aprovou a Regra da Ordem Terceira.

Em 1222, Francisco pregou em Bolonha, visando extinguir inimizades e reformar os pactos de paz, onde muitas famílias acolheram sua pregação. No ano de 1223, Francisco redigiu a Regra definitiva em fonte Colombo. “A nova redação foi apresentada e discutida no capítulo geral em junho. Aos 29 de novembro, o papa Honório III aprovou-a com bula. O texto original encontra-se como relíquia no Sacro Convento de Assis. Na noite de Natal, Francisco celebrou em Greccio o nascimento de Jesus Cristo, diante de um presépio” (FFC, 2004:87).

Em 1224, Francisco se dirigiu ao monte Alverne com frei Rufino e frei Leão; na proximidade de 14 de setembro, Francisco teve uma visão de um Serafim Alado e recebeu os estigmas; sua saúde se debilitava cada vez mais. No ano seguinte, ele visitou Santa Clara; a enfermidade de seus olhos piorou e ele foi convencido por frei Leão a fazer um tratamento, mas de nada adiantou. Entre abril e maio, “depois de uma noite de tormentos pela dor e pelos ratos, compôs o cântico do Irmão Sol e, em junho, acrescentou ao cântico a estrofe sobre a paz, para a reconciliação entre o bispo e o podestá” (FFC, 2004:87).

Francisco tentou em vão vários tratamentos para os olhos, inclusive com os médicos do papa, mas de nada adiantou; sua saúde cada vez ficava mais precária até que, “no dia 3 de outubro de 1226, à tarde, Francisco morreu cantando. No dia seguinte, domingo, foi sepultado na Igreja de São Jorge, mas antes o cortejo fúnebre passou por São Damião, para ser venerado por Clara e suas irmãs” (FFC, 2004:88).

---

<sup>18</sup> A instituição central de uma ordem religiosa e a maior autoridade extraordinária de um grupo religioso. No início da ordem franciscana, o capítulo geral era constituído com a presença de todos os frades da ordem; tempos depois, em função das dificuldades naturais para se reunir tantas pessoas, o capítulo geral passou a ser formado pela reunião dos frades delegados pelas diversas comunidades da ordem. “O capítulo geral foi introduzido pelos cistercienses e estendido a todas as ordens pelo IV Concílio de Latrão. É o único capítulo verdadeiramente obrigatório, em força do direito comum. Quanto à composição, ao modo de eleição etc., assim como quanto ao que se refere aos capítulos e assembleias, devem levar-se em conta as diversas tradições dos institutos religiosos, onde podem prevalecer as idéias de representatividade, fraternidade, eficiência ou outras, de acordo com o que estiver determinado nas constituições.” *Código de Direito Canônico*, p. 293 – nota Cânon 631.

## 2.2 POR QUE FOI FRANCISCO?

Essa é uma pergunta-chave para nossa reflexão. O que motivou Francisco a deixar seu mundo e ir até o Egito e, no Egito, deixar seu acampamento e ir até o sultão, por que foi Francisco desarmado em plena guerra? O que fez com que Francisco deixasse a sua margem para atravessar para o outro lado: o Evangelho? O martírio? A paz? O diálogo? Muitas são as possíveis causas de sua ida ao sultão. Vários autores falam do desejo de martírio, uma forma de juntar seu sangue ao sangue de Cristo; outra possibilidade é o desejo de converter o sultão e assim acabar com séculos de ódio e guerra; talvez quisesse dialogar e abrir um novo caminho para a humanidade; é possível conversar com o que pensa diferente e construir um mundo junto com ele, ou ainda quisesse fazer uma proposta de paz, não de paz política, mas uma paz que brota entre irmãos que crêem. Francisco é um irmão menor e não um chefe de estado; segundo Celano, ele vai ao encontro do sultão em nome do Deus Altíssimo e não em nome de reis ou potências; por isso, ele pode, em nome daquele que o envia, propor a paz ( LM, FFC, 2004:613). Uma paz que parece ser também o anseio daquele que o recebe.

Frei Aldir Crocoli (2006:125) apresenta Francisco como um homem que fundamenta sua vida em Deus, assumindo uma postura de desapropriação total de si mesmo, para ser todo de Deus; assim, renuncia ao projeto de ser nobre, aos bens, à saúde, ao poder e à auto-suficiência, renuncia ainda à família e a si mesmo. Essa desapropriação de si mesmo foi que permitiu a Francisco ir ao encontro do outro desarmado; Deus basta a Francisco e, em nome do Altíssimo, ele foi ao encontro do outro e, em especial, ao encontro do sultão.

Apresentamos aqui as citações dos primeiros biógrafos de Francisco contidas nas *Fontes Franciscanas e Clarianas*<sup>19</sup>, que se referem à ida e às motivações de Francisco para ir ao encontro do sultão em Damietta.

Thomas de Celano, frade franciscano, encarregado de escrever a primeira biografia de Francisco, escreve:

Abrasando-se de amor divino, o beatíssimo Pai Francisco esforçou-se por lançar mão a coisas mais valiosas e, andando com o coração aberto nos caminhos dos mandamentos de Deus, desejava atingir o ápice da perfeição. No sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobremaneira pelo desejo de martírio, quis atravessar o mar até as regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e aos

---

<sup>19</sup> As *Fontes Franciscanas e Clarianas* são compostas de textos do próprio Francisco de Assis e de Santa Clara e ainda de escritos dos primeiros biógrafos de Francisco e Clara de Assis.

outros infiéis. Depois que entrou num navio que para lá se dirigia, tendo soprado ventos contrários, encontrou-se com os demais navegantes nas regiões da Eslovênia. E, vendo-se frustrado em tão grande desejo, passado um pequeno intervalo de tempo, suplicou a alguns navegantes que se dirigiam a Ancona que o levassem consigo, porque naquele ano dificilmente pôde algum navio atravessar para a região da Síria (...). Francisco, o servo do Deus Altíssimo, deixando o mar caminha por terra e, rasgando-a com o arado da palavra, semeia a semente da vida, produzindo fruto bendito. Logo, muitos homens bons e idôneos, clérigos e leigos, fugindo do mundo e pisando virilmente o demônio, por graça e vontade do Altíssimo, seguiram-no na vida e no propósito, mas, embora a videira do Evangelho produza copiosos frutos escolhidíssimos, no entanto, de modo algum se esfria nele o sublime propósito e ardente desejo de martírio. De fato, depois de não muito tempo, tomou o caminho do Marrocos para pregar o Evangelho de Cristo ao Miramolín e seus correligionários. Era levado por tão grande desejo que, de vez em quando, deixava para trás o companheiro de peregrinação e se apressava ébrio em espírito, para alcançar o propósito. Mas o bom Deus, a quem unicamente por benignidade aprovou recordar-se de mim e de muitos, depois que ele chegou à Espanha opôs-se frontalmente a ele e, para que não procedesse além, tendo-se manifestado uma doença, trouxe-o de volta da viagem iniciada (...) no décimo terceiro ano de sua conversão, dirigindo-se às regiões da Síria, como a cada dia recrudescessem as batalhas fortes e duras entre cristãos e pagãos, tendo tomado consigo um companheiro não teve medo de apresentar-se diante do sultão dos sarracenos. Mas quem seria capaz de narrar com quanta virtude de espírito lhe falava, com quanta eloqüência e confiança respondia aos que insultavam a lei cristã? Antes de ter acesso ao sultão, capturado pelos correligionários, atacado com ultrajes, castigado com açoites, não se amedronta; ameaçado com suplícios, não teme; com a morte planejada não se apavora. E, embora tivesse sido maltratado por muitos com ânimo bastante hostil, foi recebido pelo sultão com muita honra. Honrava-o como podia e, tendo-lhe oferecido muitos presentes, tentava dobrar o espírito dele às riquezas do mundo; mas depois que o viu desprezar valorosamente tudo como esterco, encheu-se de máxima admiração e via-o como homem diferente de todos; ficou muito tocado pelas palavras dele e ouvia-o de muito bom grado. Em todas essas coisas o Senhor não realizou o desejo dele, reservando-lhe a prerrogativa de uma graça especial (1Cel, FFC, 2004:235-237).

Em sua segunda biografia, Celano não descreve todo o processo pelo qual Francisco chegou até o sultão, mas narra sua presença em Damieta e do sonho que Francisco teve, no qual ele via a derrota dos cristãos em um combate e a tristeza de Francisco diante da guerra; diante de tal sonho, Francisco tentou, em vão, persuadir aos cristãos a não combater contra os sarracenos e disse que a guerra não agradava a Deus:

No tempo em que os exércitos dos cristãos sitiava Damieta, o santo de Deus estava presente com seus companheiros: na verdade, tinham atravessado o mar pelo fervor do martírio. Então, ao prepararem-se os nossos para o dia da batalha, tendo ouvido isto, o santo queixou-se profundamente da guerra. E disse a seu companheiro: “Se em tal dia acontecer o embate, o Senhor me mostrou, os cristãos não se sairão bem. Mas se eu disser isto, serei julgado como louco; se eu me calar, não escapo da consciência. Portanto, o que te parece?” O companheiro respondeu-lhe, dizendo: “Pai, não te importe que sejas julgado como louco. Descarrega tua consciência e teme mais a Deus do que aos homens”. Então, o santo sai e dirige-se aos cristãos com admoestações salutares, desaconselha a guerra, anuncia a derrota. A verdade torna-se fábula, eles endureceram o coração e não quiseram ser advertidos. Vai-se, combate-se, guerreia-se e os nossos são acudados pelos inimigos. E durante a batalha, com espírito preocupado, o santo manda o companheiro levantar-se para olhar; e manda olhar pela terceira vez quem nada viu na primeira e na segunda. E eis! Toda a

cavalaria dos cristãos voltada para a fuga, trazendo o fim da guerra a vergonha, não o triunfo. E por esta grande derrota o número dos nossos diminuiu tanto que houve seis mil entre mortos e prisioneiros. A compaixão para com eles consumia o santo, e não menos o consumia o arrependimento pelo acontecido. E lamentava principalmente os espanhóis, pois via que a coragem mais pronta deles nas armas deixara muito poucos. Conheçam estas coisas os príncipes da terra, e saibam que não é fácil lutar contra Deus, isto é, contra a vontade do Senhor. Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apóia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino (2Cel, FFC, 2004:320-321).

Juliano de Espira, também frade franciscano, escreveu sobre a ida de Francisco ao Oriente, relatando, ainda, as três tentativas e as razões pelas quais as duas primeiras tentativas não deram certo. Ele descreve da seguinte maneira:

Animado pelo ardentíssimo desejo de martírio, no sexto ano de sua conversão, o bem-aventurado Francisco se propôs a viajar pelos lados da Síria, a fim de anunciar aos sarracenos o Evangelho de Jesus Cristo. Assim, iniciou a viagem para a Síria; mas, por causa dos ventos contrários, o navio no qual viajava aportou na Eslovênia. Ouvindo, porém, através dos marinheiros, que naquele ano a nave não poderia partir para a Síria, não podendo satisfazer seu desejo, conseguiu a custo embarcar em outro navio que se dirigia para Ancona, porque os marinheiros temiam não receber o pagamento das despesas. Naquela ocasião, o Senhor fez um memorial das suas maravilhas.

(...) mas não esmoreceu nele o ardente desejo de martírio, de forma que, pouco depois, se pôs novamente a caminho, em direção ao Marrocos, a fim de pregar a fé de Cristo ao Miramolim e a seus correligionários. Por vezes, caminhava com tal disposição que, indo à frente sozinho por causa do fervor de espírito, deixava para trás seu companheiro de peregrinação.

Todavia, quando com todo o fervor andava já pela Espanha, para a salvação de muitos outros, o Senhor dispôs diversamente: apareceram diversas e gravíssimas enfermidades físicas, de modo que regressou à Itália. (...) Até que no décimo terceiro ano de sua conversão, atravessou o mar em direção à Síria. E mesmo que na ocasião lá se encontrassem diários combates entre cristãos e infiéis, confiando no Senhor, ele não teve medo de dirigir-se ao sultão, apesar de evidente perigo.

Tendo enfrentado muitas e graves agressões e ofensas antes de chegar, finalmente conseguiu aparecer diante do próprio sultão. Seria longo narrar com quanta força de ânimo esteve em sua presença, com quanta eloquência rebateu as palavras dos que ladravam contra a fé cristã. O sultão, porém, recebeu-o com a máxima honra e ofereceu-lhe muitos e preciosos presentes. O santo de Deus, no entanto, considerava tudo aquilo um desprezível esterco. Por isso, o sultão ficou ainda mais admirado diante de um homem tão diferente dos outros e o ouviu com amor e atenção. Mas nem com tudo isto o ditoso homem viu cumprindo o seu desejo; por uma graça especial o Senhor lhe reservou o privilégio de carregar, de forma mais admirável, os sinais das chagas (Jul, FFC, 2004:525-527).

São Boaventura<sup>20</sup> escreveu, a pedido da ordem franciscana, outra biografia de Francisco e nela também relata as tentativas deste em ir ao Oriente e seu encontro com o sultão, como segue:

---

<sup>20</sup> Boaventura de Bagnoregio escreveu a Legenda Maior por determinação do capítulo franciscano de 1257, e terminou a redação em 1262, apresentando-a ao capítulo de Pisa (1263). O sucesso foi tal que o

Ardendo de desejo de martírio, resolveu atravessar o mar até as regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. E como tivesse subido num navio que se dirigia para lá, soprando ventos contrários, foi compelido a aportar na costa da Eslovênia. Depois de ter permanecido aí por algum tempo e não podendo encontrar um navio que então fizesse a travessia, sentindo-se frustrado em seu desejo, pediu a alguns navegadores que se dirigiam a Ancona que, por amor de Deus, o levassem consigo. Mas, recusando eles firmemente por falta do pagamento das despesas, o homem de Deus, confiando muito na bondade de Deus, subiu às escondidas no navio com seu companheiro (...) E porque o fruto do martírio atraía tanto o coração dele que desejava ardentemente acima de todos os méritos da virtude a morte preciosa por Cristo, empreendeu viagem para Marrocos para pregar o Evangelho de Cristo ao Miramolim e sua gente, contanto que pudesse alcançar a palma do martírio. E era transportado por tão grande desejo que, embora fosse de compleição frágil, corria na frente de seu companheiro de peregrinação e, apressado para alcançar o propósito, voava como um ébrio de espírito. Mas, depois que chegou à Espanha, por divina disposição que o reservava para outras coisas, sobreveio-lhe gravíssima enfermidade; impedido por esta, não conseguiu realizar o que queria. Sentindo então o homem de Deus que a vida dele na carne ainda era necessária à prole que gerara, embora julgasse que a morte para ele era lucro, voltou para apascentar as ovelhas confiadas aos seus cuidados.

E, impelindo o ardor da caridade o espírito dele ao martírio, ainda uma terceira vez tentou partir para o meio dos infiéis para dilatar a fé na Trindade pela efusão do seu sangue. No décimo terceiro ano de sua conversão, dirigindo-se às regiões da Síria, expôs-se constantemente a muitos perigos para poder ir à presença do sultão da Babilônia. Entre cristãos e sarracenos havia então uma guerra tão implacável – estando os acampamentos dos exércitos postados aqui e ali no campo um diante do outro que o caminho de mútuo trânsito não estava livre sem perigo de morte. De fato, emanara do sultão um edito cruel de que todo aquele que trouxesse a cabeça de algum cristão receberia um bizâncio de ouro como recompensa. E Francisco, intrépido cavaleiro de Cristo, esperando em breve alcançar seu propósito, decidiu tomar o caminho, não amedrontado pelo pavor da morte, mas provocado pelo desejo dela. Tendo feito antes uma oração, confortado pelo Senhor, ele cantava com confiança aquela palavra do profeta: “Se eu ando no meio da sombra da morte não temerei os males, porque estais comigo” (Sl 22,4).

Portanto, tendo tomado como companheiro o irmão de nome Iluminado, homem realmente de luz e de virtude, depois que iniciaram a viagem, encontraram duas ovelhinhas; alegrando-se por tê-las visto, o santo homem disse ao companheiro: “Confia no Senhor, irmão, pois em nós se cumpre aquela palavra do Evangelho: Eis que vos envio como ovelhas em meio aos lobos” (Mt 10,16). E, como tivessem andado mais longe, vieram ao encontro deles os guardas do sarraceno, os quais, como lobos que correm contra as ovelhas, os pegaram com crueldade e desprezo, infligindo-lhes insultos, atormentando-os com açoites e prendendo-os com cadeias. Finalmente conduziram-nos ao sultão multiplamente afligidos e maltratados, por disposição da divina providência, de acordo com o desejo do homem de Deus. Então, como aquele príncipe perguntasse por quem, a que e como foram enviados e de que modo tinham chegado, Francisco, o servo do Cristo, respondeu que tinha sido enviado não por homem, mas pelo Deus Altíssimo, para mostrar a ele e a seu povo a via da salvação e anunciar-lhes o Evangelho da verdade. E pregou ao predito sultão com tanta firmeza de alma, com tanta virtude de ânimo e com tanto fervor de espírito o Deus Trino e Uno e Jesus Cristo Salvador que ficava claro que nele se cumpria verazmente aquela palavra do Evangelho: “Dar-vos-ei boca e sabedoria a que não poderão resistir todos os vossos inimigos” (Lc 21,15). E o sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor de espírito, ouvi-o com prazer e convidava-o com insistência a morar com ele. E o servo de Cristo, iluminado por um oráculo do alto, disse: “Se queres converter-te, tu com teu povo, a Cristo, por amor a ele morarei convosco de muito boa vontade. Se ainda hesitas deixar a lei de Mohamed

---

capítulo seguinte (1266, em Paris) declarou a Legenda o único texto oficial, definitivo e exclusivo, mandando destruir tudo o que se estivesse escrito antes (FFC, 2004:32).

pela fé em Cristo, manda eu seja aceso um grande fogo, e eu entrarei nele com teus sacerdotes, para que assim reconheças qual fé deve ser com razão considerada mais certa e mais santa”. Disse-lhe o sultão: “Não creio que algum dos meus sacerdotes queira expor-se ao fogo para defender sua fé ou padecer alguma espécie de tormento”. De fato, ele vira um de seus presbíteros, homem autêntico e ancião, tendo ouvido isto, imediatamente fugiu da presença deles. Disse-lhe o santo homem: “Entrarei sozinho no fogo, se queres prometer-me, por ti e por teu povo, que vos convertereis a Cristo, se eu sair ileso dele; se eu for queimado, seja imputado aos meus pecados; mas se a divina me proteger, reconheceréis o Cristo, poder e sabedoria de Deus, verdadeiro Deus e Senhor Salvador de todos”. E o sultão respondeu que não ousava fazer esta opção porque temia uma revolta do povo. Ofereceu-lhe, no entanto, muitos presentes preciosos que o homem de Deus, ávido não das coisas mundanas, mas da salvação das almas, desprezou todos como lama. O sultão, vendo o santo homem tão perfeito desprezador das coisas do mundo, movido de admiração, concebeu maior devoção para com ele. E embora não quisesse passar à fé cristã, ou talvez não o ousasse, no entanto, rogou devotamente ao servo de Cristo que aceitasse os preditos presentes, para dá-los aos cristãos pobres ou às igrejas pela salvação de sua alma. E ele, porque fugia do peso do dinheiro e não via no espírito do sultão a raiz da verdadeira piedade, de maneira alguma aquiesceu.

Vendo também que não tinha proveito na conversão daquela gente nem podia conseguir seu propósito, advertido por revelação divina, voltou à região dos fiéis (LM, FFC, 2004:610-614).

Ainda um texto importante para a nossa reflexão é o de Jacques de Vitry, bispo de São João de Acre, que viu Francisco no campo de Damietta em 1219. A importância de seu relato se dá pelo fato de ser um testemunho de alguém de fora da ordem franciscana, como se segue (BEER, 1982:17):

O mestre destes frades chama-se frei Francisco, que é tão amável que é venerado por todos os homens; quando veio ao nosso exército, inflamado pelo zelo da fé, não teve medo de ir ao exército dos nossos inimigos; e como durante muitos dias tivesse pregado a palavra do Senhor aos sarracenos e tivesse tido pouco proveito, então o sultão, rei do Egito, pediu-lhe em segredo que suplicasse ao Senhor por ele para que, por inspiração divina, aderisse à religião que mais agrada a Deus (Tm, FFC, 2004:1423).

Outro autor que escreveu sobre Francisco foi Ernoul, um cronista do século XIII estudioso das cruzadas (BEER, 1982:17). Sobre Francisco de Assis e o sultão Ernoul, escreveu:

Agora vos direi de dois clérigos que estiveram no acampamento em Damietta. Eles foram ao cardeal, dizendo que queriam ir pregar ao sultão e que não queriam ir sem licença. E o cardeal disse-lhes que eles não iriam nem com sua licença nem com sua ordem, porque ele conscientemente não queria dar licença de ir a tal lugar onde eles seriam mortos; porque ele sabia bem que, se fossem, não retornaria jamais. Eles lhe disseram que se fossem, ele não teria nenhuma culpa, porque ele não os enviou para lá, mas apenas permitia que eles fossem. Insistiram muito. Quando o cardeal viu que eles tinham tão grande vontade de ir, disse-lhes: “Senhores, eu não sei o que há em vossos corações e vossos pensamentos estejam sempre no Senhor Deus”. Eles disseram que só queriam ir em vista de um grande bem, se aí pudessem realizá-lo.

Então, o cardeal disse que bem podiam ir, se eles quisessem, mas isto não era com sua licença.

Então os clérigos partiram do acampamento dos cristãos e foram ao acampamento dos sarracenos. Quando os sarracenos que faziam a sentinela do exército deles os viram chegar, pressupuseram que eles vinham como mensageiros ou para renunciar à fé. Foram ao encontro deles, prenderam-nos e levaram-nos à presença do sultão. Quando eles chegaram diante do sultão, eles o saudaram; o sultão saudou-os também, depois perguntou se eles queriam ser sarracenos ou se eles tinham vindo como mensageiros; e eles responderam que jamais seriam sarracenos; mas que eles haviam vindo ter com ele como mensageiros da parte do Senhor Deus e para entregar sua alma a Deus. “Se vós não quereis crer – dizem eles –, nós entregaremos vossa alma a Deus, porque não vos dizemos em verdade que, se morreres nesta lei em que vos encontrais, vós estais perdidos, nem Deus terá mais vossa alma. E é por isso que viemos a vós. Se vós quiserdes ouvir-nos e escutar-nos, nós vos mostraremos com certa argumentação – diante dos mais sábios de vossa terra, se vós os mandardes chamar – que vossa lei é falsa”.

O sultão respondeu-lhes que ele tinha na sua lei arcebispos, bispos e bons clérigos e que sem eles jamais podia ouvir o que eles (os frades) tinham a dizer. Os clérigos responderam-lhe: “Estamos muito alegres por isso; mandai-os chamar, e se eles quiserem ouvir-nos e escutar-nos e se nós não pudermos mostrar-lhes por correta argumentação que é verdade o que vos dizemos – que vossa lei é falsa –, mandai cortar-nos as cabeças”. O sultão mandou chamá-los, e eles vieram até ele em sua tenda. E assim se reuniram os maiores homens e os mais sábios de sua terra e os dois clérigos.

Quando eles estavam todos juntos, o sultão lhes disse que os tinha mandado chamar, contou-lhes porque eles estavam reunidos e o que os clérigos lhe tinham dito e porque eles haviam vindo. E eles lhe responderam: “Senhor, tu és a espada da fé e assim deves mantê-la e guardá-la. Nós te ordenamos, da parte de Deus e de Mohamed, que no-la deu, que tu faças cortar as cabeças deles, porque não ouviremos as coisas que eles dizem, e também te proibimos que ouças as coisas que eles dizem, porque a lei proíbe que alguém ouça qualquer pregação. E se há alguém que queira pregar ou falar contra a lei, a lei manda que se lhe seja cortada a cabeça. E por isso nós te ordenamos, da parte de Deus e da parte da lei, que tu lhe faças cortar as cabeças, porque assim o manda a lei”.

Então, pediram licença, saíram e não quiseram mais ouvir. E permaneceram o sultão e os dois clérigos. Então o sultão lhes disse: “Senhores, eles me disseram, da parte de Deus e da lei, que eu vos faça cortar as cabeças, porque assim manda a lei; mas irei contra o mandato da lei, não vos farei cortar a cabeça, porque vos daria má recompensa pelo fato de que vós conscientemente vos aventurastes a morrer para entregar minha alma a Deus”. Depois o sultão lhes disse, que se eles quisessem morar com ele, ele lhes daria grandes terras e grandes possessões; e eles lhe disseram que não morariam lá jamais, pois que ele não queria ouvir nem escutar; e eles iriam voltar ao acampamento dos cristãos, se suas ordens lhes permitissem.

Então, o sultão lhes disse que de boa vontade os faria conduzir a salvo ao acampamento dos cristãos. Depois disso, mandou trazer-lhes ouro, prata e tecidos de seda em grande quantidade e mandou que eles tomassem aquilo que quisessem. Eles disseram que não tomariam nada, pois que eles não podiam ter a alma dele como senhor e Deus; porque mais caro teriam a alma dele com o Senhor Deus do que se eles tivessem tudo quanto ele tinha de valioso para eles; mas que fizesse dar-lhes de comer, pois partiriam, visto que nada mais podiam fazer. O sultão mandou dar-lhes comida em abundância; eles se despediram do sultão, e ele os mandou conduzir a salvo até ao acampamento dos cristãos (Tm, FFC, 2004:1428-1431).

Interessante notar que este cronista faz uma certa confusão com a hierarquia no mundo muçulmano ao relatar que a estrutura da religião muçulmana tem igual hierarquia católica com bispos e clérigos.

Rogério de Wendover, cronista do século XIII, escreveu sobre Francisco e a relação deste com os muçulmanos as seguintes palavras:

Diz-se também que ele atravessou o mar e chegou à Babilônia e que obteve do rei daquela terra a licença de pregar. Vendo o bem-aventurado Francisco que tinha a graça do dito rei e do povo daquela terra, deixando pouco de seus discípulos, voltou à sua pátria, querendo enviar maior número para pregar ali. Mas, porque dirigir o curso da vida do homem não compete a quem trabalha e corre, mas à vontade de Deus, detido não sei por qual impedimento, não voltou mais à Babilônia. Como tivesse espalhado por toda a parte os frades de sua ordem e brilhando com muitos milagres em sua vida, retornando à cidade de Assis, detido pela enfermidade, aí em boa morte repousou no Senhor e aí mesmo foi sepultado (Tm, FFC, 2004:1438).

Os Fioretti<sup>21</sup> falam da presença de Francisco junto ao sultão e mesmo da conversão deste a partir da pregação de Francisco. Vamos ao texto:

São Francisco, instigado pelo zelo da fé cristã e pelo desejo do martírio, atravessou uma vez o mar, com doze de seus companheiros santíssimos, para ir diretamente ao sultão da Babilônia. E chegou a uma região de sarracenos, onde certos homens cruéis guardavam as passagens, que nenhum cristão que ali passasse pudesse escapar sem ser morto; como prouve a Deus, não foram mortos, mas presos, batidos e amarrados foram levados diante do sultão. E estando diante dele, São Francisco, ensinando pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé cristã que mesmo por ela queria entrar no fogo. Pelo que o sultão começou a ter grandíssima devoção por ele, tanto pela constância de sua fé, como pelo desprezo do mundo que nele via; porque nenhum dom queria dele receber, sendo pobríssimo; e também pelo fervor do martírio que nele via. E deste ponto em diante o sultão o ouvia com boa-vontade e pediu-lhe que frequentemente voltasse à sua presença, concedendo livremente a ele e aos seus companheiros que podiam pregar onde quisessem. E deu-lhes um sinal com o qual não podiam ser ofendidos por ninguém. Obtida esta licença tão generosa, São Francisco mandou aqueles seus eleitos companheiros, dois a dois, por diversas terras de sarracenos, a pregar a fé cristã; e ele com um deles escolheu um lugar. (...) Finalmente, vendo São Francisco que não podia obter mais fruto naquelas partes, por divina revelação se dispôs com todos os seus companheiros a retornar aos fiéis; e reunindo todos os seus, voltou ao sultão e despediu-se. E então lhe disse o sultão: “Frei Francisco, de boa-vontade me converteria à fé cristã, mas temo fazê-lo agora, porque se estes homens o descobrissem matariam a mim e a ti com todos os teus companheiros, mas, porque tu podes fazer muito bem, e eu tenho que resolver certas coisas de muito grande peso, não quero agora causar a tua morte e a minha, mas ensina-me como me poderei salvar e estou pronto a fazer o que tu impuseres”. Disse então São Francisco: “Senhor, separar-me-ei de vós, mas depois de chegar ao meu Pai e ir ao céu pela graça de Deus, depois de minha morte, conforme a vontade de Deus, enviar-te-ei dois dos meus irmãos, dos quais receberás o santo batismo de Cristo e será salvo, como me revelou meu Senhor Jesus Cristo. E tu neste espaço desliga-te de todo impedimento, a fim de que, quando chegar a ti a graça de Deus, te encontre preparado em fé e devoção”. E assim prometeu fazer e fez. Isto feito, São Francisco retornou com aquele venerável colégio de seus santos companheiros, e depois de alguns anos São Francisco, pela morte corporal, restituiu a alma a Deus. E o sultão adocendo, espera a promessa de São Francisco e faz postar guardas em certas passagens, ordenando que, se dois frades aparecessem com o hábito de São Francisco, imediatamente fossem conduzidos a ele. Naquele tempo apareceu São

---

<sup>21</sup> Sob o título de I Fioretti compreende-se uma obra escrita em italiano toscano medieval sobre origens do franciscanismo, a qual consiste na seleção, tradução e adaptação dos atos do bem-aventurado Francisco e companheiros (FFC, 2004:67).

Francisco a dois frades e ordenou-lhes que sem demora fossem ao sultão e procurassem a salvação dele, segundo lhe havia prometido. Os dois frades imediatamente partiram e, atravessando o mar, pelos ditos guardas foram levados ao sultão. E vendo-os, o sultão teve grandíssima alegria e disse: “Agora sei, na verdade, que Deus me mandou os seus servos para a minha salvação, conforme a promessa que me fez São Francisco por divina revelação”. Recebendo, pois, a informação da fé cristã, e o santo batismo dos ditos frades, assim regenerado em Cristo, morreu naquela enfermidade, e sua alma foi salva pelos méritos e operação de São Francisco (Fior, FFC, 2004:1529).

Entre os textos intitulados testemunhos menores e crônicas dentro das *Fontes Franciscanas e Clarianas* que falam de um possível relato de Frei Iluminado sobre a presença dele junto com Francisco diante do sultão, aparece este fragmento:

Narrava o ministro geral (São Boaventura) que o companheiro do bem-aventurado Francisco (Frei Iluminado), que o acompanhara quando foi ao sultão da Babilônia, costumava dizer estas coisas. Quando esteve – disse – na corte do sultão, este quis provar a fé e devoção que o bem-aventurado Francisco mostrava ter para com nosso Senhor Crucificado com este teste. Mandou que se estendessem diante de si um belo tapete quase totalmente decorado com os sinais da cruz, e disse aos presentes: “Que se chame agora este homem que parece ser um verdadeiro cristão e se, vindo até mim, ele pisar sobre os sinais da cruz no tapete, dir-lhe-emos que injuriou ao seu Senhor. Se, porém, não quiser atravessar, dir-lhe-ei porque desdenha aproximar-se de mim”. E, chamando o homem cheio de Deus – e bem instruído a partir desta mesma plenitude tanto no agir quanto em responder – ele, atravessando o tapete, aproximou-se livremente até ao sultão. Então o sultão, julgando o motivo pelo qual repreenderia ao homem de Deus, como se tivesse injuriado ao Cristo Senhor, disse: “Vós, cristãos, adorais a cruz, como especial sinal de Deus. Então, por que não hesitaste em calcar com os pés os sinais da cruz?” Respondendo, disse o bem-aventurado Francisco: “Deveis saber que com Nosso Senhor foram crucificados dois ladrões; nós temos a verdadeira cruz de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e a adoramos e abraçamos com toda devoção; logo, tendo sido dada a nós a santa cruz do Senhor, foram deixadas a vós as cruzes dos ladrões; e, por isso, não hesitei em atravessar sobre os sinais dos ladrões. Pois junto de vós ou entre vós não há nada de santa cruz”.

O mesmo sultão apresentou-lhe outra questão, dizendo: “Vosso Senhor ensinou nos seus Evangelhos que não deveis retribuir o mal com o mal, nem defender o manto, etc.; com maior razão não devem os cristãos invadir nossas terras”. Disse-lhe o bem-aventurado Francisco: “Não parece que tendes lido todo o Evangelho de Cristo nosso Senhor; pois, em outro lugar, Ele diz: Se teu olho te escandaliza, arranca-o e lança-o longe de ti, etc.; por meio disto, na verdade, ele quis ensinar-nos que nenhum homem nos é tão caro ou tão próximo, mesmo que nos fosse caro como o olho da cabeça, que não devemos separar, arrancar e erradicar totalmente, se ele tentar desviar-nos da fé e do amor de nosso Deus. Exatamente por causa disto, os cristãos invadem com justiça a vós e as terras que ocupais, porque blasfemais o nome de Cristo e desviáveis do culto dele os que podeis. Se, porém, quiserdes conhecer, confessar e adorar o criador e redentor, eles vos amariam como a si mesmos”. Até os que estavam presentes se admiraram das respostas dele (Tm, FFC, 2004:1417).

Vamos analisar na próxima seção algumas das possíveis motivações que levaram Francisco a ir ao Egito, onde se encontrou com o sultão Malek-al-Kamil. Essa

análise é feita a partir dos textos de seus primeiros biógrafos, tendo consciência de que as motivações não se excluem, talvez até se complementem.

### 2.2.1 O martírio

Como podemos observar nos textos das *Fontes Franciscanas e Clarianas* anteriores, quase todos os autores que narram a presença de Francisco em Damietta falam do ardente desejo de martírio. Dentre essas biografias de São Francisco encontradas nas FFC, destaca-se a primeira e a segunda Celano e as Legendas Maior e Menor de São Boaventura, textos utilizados com frequência neste trabalho. O desejo de martírio é presença constante nesses primeiros autores. Celano, nas duas vidas de Francisco, fala sobre a ida aos sarracenos e sobre o desejo de martírio que motivava essa viagem:

Abrasando-se de amor divino, o beatíssimo pai Francisco esforçou-se sempre por lançar mão a coisas mais valorosas e, andando com o coração aberto no caminho dos mandamentos de Deus, desejava atingir o ápice da perfeição. No sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobremaneira pelo desejo de martírio, quis atravessar o mar até as regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Depois que entrou num navio que para lá se dirigia, tendo soprado ventos contrários, encontrou-se com os demais navegantes da região da Eslavônia, e vendo-se frustrado em tão grande desejo, passado um pequeno intervalo de tempo, suplicou a alguns navegantes que se dirigiam a Ancona que o levassem consigo, porque naquele ano dificilmente pôde algum navio atravessar para a região da Síria (Celano 1ª e 2ª, cf. FFC, 2004).

Rauol Manseli fala: “Parece-nos que sobre Francisco agiu especialmente o fascínio do martírio no Oriente, mas não o martírio em si e por si; sua atitude não foi de modo algum provocatória” (MANSELLI, 1997:204). O martírio, em Francisco, era um desejo de ser um com Cristo e, assim, testemunhar a fé nele. Francisco não procurava pelo martírio nenhuma forma de “demonizar” ainda mais os muçulmanos.

O fato é que algumas biografias de Francisco falam do desejo de martírio e de três tentativas de ir até os sarracenos com este intuito: “No sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobremaneira pelo desejo de martírio, quis atravessar o mar até as regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Tendo soprado ventos contrários, viu-se frustrado em tão grande desejo” (1Cel, FFC, 2004:335).

Seu desejo, no entanto, pareceu frustrado esta primeira vez e, numa segunda tentativa, ele pretendia ir ter com os muçulmanos, ser martirizado por amor a Cristo e anunciar esse mesmo Cristo aos infiéis, mas os contratempos não desanimam Francisco, e o seu ardente desejo se mantém vivo: “De modo algum se esfria nele o sublime propósito e ardente desejo do martírio. De fato, depois de não muito tempo, tomou o caminho de Marrocos para pregar o Evangelho ao Miramolim e seus correligionários (...) tendo-se manifestado uma doença, trouxe-o de volta da viagem iniciada” (1Cel, FFC, 2004:236).

Uma segunda vez seus planos foram frustrados, uma doença o levou de volta para casa sem realizar seu desejo. Uma terceira vez ainda Francisco foi ao encontro dos sarracenos e desta feita conseguiu se colocar na presença deles, mas não foi martirizado.

Assim, “no décimo terceiro ano de sua conversão, dirigindo-se às regiões da Síria, como a cada dia recrudescessem batalhas fortes e duras entre cristãos e pagãos, tendo tomado consigo um companheiro, não teve medo de apresentar-se ao sultão dos sarracenos” (1Cel, FFC, 2004:236). Contudo, se o que movia Francisco era o desejo de martírio, este desejo não foi satisfeito. No entender de Celano, Deus tinha outro propósito para Francisco que, ao que tudo indica, falava dos estigmas ao monte Alverne: “Em todas estas coisas o Senhor não realizou o desejo dele, reservando-lhe a prerrogativa de uma graça especial” (1Cel, FFC, 2004:237). E ainda se encontra em Boaventura o seguinte texto: “Assim, por disposição e clemência de Deus e por merecimento da virtude do homem de Deus, misericordiosa e admiravelmente aconteceu que o amigo de Cristo procurava a morte por ele com todas as forças e de maneira alguma encontrava, de modo que não lhe faltava o mérito do desejado martírio, e era reservado para mais tarde ser marcado por um especial privilégio” (LM, FFC, 2004:614).

São Boaventura relata ainda o ódio que havia entre cristãos e sarracenos e como a morte grassava entre os acampamentos:

Francisco, porém, intrépido cavaleiro de Cristo, esperando em breve alcançar seu propósito, decidiu toar o caminho, não amedrontado pelo pavor da morte, mas provocado pelo desejo [dela]. Tendo feito antes uma oração, confortado pelo Senhor, ele cantava com confiança aquela palavra do profeta: se eu ando no meio da sombra da morte, não temerei os males, porque estais comigo (LM, FFC, 2004:612).

Parece haver uma frustração por parte dos biógrafos por conta desse fato, mas alguns afirmam que o Senhor tinha preparado para Francisco uma outra forma de martírio que vai se dar no Alverne através dos estigmas.

A tese de que Francisco desejava o martírio está inserida em uma mentalidade que se difundia por toda a Europa, mentalidade construída e que, de certa forma, dava força para o desejo de lutar contra os inimigos da fé:

Quanto ao desejo do martírio, criou-se uma mentalidade entre os cristãos de que o sarraceno, além de ser inimigo da fé, era também o ser mais cruel da face da terra, pronto a degolar o cristão pelo simples fato de ser cristão. Na mente do povo cristão criou-se uma verdadeira neurose de guerra contra os sarracenos. Matar o sarraceno era ser herói de Cristo, morrer nas mãos dos sarracenos era ser martirizado por Cristo. Toda a Europa respirava esse ar (TEIXEIRA, 2005:16).

Mas o martírio em Francisco ganha uma nova função: não quer morrer para mostrar que os muçulmanos são mesmo filhos da perdição, mas deseja a morte para uma redenção de cristãos e também de muçulmanos, apresentando uma perspectiva de anticruzada. Desse modo, ele morreria pelos cristãos e também pelos muçulmanos:

Francisco deveras acreditou inicialmente que o seu martírio eventual iria falar ao Islão. Notemos, via de regra, o martírio se dirige mais à Igreja que aos carrascos, para fortalecer a fé da comunidade. Mais ainda, não deve ser nem procurado nem provocado.

Mas fazer do martírio como tal um ato de apostolado missionário, com toda a lucidez, isto não era assim tão evidente. Eis a audácia de Francisco: pensar que seu martírio falaria mais ao Islão do que à Igreja. Contra a extravagância da cruzada seria necessário para o Islão um testemunho radical, que seria o seu antípoda. O martírio seria a objeção de consciência apresentada a todos aqueles que apelam à intolerância de uma guerra santa: a anticruzada (BEER, 1982:24).

Os biógrafos de Francisco não poderiam fugir à mentalidade da época, na qual se fortalecia a idéia de martírio em nome da fé; portanto, é natural que, em quase todos, a primeira questão apresentada para a ida de Francisco aos sarracenos seja o ardente desejo de martírio.

### **2.2.2 Converter o sultão**

Uma outra proposta que aparece nas fontes franciscanas é o desejo de Francisco em converter o sultão e seus súditos, posto que isto acabaria com as guerras entre as duas religiões.

Ele queria pregar a fé e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Francisco, como se comentou, era um homem inflamado pelo amor de Deus e, em seu zelo, queria que todos os homens o fossem. No dizer de Celano, ele rasgava a terra com o arado da palavra para semear no coração dos sarracenos e seus correligionários a semente do Evangelho. Mesmo se vendo frustrado por duas vezes em suas tentativas de ir ter com os muçulmanos, ele não desanimou e, na terceira tentativa, conseguiu chegar diante do sultão e pregar com imenso ardor (1Cel, FFC, 2004:235):

Mas quem seria capaz de narrar com quanta virtude do Espírito lhe falava, com quanta eloquência e confiança respondia aos que insultavam a lei cristã? Antes de ter acesso ao sultão, capturado pelos correligionários, atacado com ultrajes, castigado com açoites, não se amedronta; ameaçado com suplícios, não teme, com a morte planejada não se apavora. E, embora tivesse sido maltratado por muitos com ânimo bastante hostil e com espírito adverso, no entanto foi recebido pelo sultão com muita honra (...) o sultão ficou muito tocado pelas palavras dele e ouvia-o de muito bom grado (1Cel, FFC, 2004:236).

Juliano de Espirra<sup>22</sup> também diz que Francisco, além do desejo de martírio, queria anunciar aos sarracenos o Evangelho de Cristo, e este desejo de pregação era tão ardente que, “por vezes, caminhava com tal disposição que, indo à frente sozinho por causa do fervor de espírito, deixava para trás seu companheiro de peregrinação” (Jul, FFC, 2004:526).

Francisco ardia de amor e queria que todos experimentassem o mesmo amor, anunciava a toda a natureza o amor de Deus.

Pregar o Evangelho ao sultão, líder dos sarracenos, seria uma maneira concreta de tentar por fim a uma guerra que já durava anos e assolava vidas, como Francisco pôde perceber em Damietta, “onde a cada dia recrudesciam batalhas fortes e duras entre cristãos e infiéis” (1Cel, FFC, 2004:236).

Também Boaventura narra o desejo de pregar a fé cristã: “E pregou ao predito sultão com tanta firmeza na alma, com tanta virtude de ânimo e com tanto fervor de espírito o Deus Trino e Uno e Jesus Cristo Salvador que ficava claro que nele se cumpria verazmente aquela palavra do Evangelho: ‘Dar-vos-ei boca e sabedoria a que não poderão resistir todos os vossos inimigos’ (Lc 21,15). E o sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor do espírito e a virtude, o ouvia com prazer” (LM, FFC, 2004:613).

---

<sup>22</sup> Frade franciscano que escreveu uma biografia de São Francisco, biografia provavelmente elaborada entre os anos de 1232 e 1235, e que também faz parte das FFC.

Os florilégios<sup>23</sup>, flores colhidas na história de Francisco por alguns de seus amigos, falam mesmo da conversão do sultão, embora, sobre isto, não haja uma confirmação histórica, mas, sem dúvida, mostra uma interpretação de que havia em Francisco esse desejo. Segundo os autores dos florilégios, Francisco, instruído pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé católica que se ofereceu para comprová-la através do fogo<sup>24</sup>.

Nosso santíssimo pai Francisco, impelido pelo zelo da fé e pelo fervor do martírio, atravessou o Ultramar com doze santíssimos companheiros seus, propondo dirigir-se diretamente ao sultão.

Então, quando chegou às terras dos pagãos, nas quais guardavam as estradas homens tão cruéis que nenhum cristão que passasse por ali podia escapar da morte, com a disposição de Deus, eles, de fato, se esquivaram da morte. No entanto, capturados, atormentados de múltiplos modos e fortemente amarrados, eles foram conduzidos ao sultão; na presença dele, São Francisco, instruído pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé católica que se ofereceu para comprová-la através do fogo. Ao ver isto, o sultão concebeu grande devoção para com ele tanto pela constância da fé quanto pelo desprezo do mundo – pois ele, ainda que paupérrimo, nada quis receber do mesmo sultão – quanto também pelo fervor do martírio. E a partir de então ouvia-o de muito bom grado, e rogou que viesse encontrá-lo com freqüência. E, ademais, permitiu generosamente a São Francisco e aos companheiros poderem pregar livremente, em qualquer lugar que quisessem. E deu-lhes uma bandeirinha, a vista da qual por ninguém fossem maltratados.

Obtida, portanto, esta generosa licença, São Francisco enviou dois a dois aqueles seus companheiros escolhidos por toda parte às diversas plagas dos pagãos; dentre as quais ele mesmo escolheu uma com seu companheiro. (...) vendo, porém, São Francisco que aí não conseguia produzir fruto, por revelação do Senhor, resolveu, depois de ter reunido de novo os companheiros, retornar às terras dos fiéis; e voltando ao sultão, informou-lhe o propósito de seu retorno. E o sultão lhe disse: “Frei Francisco, eu de bom grado me converteria à fé de Cristo, mas temo fazê-lo agora, porque estes meus homens, se percebessem, imediatamente matariam a mim e a ti juntamente com teus companheiros. Como ainda podes ser muito útil e já que eu tenho que me desimpedir de uns grandes negócios para a salvação de minha alma, de bom grado eu não gostaria de induzir tão repentina morte minha e tua; mas indica-me o modo pelo qual eu serei salvo, e eu estou preparado para obedecer em tudo”. Disse-lhe São Francisco: “Senhor, na verdade, retirar-me-ei agora; mas depois que eu estiver voltado à minha terra e, chamando-me Deus, tiver passado ao céu, enviar-te-ei depois da minha morte, por disposição divina dois dos meus irmãos, dos quais receberás o batismo e te salvarás, como me revelou o Senhor Jesus Cristo. E tu, neste meio tempo, desembaraça-te de todo negócio para que, quando vier a graça de Deus, ela te encontre preparado pela fé e pela devoção”. Assentindo com alegria, o sultão obedeceu-lhe fielmente. E São Francisco, despedindo-se dele,

---

<sup>23</sup> Coletâneas de episódios e ditos colhidos sem ordem cronológica a respeito da vida de São Francisco, os autores (freis Leão, Rufino e Ângelo) não pretendiam elaborar uma lenda, mas tiveram o propósito de coletar “flores”, o que mostra que eles tinham consciência de que seu trabalho pertencia a outro gênero literário que não o gênero literário das lendas. Enquanto a lenda se revestia de um caráter oficial, os florilégios distinguiram-se por sua maneira familiar de abordar os temas e as recordações de acontecimentos de que, muitas vezes, os próprios escritores tinham participado. Ver: FFC, 2004:42.

<sup>24</sup> *Compilações e florilégios*, 1179. Sobre a prova do fogo: alguns autores falam da proposta da Ordália de fogo proposta por Francisco como prova da verdadeira fé, mas a história relata que também Mohamed havia feito esta proposta aos nestorianos e esses a haviam recusado. Cf. BEER, *Francisco de Assis e o islão*, op. cit., p. 25. Contudo, o IV Concílio de Latrão, no cânon 18, proíbe aos clérigos de favorecerem esses costumes sinistros com qualquer benção. Cf. JEUSSET, *Encontro na outra margem*: Francisco de Assis e os muçulmanos, op. cit., 1995, p. 96.

voltou para as terras dos fiéis com aquele venerando colégio de santos companheiros (AtF, FFC, 2004:1178-1180).

Os mesmos florilégios vão dizer que, anos depois, o sultão já doente recebeu dois frades franciscanos que lhe ditaram as verdades da fé e recebeu o Santo Batismo. Regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai.

Depois de alguns anos, o sultão adoeceu; e, esperando a promessa do santo, que já havia migrado à vida de beatitude, colocou observadores às saídas das portas para que, quando dois irmãos aparecessem trajando o hábito de São Francisco, eles os conduzissem às pressas até ele. E, naquele mesmo tempo, apareceu o bem-aventurado Francisco a dois irmãos seus e ordenou-lhes que sem demora se dirigissem ao sultão e cuidassem diligentemente salvação dele, como lhe prometera. Eles executaram devotamente a ordem; e, atravessando o mar, foram conduzidos pelos mencionados observadores ao sultão. Quando os viu, o sultão alegrou-se com imenso júbilo dizendo: “Agora sei verdadeiramente que o Senhor me enviou seus servos; porque, como São Francisco prometeu, revelando-lhe o Senhor, assim cuidou de mim, enviando-os solicitamente para minha salvação”. O sultão, recebendo, pelos irmãos os ensinamentos da fé e o santo batismo, regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai (AtF, FFC, 2004:1178-1180).

As flores da vida de Francisco, colhidas pelos seus amigos, enfeitam a sua biografia quando falam da conversão do sultão, da qual não há qualquer evidência histórica; mostram uma interpretação dentro de um grupo da ordem de que esta idéia de converter o sultão era um grande anseio do santo.

Se Francisco desejava converter o sultão, queria-no por sua intimidade com o Deus Altíssimo; corria ébrio de amor à frente de seus companheiros no intuito de anunciar esse Cristo e não se sentia melhor do que os infiéis, mas, ao contrário, sentia-se um privilegiado de conhecer o Evangelho, privilégio que queria partilhar com os muçulmanos (BEER, 1982:22).

A mesma frustração que há por parte dos biógrafos pelo fato de Francisco não ter sido martirizado pode ser percebido também no fato de não ter conseguido converter o sultão. Este texto dos florilégios, bem como o texto dos Fioretti, falam da conversão do sultão, mas essa conversão soa mais como lenda edificante do que fato concreto: “O sultão, recebendo pelos irmãos os ensinamentos da fé e o santo batismo, regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai” (AtF, FFC, 2004:1180). E ainda o texto dos Fioretti diz: “Recebendo, pois, a informação da fé cristã, e o santo batismo dos ditos frades, assim

regenerado em Cristo, morreu naquela enfermidade, e sua alma foi salva pelos méritos e operação de São Francisco” (Fior, FFC, 2004:1529).

### 2.2.3 Dialogar

A biografia de Francisco aponta para esta possibilidade, uma vez que o santo foi um homem que derrubou muitas muralhas. Muralhas sociais, econômicas, religiosas. Em um tempo rico em heresias, tais como os cátaros<sup>25</sup> e os valdenses<sup>26</sup>, e mesmo preconceitos contra os infiéis, nunca se ouviu da boca (ou nos escritos) de Francisco qualquer alusão de preconceito com relação ao outro.

Ele venceu a barreira do preconceito contra os leprosos, o que foi fundamental em seu processo de conversão. Se os leprosos eram condenados a uma espécie de morte religiosa e social, Francisco viu neles uma possibilidade de vida nova, um diálogo que surge no beijar a face daquele que até então causava repugnância, assim como o sarraceno causava asco ao cristão.

Francisco dialogava com a natureza; muitos são os seus relatos pregando aos animais e até mesmo restabelecendo a amizade entre esses e os homens. No relato do lobo de Gubbio, por exemplo, não só dialoga com o animal como também faz com que a comunidade dialogue (JEUSSET, 1995:37):

Na cidade de Gubbio, enquanto ainda vivia nosso pai São Francisco, aconteceu algo admirável e digno de célebre memória. Havia, pois no território da cidade de Gubbio um lobo terrível pelo tamanho do corpo e ferocíssimo pelo furor da fome; ele não somente destruía os animais, mas também devorava homens e mulheres, de modo que mantinha todos os cidadãos em tão grande flagelo e terror que todos, quantos saíam da cidade, andavam munidos e armados como se devessem marchar para guerras mortais. E os que por infortúnio o encontravam nem assim armados conseguiam escapar dos dentes mortais ou da fúria truculenta do dito lobo. Donde, tamanho terror invadiu a todos, que mal ousava alguém sair pela porta da cidade. (...)

Francisco, compadecendo-se deles, resolveu sair ao encontro do dito lobo. E assim Francisco, o fidelíssimo cavaleiro de Cristo, não cingido de couraça nem com espada, mas munido com o escudo da Santíssima Fé e com o sinal-da-cruz, começou a percorrer com constância o caminho [que era] duvidoso para os outros. E, estando muitos a observar dos lugares a que haviam subido, eis que aquele terrível lobo

---

<sup>25</sup> O catarismo foi uma heresia cristã da Idade Média surgida no sudoeste da França ao final do século XI, apresentada por alguns como um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado num extremo ascetismo. Seus membros acreditam que o mundo visível e tudo que ele encerra são obra do diabo, ser supremo maléfico, rival de um Deus, ser Supremo e bondoso.

<sup>26</sup> Seguidores de Pedro Valdo, comerciante de Lyon (França), chamados pobres de Lyon.

correu contra São Francisco com a boca totalmente aberta. Contra ele São Francisco interpôs o sinal-da-cruz e, pela virtude divina, deteve o lobo longe tanto de si quanto do companheiro, reteve-lhe a corrida e fechou-lhe a truculenta boca aberta. E finalmente chamando-o, disse-lhe: “Vem cá, irmão lobo, e da parte de Cristo te ordeno que não faças mal nem a mim, nem a qualquer outro” (AtF, FFC, 2004:1169).

Francisco consegue então, a partir do diálogo, estabelecer um pacto entre o lobo e os cidadãos de Gubbio, onde cada parte tinha suas tarefas a cumprir. E tendo feito sermões acerca da penitência e da necessidade de se voltar ao Senhor, disse ao povo:

“Ouvi caríssimos: o irmão lobo, que está diante de vós, prometeu-me – e deu-me garantia de sua promessa – fazer a paz convosco e nunca vos lesar em coisa alguma, se vós lhe prometeis fornecer-lhe todos os dias os alimentos necessários. E, eu, em nome do mesmo lobo, me coloco como fiador de que ele observará firmemente o pacto de paz.”

Então todos os que estavam ali reunidos, com forte clamor, prometeram alimentar o lobo continuamente; e São Francisco, diante de todos, disse ao lobo: “E tu, irmão lobo, promete observar o pacto com eles, a saber, de não lesar nem animal nem pessoa alguma?” E o lobo, ajoelhando-se com inclinação da cabeça e com gestos de corpo, e abanando a cauda e as orelhas, demonstrou a todos de maneira evidente que observaria os pactos prometidos (AtF, FFC, 2004:1172).

Se o diálogo com os animais pode parecer, de alguma forma, fantasioso, ele demonstra uma disponibilidade de diálogo na postura de São Francisco que se armou apenas da fé, em plena temporada de guerra: “O lobo amansou imediatamente, ao ver, no homem que tinha à frente dele, um ser sem medo e sem agressividade, usando como forma de domínio a humildade serena dos corações puros. Francisco não o condenava, e chegava ao extremo de lhe chamar irmão” (JEUSSET, 1995:39). Por outro lado a comunidade de Gubbio saiu de seu gueto de medo e abriu-se à paz: “Ao aceitarem o lobo como fazendo parte do seu ambiente familiar, puderam todos sair de seu gueto. Francisco restaura os laços de camaradagem do paraíso, levando os inimigos a darem-se as mãos para um contrato perdurável de bom entendimento” (ibidem).

Leonardo Boff<sup>27</sup> nos dá uma interpretação muito enriquecedora da relação de Francisco com o lobo e com os moradores da cidade de Gubbio:

O que, na verdade, ocorre é a vigência do lobo da selva “grandíssimo, terrível e feroz”, como o pinta a lenda, e do outro lobo da cidade, armado e cheio de medo. Em outras palavras, trata-se de dois atores que se enfrentam e cuja única relação é de violência e de mútua destruição. Qual é estratégia de Francisco? Sua perspectiva não é forçar uma trégua, uma espécie de equilíbrio de armas sob a égide do medo, nem sua estratégia reside em tomar partido de um ou de outro lado. Sabe evitar o farisaísmo facilmente detectável em situações de conflito nas quais cada agente

---

<sup>27</sup> Teólogo e um dos principais formuladores da Teologia da Libertação.

social pensa mais ou menos assim e confortavelmente age: perversos são os outros, não eu, por isso devem ser destruídos. Ninguém questiona a própria posição com receio de descobrir o lobo mau dentro de si mesmo, ao lado da boa gente, convivendo tensamente. O caminho de Francisco é evangélico, caminho novo que aparece somente quando cada um se dispõe a mudar na direção do outro. O desafio libertador é fazer das duas espécies de lobos homens novos (BOFF, 1996:120).

E se pode haver um caráter fantasioso em relação ao lobo de Gubbio, o mesmo não se dá quando Francisco fez com que os poderes civil e religioso de sua cidade fizessem as pazes. O que Francisco pretende é exatamente fazer com que os homens partam um em direção ao outro, caminho para a paz, num constante se dispor para “caminhar em direção ao outro”.

No mesmo tempo, quando jazia enfermo, depois de terem sido compostos e pregados os louvores, o que então era bispo de Assis excomungou o podestà de Assis; pois que, indigno contra ele, o que era podestà mandou apregoar com voz forte e cuidadosamente pela cidade de Assis que nenhum homem lhe vendesse ou dele comprasse ou com ele fizesse contrato; e assim, muitos se odiavam um ao outro.

O bem-aventurado, quando estava assim enfermo, moveu-se de piedade para com eles, mormente porque nenhum religioso ou secular se intrometia para tratar da paz e da concórdia entre eles. E disse aos seus companheiros: é grande vergonha para nós, servos de Deus, que o bispo e o podestà de tal modo se odeiem mutuamente e ninguém se intrometa para tratar da paz e concórdia entre eles. E assim, naquela ocasião compôs um verso para aqueles louvores, a saber: “Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor e suportam enfermidade e tribulação, Bem-aventurados aqueles que as sustentam em paz; por que por ti Altíssimo são coroados” (CA, FFC, 2004:914).

Francisco pediu aos seus irmãos que juntassem o bispo e o podestà na praça na presença do povo e cantassem a oração que ele compôs, e diante do canto dos louvores os dois inimigos fizeram as pazes.

Entre cristãos e muçulmanos faltava um diálogo respeitoso; muito ódio foi espalhado ao longo de séculos em nome da religião. Mas pouco se conhecia da religião um do outro. Esse desconhecimento aumentava mais a distancia entre dois mundos “irmãos”.

Celano fala que Francisco foi recebido pelo sultão com muita honra; este honrava o frei como podia, com extrema admiração, oferecendo-lhe presentes, pois ficou tocado com suas palavras (1Cel, FFC, 2004:237).

Francisco, no entanto, não vai até o sultão como emissário de nenhum homem ou rei. Ele vai, sim, em nome de Deus (LM, FFC, 2004:613). O Deus que Francisco encontrou no crucificado dentro da capelinha de São Damião (2Cel, FFC, 2004:308). E no beijo dado ao leproso (1Cel, FFC, 2004:209). O Deus que o pediu para restaurar a

Igreja, o Deus que em sonho disse que é preciso servir antes ao Senhor do que ao servo, fazendo com que Francisco abandonasse o sonho das armas e se tornasse um irmão da paz. A guerra é claramente em nome dos reis e das religiões, é possível tréguas, acordos de paz política e comercial, mas Francisco parece disposto a algo mais. Quer ser um homem do diálogo, falar e ouvir, aprender e ensinar (2Cel, FFC, 2004:304).

Francisco não encontrou entre os muçulmanos os demônios devoradores de gente, mas irmãos que podiam dialogar, irmãos que tinham fé e reverência diante do Deus único. Não se encontra nos escritos de Francisco nenhuma menção pejorativa aos muçulmanos:

A atitude de Francisco (em relação ao Islão) parece no mínimo estranha. Sua primeira viagem missionária nada tem a ver com a reconquista espanhola sobre o Islão, pois viaja à Síria um ano antes (1211). Nunca as palavras “cavaleiro” e, *a fortiori*, “cruzado” aparecem em seus escritos. Nenhum biógrafo nos relatos precedentes ousa apresentá-lo dessa maneira. Jamais enviará seus irmãos como pregadores de cruzada (ao contrário, muitos cruzados é que se farão irmãos menores). Jamais ele mostra consciência de superioridade em relação aos “infieis”. Tudo vem da graça divina; e se o “infiel” tivesse recebido a mesma graça que ele, certamente seria mais agradecido! Por isso, em qualquer lugar e em qualquer ocasião, Francisco é apenas um “irmão menor”. Não se vê uma palavra ou alusão ferina quanto ao Islão em seus escritos, coisa rara naquela época, mesmo entre os santos (BEER, 1982:22).

Francisco é um irmão menor que está aberto ao diálogo e como enviado do Deus Altíssimo quer estar com o outro, partilhar com ele a graça que recebeu, e essa partilha só é possível de ser feita a partir do diálogo. Ao se ler sua biografia, pode-se perceber que sua relação dialogal com os sarracenos se insere num quadro muito mais amplo de relações fraterno-sociais com todas as demais classes de pessoas. E mesmo com as criaturas da natureza que ele chamava de irmãs (CROCOLI, 2006:121). No campo religioso, Francisco tem a mesma atitude. Se levarmos em conta que ele viveu em um período rico em heresias e combates em nome da fé, faz-se importante notar que Francisco nunca atacou diretamente os movimentos heréticos, nunca os condenou como hereges, mas sempre deixou clara sua posição de católico em relação às posições de outras crenças (CROCOLI, 2006:126).

#### **2.2.4 A paz**

Há uma oração atribuída a São Francisco que, embora não seja dele, está em consonância com sua proposta de vida. Francisco foi um homem desarmado e aberto à paz em todos os sentidos, e a ele é atribuída essa oração da paz:

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver ofensa, que eu leve o perdão; onde houver discórdia, que eu leve a união; onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade; onde houver desespero, que eu leve a esperança; onde houver tristeza, que eu leve a alegria; onde houver trevas, que eu leve a luz. Ó, Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado, pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado e é morrendo que se vive para a vida eterna<sup>28</sup>.

O desejo de paz ardia no coração de Francisco; seu encontro com o leproso e com o crucificado de São Damião abriu espaço em seu coração para uma nova experiência: ele agora serve ao Senhor e não ao servo (2Cel, FFC, 2004:304). E o Senhor que o convocou para restaurar a Igreja, deu a ele uma saudação especial, que ele mesmo o diz em seu testamento: como saudação, o Senhor me revelou que disséssemos: “O Senhor te dê a paz” (Test, FFC, 2004:190).

A missão evangelizadora a qual Francisco é chamado contém três elementos nucleares: a saudação da paz, a cura dos doentes e o anúncio do Reino; portanto, não se pode fazer uma leitura dicotômica dessa missão, o que a esvaziaria. Ir ao sultão para pregar o Evangelho é ir a ele anunciar a paz.

Uma interpretação dicotômica poderia ver nestes três elementos três fases na tarefa de evangelizar, a saber, a saudação da paz, como sendo uma introdução; a cura dos doentes, como uma preparação para a evangelização; e o anúncio do Reino, que seria a missão evangelizadora propriamente dita. A nosso ver, porém, estes três elementos constituem a própria evangelização. O conjunto todo é anúncio do Reino. O Reino de Deus só pode ser Reino de paz, caso contrário não será Reino de Deus. Por isso a própria saudação da paz já é anúncio do Reino (TEIXEIRA, 2005:9).

É possível imaginar Francisco diante do sultão e a sua primeira expressão: “O Senhor te dê a paz”, e assim o anúncio do Reino já está sendo realizado, e, ao que tudo indica, o sultão foi cordial ao deixar Francisco expor sua saudação. Para Francisco, a paz era sentida como um bem supremo, o mais alto que se podia desejar, era dom de Deus. Na saudação “O Senhor te dê a paz”, deixa-se claro que a obtenção da paz era já a presença de Deus (MANSELLI, 1997:124).

---

<sup>28</sup> Oração conhecida como de São Francisco, embora não seja de sua autoria, mostra a sua proposta de vida. Cf. BOFF, *Oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

A busca pela paz diante do sultão pode ser percebida se acompanharmos a trajetória de Francisco, um homem da paz, um filho da paz. Como nos diz Celano, mesmo os que odiavam a paz se deixavam tocar por ela diante da presença do santo:

Em toda pregação sua, antes de propor a palavra de Deus aos que estavam reunidos, invocava a paz dizendo: “O Senhor vos dê a paz!”. Anunciava-a [a paz] sempre mui devotamente a homens e mulheres, aos que ele encontrava e aos que lhe vinham ao encontro. Por essa razão, muitos que odiavam a paz, com a cooperação do Senhor, abraçaram de todo o coração a salvação juntamente com a paz, tornando-se também eles filhos da paz e desejosos da salvação eterna (1Cel, FFC, 2004:213).

Francisco muito provavelmente já havia pedido ao papa pelo fim da guerra: “Apresentado a Honório III, sucessor de Inocêncio III, pelo cardeal Hugolino, referiu-se o santo em presença dos cardeais a um argumento que envolvia a Igreja e expôs-lhe a profética advertência de suspender a cruzada” (Baseti-Sani, 1968:19). E, mesmo no campo de batalha, queixou-se da guerra e pediu aos cristãos que não combatessem: “Então ao prepararem-se os nossos para o dia da batalha, tendo ouvido isto, o santo queixou-se profundamente da guerra” (2Cel, FFC, 2004:320).

Os primeiros biógrafos de Francisco afirmam que ele foi ao sultão pelo ardente desejo de martírio e pelo desejo de convertê-lo à fé cristã (Teixeira, 2005:16). Assim fica sempre um sabor amargo diante do fracasso de Francisco. Mas é possível encontrar elementos que apontem para essa proposta de paz, pois, para Francisco, anunciar a paz era anunciar o Reino e vice-versa; convém salientar que para ele a paz não é apenas um tema entre outros da evangelização, mas é a própria evangelização (idem:14).

Na verdade, todo o tema de suas palavras visava extinguir as inimizades e a reformar os pactos de paz: “O seu hábito era sujo, a pessoa desprezível, e a face sem beleza; mas Deus conferiu tanta eficácia às suas palavras que muitas famílias dos nobres, entre as quais o furor desumano de antigas inimizades eclodira em muito derramamento de sangue, foram levadas de novo ao pacto de paz” (Teixeira, 2005:14).

Francisco, quando foi ao sultão, tinha acabado de ver no campo de batalha milhares de homens mortos em nome de uma guerra que já durava mais de um século; chegava a hora de alguém falar em nome da paz:

Pelo que deduzimos da evangelização desenvolvida por Francisco, que levava o povo em guerra a pactos de paz, a intenção dele ao visitar o sultão deve ter tido esta finalidade concreta: Uma proposta de paz que ele fazia em nome não dos reis do Ocidente cristão, nem mesmo do papa, mas em nome do Evangelho. Evangelização,

sem dúvida, mas de maneira muito concreta, na forma de uma proposta de paz. Sem intenção de proselitismo. Sem a intenção primeira do martírio, embora Francisco tivesse a coragem de enfrentar também o martírio (TEIXEIRA, 2005:16).

Os primeiros biógrafos colocaram, de acordo com a mentalidade da época, toda ênfase no desejo martírio como motivação para Francisco ir até os muçulmanos; havia uma verdadeira neurose de guerra e morrer mártir nas mãos dos muçulmanos fazia dos cristãos heróis de Cristo (TEIXEIRA, 2005:16).

Mas, levando-se em conta o anseio de paz e o mandato do próprio Cristo na vida de Francisco, podemos dizer que a proposta de paz era seu objetivo primeiro, embora soubesse do risco do martírio:

As circunstâncias levam-nos a deduzir que a meta concreta que Francisco queria atingir era um tratado de paz, como já havia feito em algumas cidades e entre algumas facções por onde ele passava. O que deve ter causado grande admiração em Francisco era o fato de toda a cristandade estar envolvida numa guerra. E ninguém, nem da Igreja, nem dos governos da Europa, propunha uma alternativa. Parafrazeando o que Francisco disse a respeito da inimizade entre o bispo e o podestà de Assis, ele deve ter pensado a respeito da inimizade entre cristãos e sarracenos: “É grande vergonha para nós, servos de Deus, que ninguém se intrometa para tratar da paz e a concórdia entre eles” (TEIXEIRA, 2005:17).

Há ainda um fator importante a ser considerado: a guerra se fazia em busca de expansão territorial e mercados, ou seja, aumentar as riquezas do Ocidente e o domínio da Igreja. Francisco já havia renunciado a isso num gesto de despojamento na praça de Assis quando ficou nu diante do bispo Guido, de seu pai Pedro Bernardone e de toda a cidade (2Cel, FFC, 2004:309). E ainda uma vez em instrução aos seus irmãos dizia que o possuir bens gerava a necessidade de guardá-los, o que por sua vez geraria a violência que põe irmãos contra irmãos: “Se possuíssemos bens, teríamos que ter armas para defendê-los e conservá-los; dos bens resultariam brigas e lutas, impedindo o amor de Deus ao próximo” (MANSELLI, 1997:88). O bem maior para Francisco era o dom de Deus. Nas palavras de Celano, “não queria ter propriedade alguma para poder possuir tudo mais plenamente no Senhor” (1Cel, FFC, 2004:228).

No meio da turbulenta guerra, poucos dias antes de Francisco ir ter com o sultão houve um massacre, massacre que Francisco tentou evitar ao pedir aos cristãos que não combatessem, logo depois daquele dia 29 de agosto de 1219 (JEUSSET, 1995:79). Francisco mostrava que a guerra era lutar contra Deus; diante da derrota dos cristãos, ele sente compaixão, mas mostra que não se deve lutar contra Deus:

A compaixão para com eles consumia o santo, e não menos os consumia o arrependimento pelo acontecido. E lamentava principalmente os espanhóis, pois via que a coragem mais pronta deles nas armas deixara muito poucos. Conheçam essas coisas os príncipes da terra e saibam que não é fácil lutar contra Deus, isto é, contra a vontade do Senhor. Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apóia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino (2 Cel, FFC, 2004:321).

Francisco e Iluminado – frade Franciscano que esteve com o santo em Damietta e foi junto com ele até o sultão – foram para a outra margem sem uma arma, a não ser a mais poderosa: o Nome do Deus Altíssimo; o mesmo Deus que havia dado a Francisco uma forma de saudação, a saber: “O Senhor vos dê a paz” (Test, FFC, 2004:190).

Francisco e Iluminado encontram na outra margem não o demônio, ou o devorador dos cristãos que pagava pela cabeça dos cristãos um bizâncio de ouro, mas um homem cordial que se admirou com Francisco e pode escutá-lo como se escuta a um homem de bem (LM, FFC, 2004:613).

### **2.3 O SULTÃO CORDIAL**

No contexto de guerra em que o inimigo é demonizado, torna-se interessante fazer uma leitura sobre Malek-al-Kamil<sup>29</sup>. Embora os primeiros biógrafos de Francisco não escondam a mentalidade de ver o outro como demônio, parece que diante da pessoa de Francisco eles conseguem encontrar um homem acolhedor e cordial.

Relatos que contam a história das cruzadas apresentam muitas propostas de paz feitas pelos sultões al-Adil, que era pai de Malek-al-Kamil, e ainda por Saladino, que foi o responsável pela retomada de Jerusalém pelos muçulmanos. Em alguns momentos se conseguiram tréguas e, até mesmo, uma convivência harmoniosa (MAALOUF, 2001:181).

Malek-al-Kamil também, em vários momentos, propôs a paz e acordos de tréguas; sem se querer aqui “santificá-lo”, parece um líder aberto à paz:

Após a conspiração falhada de fevereiro de 1219, o sultão do Egito apresentou uma proposta para acabar com a guerra. Estava resolvido a “restituir” o reino de Jerusalém, conquistado outrora pelos primeiros cruzados, com exceção da Transjordânia. Propunha ademais uma trégua de trinta anos. O legado Pelaió e as ordens militares recusaram essas condições de paz, alegando que as praças fortes da Transjordânia eram necessárias para a segurança do reino.

---

<sup>29</sup> Sultão do Egito que recebeu Francisco em Damietta; era filho de outro sultão, Al-Adil, e sobrinho de Saladino. Cf. JEUSSET, op. cit., 1995.

Malek-al-Kamil apresentou então uma concessão suplementar: para assegurar a passagem das caravanas entre a Arábia e o Egito, pretendia conservar em seu poder as fortalezas dessa rota comercial e o território adjacente, mas aceitava ser apenas o locatário dos dois grandes castelos de Kerak e de Shawbak, pegando a renda anual de 15000 besantes de ouro.

João de Briene, o rei de Jerusalém, e os cruzados franceses, achavam a proposta aceitável. Outros, porém, por motivos diversos, tinham opinião diferente: o cardeal acicatado pela ambição de conquistar o Egito; as ordens militares, por razões estratégicas ou por deferência em relação ao prelado; os italianos, por interesse em abrir feitorias comerciais desse lado do Mediterrâneo, todos eles teimavam em não abandonar a presa por nada nesse mundo (JEUSSET, 1995:109).

O sultão, ao que parece, tinha abertura para a paz, pelo menos, para a paz política. Nenhum dos biógrafos de Francisco fala de maus tratos a Francisco por parte de Malek-al-Kamil, como se segue: na primeira biografia de Celano, este diz que o sultão honrava Francisco como podia e oferecia-o muitos presentes: “Foi recebido pelo sultão com muita honra, honrava-o como podia e, tendo-lhe oferecido muitos presentes, tentava dobrar o espírito dele às riquezas do mundo” (1Cel, FFC, 2004:236). Juliano de Espira diz: “O sultão, porém, recebeu-o com a máxima honra e ofereceu-lhe muitos e preciosos presentes” (Jul, FFC, 2004:527). São Boaventura, em sua *Legenda Maior*, fala de maus tratos infligidos a Francisco e iluminado pelos guardas do sultão, mas muda o tom quando Francisco está diante daquele: “E o sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor do Espírito e a virtude, ouvia-o com prazer e convidava-o com insistência a morar com ele” (LM, FFC, 2004:613). Os *Florilégios* falam da atenção do sultão para com Francisco: “O sultão concebeu grande devoção para com ele tanto pela constância da fé quanto pelo desprezo do mundo” (AtF, FFC, 2004:1179).

As biografias de Francisco relatam, assim, a cordialidade de Malek-al-Kamil e, após o encontro com Francisco, o sultão ainda tentou outros acordos de paz, mas sem sucesso:

Após as hecatombes do verão, durante a trégua de setembro e as diligências de Francisco de Assis, o sultão avançou ainda mais nas concessões: comprometia-se a reconstruir os muros de Jerusalém, bem como os castelos de Belvoir, Safed e Tibnina, sugerindo, além disso, a criação duma comissão mista, encarregada de supervisionar o tratado, e como garantia de sua boa fé, libertaria os reféns de alta patente. Para sensibilizar ainda mais os cristãos, dispunha-se mesmo a “inventar” uma nova relíquia em proveito de sua causa: restituiria a Vera Cruz, que se tinha por perdida para sempre após a batalha de Hattin e a queda de Jerusalém.

Os cruzados ingleses e a ordem dos Cavaleiros Teutônicos passaram então a apoiar a tese pacificadora dos que advogavam o tratado proposto pelo sultão. Porém, o legado do papa, apoiado pelos templários, não cedeu (JEUSSET, 1995:110).

Essa disponibilidade de tratar a paz fez com que o sultão Malek-al-Kamil pudesse receber Francisco sem hostilidade e, se não bastasse essa disponibilidade,

tocava ainda o coração do sultão as palavras do Corão, que prima pela cortesia para com o fiel que seja seguidor do livro: “E não discutais com os seguidores do Livro [judeus e cristãos] senão da melhor maneira – exceto com os que, dentre eles, são injustos – e dizei: Cremos no que foi descido para nós e no que fora descido para vós; e o nosso Deus e vosso Deus é um só. E para Ele somos moslimes” (Cor 29,46). Malek-al-Kamil era também líder religioso e respeitador da lei islâmica que chama à cortesia, como se vê ainda em outra passagem do Corão: “Convoca ao caminho de teu Senhor, com sabedoria e a bela exortação, e discute com eles da melhor maneira (cortesia). Por certo, Allah é bem sabedor de quem se desencaminha de seu caminho e Ele é bem sabedor dos que são guiados” (Cor 16,125). Malek-al-Kamil percebeu em Francisco a cortesia de um homem que falava em nome do Deus Altíssimo (LM, FFC, 2004:613).

Assim, pela cortesia de um e a delicadeza de outro, dois mundos puderam se encontrar em paz num tempo de guerra, e ambos foram tocados pela experiência do outro. Aqui, interessa-nos a presença positiva da piedade muçulmana na vida de Francisco, piedade que poderá ser vista quando analisarmos alguns de seus escritos.

Há dados importantes que saltam aos olhos de quem lê os relatos referentes ao encontro de Francisco de Assis com o sultão. Tanto os escritos de frades como os escritos de pessoas não ligadas à Ordem falam da ida de Francisco ao Egito no intuito de sofrer o martírio pelas mãos dos muçulmanos, além dos sofrimentos impostos a Francisco e a Iluminado pelos soldados e guardas muçulmanos; no entanto, todos os textos falam da cortesia com que Francisco foi recebido pelo sultão e como este o escutava.

Mesmo que seja uma suposição, cremos que é bem plausível que a imagem que Francisco e Iluminado passaram para os confrades do sultão foi muito positiva, o que nos atesta o fato de todos falarem de cordialidade na maneira com que o sultão recebeu Francisco, ou seja, apenas Francisco e Iluminado poderiam ter dito algo a respeito da maneira como foram recebidos pelo sultão, e se os autores falam dessa cordialidade, quais os motivos teriam para fazê-lo senão o testemunho de frei Francisco ou de frei Iluminado?

## **2.4 O SULTÃO E O MONGE**

O encontro entre Francisco de Assis e o sultão muitas vezes pareceu ser como que uma lenda, ou mesmo algo sem muita importância; no entanto, não há qualquer outro episódio na vida de Francisco de Assis tão confirmado como este, tanto por cronistas da Ordem como por escritores estranhos a ela (JEUSSET, 1995:88). Esse encontro entre um monge cristão e um líder muçulmano, em plena guerra, ao contrário do que se poderia pensar, foi marcado pela cordialidade.

Vale ressaltar que a autorização do cardeal Pelágio para que Francisco fosse ter com o sultão só se deu depois da derrota dos cristãos na batalha de 29 de agosto de 1219, quando morreram mais ou menos seis mil cristãos e, ainda assim, o cardeal deixou que Francisco fosse por própria conta e risco, sem qualquer responsabilidade para si (CURSO, 2000:11).

Jacques de Vitry, que foi bispo de São João de Acre e escritor, foi um dos primeiros a relatar o encontro entre Francisco e o sultão, em carta escrita em Damietta, em fevereiro ou março de 1220. Ele relata a presença de Francisco entre os cruzados e junto ao sultão:

O Senhor Rainério, prior de São Miguel, entrou na religião dos Frades Menores. Esta religião muito se multiplica por todo o mundo, visto que imita a forma da Igreja primitiva e em tudo a vida dos apóstolos. O mestre desses frades chama-se frei Francisco, que é tão amável que é venerado por todos os homens; quando veio ao nosso exército, inflamado pelo zelo da fé, não teve medo de ir ao exército dos nossos inimigos; e como durante muitos dias tivesse pregado a palavra de Nosso Senhor aos sarracenos e tivesse tido pouco proveito, então o sultão, rei do Egito, pediu-lhe em segredo que suplicasse ao Senhor por ele para que, por inspiração divina, aderisse à religião que mais agrada a Deus (Tm, FFC, 2004:1423).

Nas biografias feitas por membros da ordem franciscana logo após a morte de Francisco, também existem muitos relatos sobre o encontro entre Francisco e o sultão. Celano, como já foi dito, em sua primeira biografia fala da cordialidade do sultão no ato de receber Francisco, depois de ter sido maltratado por muitos com ânimo hostil; no entanto, “foi recebido pelo sultão com muita honra” (1Cel, FFC, 2004:236). Já na segunda biografia, Celano relata a presença de Francisco junto ao acampamento dos cristãos e a sua oposição ao combate naquele instante, mas não fala sobre o encontro de Francisco com o sultão: “Então, ao prepararem-se os nossos para o dia da batalha, tendo ouvido isto, o santo queixou-se profundamente da guerra. E disse a seu companheiro: ‘Se em tal dia acontecer o embate, o Senhor me mostrou, os cristãos não se sairão bem. Mas se eu disser isto, serei julgado como louco; se eu me calar, não escapo da consciência. Portanto, o que te parece?’” (2Cel, FFC, 2004:321).

Juliano de Espira segue a mesma linha da 1ª Celano ao relatar os sofrimentos de Francisco para chegar até o sultão, mas diante do sultão é recebido com honra e cordialidade. Tendo enfrentado muitas e graves agressões e ofensas antes de chegar, finalmente conseguiu aparecer diante do próprio sultão; “o sultão, porém, recebeu-o com a máxima honra e ofereceu-lhe muitos e preciosos presentes” (Jul, FFC, 2004:527).

São Boaventura, na Legenda Maior, relata os tormentos que Francisco padeceu até chegar ao sultão e ainda narra o ódio que separava cristãos de muçulmanos, a ponto de o sultão soltar um edito cruel no qual a cabeça de cada cristão valia um bizâncio de ouro como recompensa (LM, FFC, 2004:612). No entanto, diante de Francisco o sultão parece transformado de lobo em cordeiro e o escuta com agrado, sendo-lhe também cordial. Francisco é interrogado pelo sultão, que o questiona em nome de quem ele se faz presente, em nome de algum rei, em nome do papa, mas Francisco diz não ter sido enviado por homem algum, mas pelo Deus Altíssimo, e sua missão era anunciar o Evangelho da verdade (LM, FFC, 2004:612). O sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor de espírito e a virtude, ouvia-o com prazer (LM, FFC, 2004:613). Boaventura relata ainda a proposta que Francisco de se submeter à ordália de fogo para que pudesse assim mostrar a verdadeira fé, mas o sultão não aceitou tal proposta (LM, FFC, 2004:614). Segundo Boaventura, “o sultão se admirava cada vez mais de Francisco, ofereceu-lhe inúmeros presentes e viu nele o desprezo pelas coisas do mundo, pediu-lhe orações por si” (LM, FFC, 2004:614).

A presença de Francisco no acampamento dos muçulmanos pode ter causado espanto e desconfiança, porém sua postura quebrava as resistências, era realmente um homem devotado à paz:

Os guardas muçulmanos ficaram desconfiados a princípio, mas logo chegaram à conclusão de que alguém tão simples, tão gentil e tão sujo só podia ser louco, e trataram-no com o respeito devido a um homem que fora tocado por Deus. Francisco foi levado ao sultão al-Kamil, que ficou encantado com sua figura e ouviu pacientemente seu apelo, mas era por demais bondoso e civilizado para permitir que ele desse testemunho de sua fé numa ordália de fogo, e tampouco correria o risco de expor-se à acrimônia que um debate religioso em público despertaria naquele momento. Ofereceu inúmeros presentes ao santo, que os recusou e enviou-o de volta aos seus com uma escolta de honra.

A intervenção de Francisco não era necessária, pois o próprio al-Kamil sentia-se inclinado à paz (RUNCIMAN, 2003:147).

Mesmo no mundo árabe, temos uma testemunha do encontro entre Francisco e o sultão, e também neste relato percebe-se a cordialidade entre ambos:

Temos um testemunho fora de série, procedente das próprias fontes árabes, encontrado graças às pacientes pesquisas do professor Luiz Massignon<sup>30</sup>. Um autor árabe do século XV, Ibn-Al-Zayyat atesta, com efeito, indiretamente, a estada de Francisco pela mediação de Fakr-El-Din-Farisi, místico influente na corte do sultão. A sua inscrição tumular assim tinha na epígrafe: “Este possui uma virtude conhecida a todos. Sua aventura com Malek-Al-Kamil e o que lhe aconteceu por causa do monge, tudo isto é bem conhecido”. A identificação com Francisco parece não deixar margem de dúvida: a importância de sua viagem era significativa também para os nossos irmãos muçulmanos. A tal ponto que a cronologia deste homem não seria conhecida de todos sobre seu túmulo. Senão por sua referência a São Francisco! O sábio que se esquivava à ordália, desaprovando o sultão, está assim identificado. E a personalidade do místico confirmaria também que Francisco foi recebido, pelo sultão, como mensageiro religioso e não como embaixador político (BEER, 1982:21).

O conteúdo da conversa entre Francisco e o sultão não se sabe, mas nos relatos sobre o encontro ficam claras a piedade de Francisco e a cordialidade do sultão, e que passaram alguns dias desfrutando a presença um do outro. Mas o sultão muçulmano escuta com interesse o monge cristão; pelo que se vê, nem todos os cristãos são vampiros sedentos de sangue islâmico (JEUSSET, 1995:84). Por sua vez, ao passar alguns dias junto aos muçulmanos, Francisco e Iluminado têm a possibilidade de ver de perto e por dentro que os muçulmanos não são uma raça abominável, mas, assim como eles, são homens de oração; então descobre que eles também são seus irmãos pela comunhão da oração ao Deus Único (idem:86). Francisco se via então diante de um homem profundamente devoto e pacífico, que também acreditava num Deus único (SPOTO, 2003:239). O sultão não conseguia ver em Francisco um cruzado, e Francisco não reconhecia tampouco no sultão o perseguidor da fé que esperava (BEER, 1982:22).

Na outra margem da guerra, dois mundos “irmãos” e inimigos fazem uma trégua pelo encontro entre um pobre frade cristão e o sultão Malek-al-Kamil. Francisco

---

<sup>30</sup> Louis Massignon nasceu em no dia 25 de julho de 1883, na cidade de Nogent-sur-Marne (França). Massignon deixa rastros importantes também no âmbito da vida espiritual. Juntamente com Mary Kahil, funda, em fevereiro de 1934, a Badaliya, um espaço garantido para a vida de oração e a hospitalidade do coração. Tratava-se de um lugar de acolhida do outro, do estrangeiro. Na Badaliya “toma forma um modelo de espiritualidade interconfessional que suscita uma concepção teológica-mística do ‘diálogo’ para além dos modelos socioculturais evocados pela cultura humanista”. Em pacto concluído na ocasião pelos dois na igreja franciscana de Damiette, local onde São Francisco apresentou-se ao sultão al-Malik al Kâmil, decidem fazer o oferecimento de suas vidas aos muçulmanos. Não para que se convertessem ao cristianismo, mas “para que a vontade de Deus pudesse ser feita para eles e por eles”. A experiência da Badaliya é assumida pelos dois como um “voto de substituição” e um convite a viver a santidade em meio aos muçulmanos. Traduzindo ao padre jesuíta Bonneville, no Cairo, a força da opção realizada pelos dois, Mary Kahil assim se expressa: “Queremos fazer nossas as suas orações, nossas as suas vidas, apresentando-as ao Senhor”. A partir de 1934, ano da fundação da Badalliya, Massignon vai se aproximando cada vez mais da comunidade católica melquita, de rito bizantino, até fazer sua transferência definitiva para ela em 1949, sob autorização de Pio XII. Era o passo que faltava para sua maior comunhão, enquanto cristão, com os árabes. Em janeiro de 1950 vem ordenado sacerdote na igreja grego-melquita Sainte-Marie-de-la-Paix. Morreu em 1962. Cf. Faustino Teixeira, Peregrinos do diálogo. Disponível em: <[http://empaz.org/dudu/du\\_peregrinos\\_dia\\_.htm](http://empaz.org/dudu/du_peregrinos_dia_.htm)>, acesso em 01/03/08.

certamente o saúda: “Deus te dê a paz”, e por alguns dias esses mundos se tocam em harmonia pela delicadeza das palavras e pela reverência de dois homens que se sentem filhos de Deus, o Deus da paz. A reverência pela pessoa humana é um dos mandamentos da Lei do Corão, segundo o livro sagrado dos muçulmanos. Quando Deus criou Adão e Eva, mandou que todos os anjos se curvassem em reverência à humanidade: “E quando dissemos aos anjos: Prosternai-vos diante de Adão’, então eles prosternaram-se, exceto Iblis. Ele recusou fazê-lo, e se ensoberbeceu e foi dos infiéis” (Cor 2,34). O que Francisco e Malek-al-Kamil fazem a princípio é seguir o mandamento da cortesia e reverência de um para com outro, uma vez que a não cortesia e a não reverência para com o outro é algo “demoníaco”<sup>31</sup>. A cortesia com que Francisco foi recebido vai deixar marcas importantes em sua vida e em sua espiritualidade, como se poderá atestar em alguns de seus escritos que surgiram depois deste episódio.

Alguns dias depois do encontro, Francisco volta para Assis: “É impossível exagerar a importância da mudança ocorrida na vida e no espírito de Francisco de Assis em 1219. Em certo aspecto, à luz de seu fracasso em converter al-Malik-al-Kamil, esse foi o ano mais importante no processo de sua própria conversão; em outro, marcou o início de um aprofundamento do verdadeiro significado da cruz em sua vida e em sua conversão” (SPOTO, 2003:250).

O encontro entre Francisco de Assis e o sultão pode ter sido motivado por muitos elementos da parte de Francisco, mas cabe-nos duas perguntas: terá o encontro com o sultão influenciado de alguma forma o pensamento de Francisco? Já havia em Francisco uma predisposição para o diálogo com os muçulmanos? Uma tentativa de resposta a estas perguntas é a nossa tarefa no próximo capítulo.

---

<sup>31</sup> Iblis, na tradição muçulmana, é o ser demoníaco que não prestou reverência a Adão e Eva (Corão 2,34).

**CAPÍTULO III**  
**O DEPOIS – A MARCA DO ENCONTRO COM O SULTÃO**  
**EM ALGUNS ESCRITOS DE FRANCISCO**

E de tal modo anuncieis e pregueis a todas as pessoas sobre o louvor dele que, a toda hora e quando soarem os sinos, sempre sejam dados, por todo o povo, louvores e graças ao Deus Onipotente por toda a terra (1Ct FFC, 2004:110).

Em agosto de 1219, em Damietta, no Egito, houve o encontro entre Francisco de Assis e Malek-al-Kamil. Se o ódio dominava as relações entre cristãos e muçulmanos, naquele momento em que as duas margens se guerreavam, Francisco de Assis e Malek-al-Kamil puderam partilhar alguns dias de hospitalidade, cortesia e paz. Para o próprio Francisco de Assis, esse encontro foi muito decisivo e desencadeou nele transformações importantes na visão do outro e na própria espiritualidade. Logo depois, em escritos e na própria regra franciscana, passou a demonstrar respeito profundo para com os muçulmanos e uma compreensão de missão muito diferente da compreensão que havia em seu tempo, chegando em determinados momentos a “transpor costumes e experiências fundamentais islâmicas para sua própria fé” (CURSO, 2001:6).

O encontro de Francisco com os muçulmanos desencadeou nele um julgamento de si mesmo, que é duplo e comporta uma autocrítica e uma reconversão de uma atitude fundamental. Depois de ter se encontrado face a face com fiéis do Islã, saíra daí marcado para todo o sempre tanto no pensamento como na vida (BEER, 1982:25).

Após o encontro, Francisco voltou para a Itália, mas levou consigo marcas dessa viagem de peregrinação. Esta é a tarefa que nos cabe agora: ler alguns escritos de Francisco posteriores à sua presença em Damietta junto ao sultão e a seus súditos e procurar nesses escritos uma presença da piedade muçulmana, tais como o pedido aos governantes dos povos para que se coloque alguém para convocar o povo à oração, um costume que, por certo, presenciou nos dias em que esteve junto ao sultão e que poderia ser um elo de união entre cristãos e muçulmanos, a oração ao Deus Onipotente e Único (1Ct, FFC, 2004:125-6).

Na “Carta aos Custódios”, primeira recensão (1Ct, FFC, 2004:109-10), Francisco pede que se preste toda reverência à palavra de Deus, reverência com a

palavra que percebeu junto ao sultão, no que diz respeito ao Corão, e ainda reverência ao nome do Senhor, atitude que simboliza mais um elo de união entre duas religiões diferentes; reverência pela Palavra e pelo nome do Deus único; a mesma reverência que percebeu nos muçulmanos quando se curvavam até o chão para fazer suas orações.

Na Regra não Bulada, capítulo XVI (RnB, FFC, 2004:129-139), Francisco apresenta um projeto missionário para aqueles que se propõem a anunciar o Evangelho. Um projeto inovador para seu tempo e que, de certa forma, era contrário à pregação da própria Igreja. Neste projeto missionário, Francisco demonstrou respeito para com os destinatários da missão e uma forma renovada diante das cruzadas; dizia que era preciso esperar a hora de Deus e ainda afirmava a necessidade de professar a própria fé na Trindade, porém o mais importante era testemunhar a fé com a própria vida.

Pretendemos ainda, neste capítulo, fazer uma leitura do “Cântico do Irmão Sol” (Cnt), texto no qual Francisco parece demonstrar uma pré-disposição para uma compreensão do Deus presente no Islã, o que, com certeza, foi a marca do encontro entre ele e o sultão e uma marca de sua própria vida.

O Islão também despertou na vida de Francisco como que um recrudescimento da transcendência, que o tornou ainda mais sensível à humildade sublime do Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor (BEER, 1982:28).

No fundo, parece que Francisco compreendia que cristãos e muçulmanos tinham em comum uma série de convicções religiosas. Lamentavelmente, porém, uma história muito sofrida e uma série de experiências negativas continuam nos separando ainda no presente.

### **3.1 O SALÂT – CARTA AOS GOVERNANTES DOS POVOS**

E presteis tanta honra ao Senhor no meio do povo a vós confiado que, todas as tardes, seja anunciado por um pregoeiro ou por outro sinal, para que todo o povo renda louvores e graças ao Senhor Deus onipotente (Gv, FFC, 2004: 125-6).

“Quando estava no Oriente, Francisco viveu em seu íntimo o convite do almuadem (= Salât), pelo qual o povo é convocado para a prece, devendo o crente inclinar-se profundamente até o chão” (CURSO, 2001:16). Pouco depois desta sua

viagem e seu encontro com o sultão, ao voltar para Itália, Francisco escreveu a “Carta aos governantes dos povos”, na qual mostra ter ficado muito impressionado pela prostração muçulmana ao brado do Muezim, aconselhando aos irmãos que façam o mesmo (BEER, 1982:28):

A todos os podestás e cônsules, aos juízes e governantes de toda a terra e a todos os outros aos quais chegar esta carta, a todos vós, frei Francisco, vosso pequenino e desprezível servo no Senhor, deseja saúde e paz.

Considerai e vede, pois o dia da morte se aproxima (Gn 47,29). Portanto, rogo-vos com reverência, como posso, que não vos esqueçais do Senhor por causa dos cuidados que tendes e das preocupações deste mundo (Mt 13,22) e não vos afasteis de seus mandamentos, porque todos aqueles que dele se esquecem e se afastam de seus mandamentos são amaldiçoados (Sl 118,21) e serão por Ele destinados ao esquecimento (Ez 33,13). E quando chegar o dia da morte, tudo o que julgavam possuir lhes será tirado (Lc 8,18). E quanto mais sábios tiverem sido neste mundo, tantos maiores tormentos (Sb 6,7) sofrerão no inferno.

Por isso, meus senhores, aconselho-vos firmemente que deixeis de lado todo o cuidado e preocupação e recebeis benignamente, em sua santa memória, o Santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. E presteis tanta honra ao Senhor no meio do povo a vós confiado que, todas as tardes, seja anunciado por um pregoeiro ou por outro sinal, para que todo o povo renda louvores e graças ao Senhor Deus onipotente. E se não fizerdes isto, sabeis que deveis prestar contas no dia do juízo (Mt 12,36) diante do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aqueles que guardarem consigo este escrito e o observarem, saibam que são abençoados pelo Senhor Deus (Gv, FFC, 2004:125-6).

A “Carta aos governantes dos povos” foi escrita pouco depois da viagem de Francisco ao Oriente (FFC, 2004:19). Nesta carta, Francisco convoca os governantes a não se esquecerem do Senhor por causa das preocupações do mundo; entre essas preocupações podemos destacar as guerras entre reinos e a principal guerra que assolava a Europa a mais de um século, ou seja, as cruzadas.

Em um momento em que a Igreja buscava centrar na figura do papa o poder temporal e espiritual, Francisco relembra aos governantes que eles têm também a responsabilidade religiosa:

Para recordar a responsabilidade religiosa, ligada indissolúvelmente à responsabilidade civil do governo confiado a eles. Francisco de fato começa com um aceno de compreensão, mostrando ter bem presente as grandes preocupações que pesam sobre seus ombros: eles têm certamente *curam et sollicitudinem saeculi*, mas, exatamente, por isso, não devem esquecer-se de Deus e dos seus mandamentos, de que devem se sentir igualmente responsáveis, se não quiserem cair na maldição de Deus. Eles, os governantes dos povos, correm também o risco mais grave do que os outros: “Quanto mais sábios e poderosos tiverem sido neste mundo, tanto maiores tormentos sofrerão no inferno” (MANSELLI, 1997:270).

Em sua saudação inicial, Francisco demonstra sua expropriação “pequenino e desprezível servo”, expropriação que o permitiu ir desarmado entre os muçulmanos,

como nos mostrou o capítulo 2 deste trabalho, e ainda a saudação da paz como a havia recebido do próprio Senhor: “O Senhor vos dê a paz” (Test, FFC, 2004:190).

E como se vê nesta carta, Francisco pede aos governantes que pratiquem no Ocidente um costume islâmico: “E presteis tanta honra ao Senhor no meio do povo a vós confiado que, todas as tardes, seja anunciado por um pregoeiro ou por outro sinal, para que todo o povo renda louvores e graças ao Senhor Deus onipotente” (Gv, FFC, 2004:125-6). Pois se sentia a tal ponto tocado por esse louvor a Deus da parte dos muçulmanos que desejava ter algo semelhante no Ocidente (CURSO, 2001:16). Francisco percebia entre os muçulmanos irmãos que confiam e honram o Deus único, não demônios ávidos de sangue cristão. Essa carta mostra que Francisco ficou de tal modo impressionado com os muçulmanos que nela pede aos governantes uma atitude que é claramente uma alusão ao costume muçulmano de convocar o povo à oração (BERKENBROOK, 1996:330).

O Salât é uma forma de oração recomendada pelo próprio Corão, na qual o fiel se prostra em direção à Meca cinco vezes ao dia e faz a sua oração; a sura 2 no verso 43 dá a seguinte orientação: “E cumpri a oração e concedei az-Zakâh<sup>32</sup>, e curvai com os que se curvam” (Cor 2,43). Assim ao sinal do pregoeiro o povo do Islã se curva em direção à Meca e faz a sua prece: “Deve-se rezar cinco vezes por dia. A prece é considerada um dom de Deus para os homens, e foi entregue ao profeta do Islã para a sua comunidade no momento da sua ascensão (al-mi’râj), durante a qual ele foi transportado até a presença divina” (VITRAY-MEYEROVITCH apud LUCCHESI, 2002:151).

Parece que a chamada islâmica para a oração cinco vezes ao dia impressionou muito Francisco de Assis, quando o muezim bradava o salât. Como se vê no ano seguinte, Francisco sugeriu com empenho às autoridades civis italianas que, para estimular o louvor ao Senhor, que todas as tardes houvesse um anúncio feito por um mensageiro, ou algum outro sinal, de que era hora de que todos louvassem ao todo poderoso Senhor Deus (SPOTO, 2003:233).

Esta carta de Francisco é endereçada a todos os governantes, porque ele percebia que era preciso a ajuda do braço secular para fazer com que todos os povos pudessem honrar o Senhor; aqueles que assumissem tais atitudes diante do povo seriam abençoados. Interessante notar que uma forma de benção pregada pela Igreja era a

---

<sup>32</sup> Az-zakâh: parte dos bens concedida em caridade.

guerra contra o Islão, matando muçulmanos em nome da fé cristã; agora Francisco colocava como benção assumir no Ocidente um costume dos próprios muçulmanos (TEIXEIRA, 2005).

Esse apelo de Francisco não foi acolhido de imediato, mas a tradição franciscana desempenhou um papel importante neste sentido ao criar, alguns anos depois, a oração do Ângelus, na qual se relembra a encarnação do Verbo e o diálogo do anjo Gabriel com Maria, mãe de Jesus (Lc 1,26-38). Essa oração foi introduzida mais tarde nas igrejas cristãs, e um dos incentivadores deste costume foi São Boaventura que, por ele, muito trabalhou. “De certo modo, realizou-se o desejo de Francisco, mas sem referência ao salât e sem o alcance ecumênico, como fôra a intenção primeira de Francisco” (CURSO, 2000:17).

O “Angelus Domini” (Anjo do Senhor) é a oração tradicional com a qual os fiéis celebram o anúncio do Anjo a Maria e a Encarnação do Verbo de Deus, em três momentos do dia: de manhã, ao meio-dia e ao pôr-do-sol. De origem popular, sua difusão foi obra principalmente dos Frades Menores e de outras ordens mendicantes do século XIII. E se reza intercalando versos bíblicos com a oração da Ave-Maria, como se segue:

— O anjo do Senhor anunciou à Maria (Lc 1,31).

— E ela concebeu do Espírito Santo (Mt 1,18).

Ave Maria...

— Eis aqui a serva do Senhor (Lc 1,38).

— Faça-se em mim segundo a Vossa Palavra (Lc 1,38).

Ave Maria...

— E o verbo se fez carne (Jo 1,14).

— E habitou entre nós (Jo 1,14).

Ave Maria...

— Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

— Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos: Infundi, Senhor, nós Vos pedimos, a Vossa graça em nossas almas, a fim de que nós, pela anunciação do anjo, conheçamos a Encarnação de Jesus Cristo, Vosso Filho, e, pela sua Paixão e Morte, cheguemos à glória da Ressurreição, pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém<sup>33</sup>.

A piedade muçulmana já deixava sua marca na vida do santo, marca que ele quis partilhar com todo o Ocidente; se não conseguiu a paz que desejava, agora tentava fazer com cristãos e muçulmanos estivessem unidos pela oração de louvor e reverência a Deus. Vale ressaltar que entre os muçulmanos há uma grande reverência para com a pessoa de Maria, a mãe de Jesus, único nome de mulher citado no Corão. Essa reverência pode ser percebida de forma clara nos versos do místico Al-Attar, que diz: “Quando amanhã, no dia do juízo, chamem em voz alta: ‘Ó homens!’, a primeira pessoa

---

<sup>33</sup> Ver: <<http://www.servidimaria.org/po/attualita/promotori1/promotori1.htm>>. Acesso em 08/05/08.

a dar um passo à frente será Maria, a mãe de Jesus” (OLIVEIRA apud LUCCHESI, 2002:101).

Alguns biógrafos dizem que o sultão havia oferecido vários presentes a Francisco; este, porém, não quis nenhum tipo de presente. No entanto, segundo uma tradição bem fundamentada, Francisco teria aceito do sultão como único presente a trompa de marfim do muezim, para doravante convocar todo o povo cristão à oração (BEER, 1982:29). Uma corneta deste tipo se guarda ainda hoje na capela de relíquias da Igreja de São Francisco, em Assis (CURSO, 2001:13).

Diante dos muçulmanos, Francisco percebeu que não se tratava de bestas cruéis; eles tinham costumes nobres, demonstravam um profundo respeito e absoluta submissão diante de Deus; isso permitiu que ele não tivesse receios em trazer exercícios desta piedade e tentasse introduzi-los de forma adaptada ao Ocidente (CURSO, 2001:11). Na carta endereçada a toda ordem, Francisco pede que “ao ouvir o nome dele [Senhor], prostrados por terra, adorai-o com temor e reverência; o nome dele é Senhor Jesus Cristo, Filho do Altíssimo, que é bendito pelos séculos”<sup>34</sup>. A mesma reverência que Francisco pôde perceber ao toque do muezim diante do qual o próprio sultão se curvava em reverência ao Deus Altíssimo (JEUSSET, 1995:86).

Nas cartas aos custódios e aos governantes dos povos, Francisco precisava sublinhar com tanta insistência esta idéia de um louvor a Deus comum ao Islã e ao Cristianismo, porque os ouvidos, acostumados à pregação das cruzadas, e os corações obcecados pelo ódio ao Islã, ainda consideravam absolutamente inadmissível um sinal religioso capaz de unir em oração as duas religiões (CURSO, 2001:12).

É importante, contudo, notar que Francisco não perdeu sua identidade cristã, pela qual deu grande ênfase à encarnação e à Santíssima Trindade; e mesmo diante de outros movimentos considerados heréticos, Francisco nunca atacou diretamente tais movimentos, nunca os condenou como hereges, mas sempre deixou clara sua posição de católico em relação às posições de outras crenças (CROCOLI, 2006:126). Embora não se possa falar em diálogo inter-religioso no século XIII, o que seria um anacronismo, é fundamental se notar que Francisco, esse irmão universal, viveu-o prática e explicitamente, mesmo sem tematizá-lo em momento algum; e desejou para sua ordem, quiçá para todo o Ocidente, um mesmo caminho de testemunho de fé, amor e reverência

---

<sup>34</sup> Francisco de Assis, Carta enviada a toda ordem (Ord, FFC, 2004:121). Esta carta é datada de após fevereiro-março de 1220. Cf. FFC, 2004:18.

ao Deus Único, abrindo assim uma nova cruzada, esta para a paz e o diálogo (CROCOLI, 2006:126).

Além do convite proposto à oração, há ainda pontos importantes que Francisco quis tornar presentes na mentalidade ocidental, sobretudo em sua fraternidade, como poderemos ver a seguir em seu estatuto missionário.

### 3.2 CAPÍTULO XVI DA REGRA NÃO BULADA (RnB)

“A escrita de um sábio é tão preciosa quanto o sangue de um mártir”<sup>35</sup>.

No início de sua comunidade, Francisco era a regra viva para seus frades, mas com o crescimento da mesma, fazia-se necessário uma regra que orientasse o modo de vida dos irmãos. Essa necessidade surgiu quando Francisco foi ao papa para pedir que ele confirmasse a sua comunidade:

Vendo o bem-aventurado Francisco que o Senhor Deus a cada dia aumentava o seu número, escreveu para si e seus irmãos presentes e futuros, de maneira simples e com poucas palavras, uma forma e regra de vida, utilizando principalmente palavras do Santo Evangelho, cuja perfeição unicamente aspirava. E inseriu poucas outras coisas que eram absolutamente necessárias para a prática do santo modo de viver. Por conseguinte, chegou a Roma com todos os ditos irmãos, desejando muito que fosse confirmado pelo senhor papa Inocêncio III o que ele escrevera (1Cel, FFC, 2004:218).

Essa primeira regra desapareceu, mas provavelmente haja alguma parte dela na introdução da Regra não Bulada (MANSELLI, 1997:98). Segundo o próprio Francisco, o papa confirmou sua forma de vida: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou” (Test, FFC, 2004:189).

No capítulo geral de 1221 (FFC, 2004:19), dois anos após o encontro com o sultão, Francisco apresentou aquela que é chamada de Regra não Bulada (RnB), não bulada pelo fato de não ter sido confirmada por uma bula. Nesta regra há um capítulo

---

<sup>35</sup> Hadith profético (*Caminhos do Islã*, 2004:148).

todo destinado às missões para a evangelização, o capítulo XVI (MANSELLI, 1997:98).

Na verdade, Francisco queria um novo tipo de regra para sua comunidade, uma vez que muitos foram os conselhos para que sua comunidade adotasse uma das regras já existentes. Antes da regra de vida da comunidade franciscana, havia três formas de regra: eremítica, monástica e canonical, mas o que Francisco queria era uma regra de vida para sua missão apostólica itinerante. Assim, “São Francisco não queria ouvir falar de outras regras para a sua Ordem” (CONTI, 2004:176).

Essa regra de vida não nasceu como um projeto de vida, mas tomou forma e conotação de uma experiência de vida; realmente, há uma grande preocupação de Francisco com o fato de ter uma comunidade que crescia a cada dia e perceber que não é mais possível o contato particular com cada frade. Era preciso uma norma que orientasse a todos:

Entre as preocupações que angustiaram profundamente a Francisco nos últimos anos de sua vida, estava o problema da regra que comportava questões bastante graves, questões psicológicas para ele pessoalmente, como já acenamos, questões organizativas para a ordem acolher as várias decisões tomadas nos capítulos por parte dos frades e, enfim, questões eclesiais no sentido de que qualquer decisão devia, depois, em linha definitiva, ser discutida com o cardeal protetor e na cúria antes de ser aprovada pelo papa (MASELLI, 1997:238).

Francisco e o grupo tinham consciência da necessidade de uma regra que pudesse orientar a vida da Ordem e, ao mesmo tempo, tinham consciência de que esta nova Ordem precisava de um novo tipo de regra. Nos escritos de Francisco, este faz questão de salientar inúmeras vezes a palavra regra de vida:

Vendo que o número deles estava aumentando a cada dia, Francisco escreve para si e para os frades presentes e futuros, com simplicidade e brevidade, uma forma de vida, isto é, uma Regra (*vitae formam et regulam*), composta, sobretudo, de passagens evangélicas, e cuja perfeita observância aspirava. (...) O termo regra retorna com insistência não só nos primeiros biógrafos franciscanos, mas nos próprios escritos de Francisco. Só nos escritos o termo aparece 26 vezes (CONTI, 2004:179).

Essa regra franciscana conheceu três etapas em sua formação, iniciada em 1109; ela só fica pronta em 1123. Os frades se encontravam a cada ano em um capítulo da Ordem, no qual eram resolvidas as questões que se apresentavam de acordo com o crescimento da Ordem e os desafios da missão:

Retornando das expedições apostólicas, os frades encontram-se periodicamente em capítulo para examinar e resolver juntos os problemas que a vida e o exercício do mandato de pregar colocavam a cada dia à fraternidade (...) O capítulo geral torna-se o lugar e o instrumento normal para completar periodicamente as leis de vida na ordem franciscana (...) A Regra não Bulada, redigida em 23 (ou 24) capítulos, obtém a aprovação do Capítulo de Pentecostes de 1221 e é proposta a observância de toda a ordem (CONTI, 2004:185).

De fato, percebia-se cada vez mais que a vida em si de Francisco já não conseguia atingir a todos os frades e todos os desafios que se punham para a Ordem. É possível que Francisco não tenha desejado a formação de uma Ordem, e nem mesmo quisesse outra regra de vida que não fosse o Evangelho, mas a necessidade de uma regra de vida para a comunidade se colocava cada vez mais de maneira urgente: “O crescimento dos frades, o aumento das moradias, exigia um texto o mais possível orgânico e fixo (...) Francisco devia, então, aceitar uma regra por força das coisas, exatamente como tinha aceitado que a originária e minúscula fraternitas de Assis fosse se tornando uma Ordem que já se difundia em todo o Ocidente com resultados e sucesso tão grandes que acabava preocupando” (MANSELLI, 1997:238).

Se a regra era discutida nos capítulos e eram levados em conta as experiências e os desafios impostos pela missão, torna-se natural que, após a viagem à Damietta, Francisco tivesse algo novo e inovador para acrescentar nessa regra que orientaria a missão junto aos infiéis:

Segundo Luis Massignon, Francisco, depois de sua experiência em Damietta, sempre teve os “irmãos muçulmanos” muito presentes em sua oração. Vivia condoído do modo como eram tratados e diante das referências preconceituosas que se lhes faziam. Seu pensamento continuava fixo no Oriente. Sabia que ele mesmo estivera diante de um homem (Malek-al-Kamil) profundamente devoto e pacífico, que também acreditava em um Deus Único. E diante de um povo que buscava viver sinceramente a sua fé. Sentiu-se movido a elaborar, pela primeira vez na história, um método de aproximação e diálogo com os muçulmanos. (...) Francisco demonstra ter aprendido algo daqueles que eram geralmente demonizados (CROCOLI, 2006:139-40).

Esse capítulo XVI mostra que o encontro com o sultão teve uma influência profunda na espiritualidade de Francisco e em sua compreensão da missão daqueles que são chamados a viver entre os muçulmanos. Francisco mostrava uma nova mentalidade diante de muitos cristãos que estavam convencidos de que os seguidores do Islã serviam ao diabo (BUNTIGAN et al, 2004:48).

Pela primeira vez na história da Igreja apresentava-se um método de apostolado de aproximação dos muçulmanos numa mentalidade unicamente evangélica, e pela

primeira vez se encontrava na regra de uma ordem religiosa um capítulo consagrado à evangelização do Islã (Baseti-Sani, 1993:694).

Esse capítulo XVI da RnB é um fruto do encontro de Francisco com o mundo islâmico e encerra a idéia original missionária de São Francisco de Assis, trazendo consigo uma nova mentalidade no que diz respeito à missão e, sobretudo, à relação com os muçulmanos; um texto extremamente rico que merece uma análise pormenorizada (Curso, 2000:11).

Diz o Senhor: eis que eu vos envio como cordeiros no meio de lobos. Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas (Mt 10,16). Por isso, se algum irmão quiser ir para o meio dos sarracenos e outros infiéis, vá com a licença de seu ministro e servo. E o ministro dê-lhe a licença e não lhes oponha objeção, se vir que são idôneos para serem enviados; pois deverá prestar contas (Lc16,2) ao Senhor, se nisto ou em outras coisas proceder de modo indiscreto. Os irmãos que vão, no entanto, podem de dois modos conviver espiritualmente entre eles. Um modo é que não litiguem e nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus (1 Pd 2,13) e confessem que são cristãos. Outro modo é que, quando virem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus Onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28,19), criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e para que sejam batizados e se tornem cristãos, porque quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no Reino de Deus (Jo 3,5).

Estas e outras coisas que agradam ao Senhor podem dizer a eles e a outros<sup>36</sup>.

### 3.2.1 Cordeiro entre lobos

A primeira coisa que nos salta aos olhos é a citação evangélica que Francisco usa: “Eis que vos envio como cordeiros no meio dos lobos. Sede, portanto, prudente como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16). Uma citação que pode parecer pesada, como se cristãos fossem cordeiros e muçulmanos lobos, mas perfeitamente compreensível no campo da missão; não há missão sem se correr de saída o risco evangélico. Pois se trata de viver, não à parte, em uma colônia cristã, mas entre os muçulmanos (Beer, 1982:26). Esta passagem bíblica que encabeça a reflexão do movimento a respeito da relação dos frades com os infiéis parece ter a finalidade de criar naqueles que se prontificam para a missão a consciência de que será uma tarefa difícil e arriscada (Crocchi, 2006:133). Essa frase serve também como que uma análise de conjuntura do momento em que cristãos e muçulmanos viviam; momento de uma guerra, e não parece que se tivesse a intenção de falar da maldade dos outros, a

---

<sup>36</sup> Francisco de Assis, Regra não Bulada, capítulo XVI – Os que vão para o meio dos sarracenos e outros infiéis (RnB, FFC, 2004:176).

quem a frase bíblica poderia fazer imaginar tratar-se de pessoas perigosas quais lobos (ibidem).

Não custa lembrar que Francisco também sabia “dialogar com lobos” (AtF, FFC, 2004:1169), fazia-se irmão de todas as criaturas e desejava que seus confrades vivessem a mesma harmonia que ele. A principal regra de São Francisco era sua própria vida. A fraternidade tinha-se formado não em função e em adesão a uma norma, mas repetindo o seu exemplo; não era a norma que impunha uma forma de vida, mas era a existência mesmo inspirada em Cristo, vivida com Cristo, a realizar uma contínua adesão não às exterioridades, mas aos aspectos profundos do Evangelho (MANSELLI, 1997:13). A prudência preconizada por Francisco convidava o irmão a refletir cuidadosamente sobre seu comportamento: a ele cabia a escolha conforme a inspiração do Senhor (BEER, 1982:26).

### 3.2.2 Para o meio dos sarracenos

Um segundo momento deste capítulo XVI da RnB usa a expressão “para o meio dos sarracenos”.

A RnB foi escrita, ou terminada, em 1221 (FFC, 2004:19), em um momento em que a cristandade já havia realizado cinco incursões *contra* os muçulmanos. Desde 1095, toda a vida da Igreja está de certa forma orientada para o extermínio total dos muçulmanos (CROCOLI, 2006:119).

É interessante que este primeiro escrito medieval a tratar da evangelização dos infiéis ou do diálogo inter-religioso em uma regra de vida religiosa use uma linguagem, poderíamos qualificar de, muito avançada. Fala em “ir para o meio”. Se, ao invés disso, dissesse “ir aos” sarracenos revelaria uma distância mental e física dos destinatários. A cristandade estava culturalmente condicionada não só a essa distância que poderia se refletir em indiferença e desconhecimento, mas se organizava para “ir contra (...) Esta postura de Francisco pressupõe o despojamento de toda forma de poder e superioridade” (CROCOLI, 2006:134).

Francisco, de certa forma, posicionava-se contra a mentalidade da própria Igreja, que é uma mentalidade belicosa. Francisco não queria ir para os muçulmanos e muito

menos contra eles. Queria sim estar entre eles com o Espírito de Jesus e levar-lhes a paz. Francisco dirigiu-se aos muçulmanos com tal espírito específico que deixou de lado cruzadas e armas. E pelo sultão foi recebido com a mesma saudação: “Assalam Aleikum!” (CURSO, 2001:16) Na Regra Bulada (aprovada por meio de uma bula), Francisco diz que aquele que vai para o meio dos muçulmanos deve ir por inspiração divina: “Se alguns dos irmãos por divina inspiração quiserem ir para o meio dos sarracenos e outros infiéis, peçam licença a seus ministros provinciais” (RB, FFC, 2004:64). Não se deve, portanto, ir contra e nem ir por mandato de homens, mas por inspiração divina, assim como o próprio Francisco o faz ao dizer, diante do sultão, que foi enviado não por homens, mas pelo próprio Deus Altíssimo (LM, FFC, 2004:613).

### **3.2.3 Com licença do ministro e servo**

Com licença do ministro e servo: aquele que quer ir para junto dos muçulmanos deve ter a permissão da ordem, pois todos são servos de todos dentro do grupo de irmãos menores; ir para junto dos infiéis tem que ser um bem para a comunidade que tem como finalidade anunciar o Evangelho a toda criatura sem levar nada pelo caminho, assim como havia escutado certa vez em uma celebração (1Cel, FFC, 2004:212). Na comunidade todos deveriam ser frades menores, todos submissos a todos como o próprio Francisco o era (Test, FFC, 2004:189).

### **3.2.4 Dois modos de conviver espiritualmente**

Dois modos de conviver espiritualmente: para aqueles que vão para junto dos infiéis há duas formas de conviver espiritualmente; o que chama a atenção aqui é o termo espiritualmente, pois vale lembrar que a Igreja não ia aos muçulmanos espiritualmente, mas carnalmente, uma vez que havia, por parte da Igreja, anseios comerciais e busca de domínio territorial. Desde 1095 até 1221, ano da RnB, não havia, por parte da Igreja, qualquer norma ou cânon tirado dos concílios que falasse para ir aos infiéis para proclamar a fé e/ou mesmo para viver entre eles, mas havia inúmeras convocações para lutar contra os muçulmanos, numa guerra que visava o extermínio total daqueles que eram considerados inimigos (CROCOLI, 2006:119).

Francisco, ao contrário da Igreja, quis ir espiritualmente, quis ir em nome do Evangelho, em nome do Senhor, como ele mesmo o havia feito quando foi ter com o sultão. Como o sultão o tivesse perguntado a que e como foram enviados (frei Francisco e frei Iluminado) e de que modo tinham chegado, Francisco, o servo de Cristo, respondeu que tinha sido enviado não por homem, mas pelo Deus Altíssimo (LM, FFC, 2004:613). Agora, aqueles que quisessem ir, deveriam também ir não em nome dos homens, não carnalmente, mas em nome de Deus, espiritualmente, da mesma forma que foi Francisco e com o mesmo espírito. Francisco queria estar no meio deles como um irmão menor. Desejava que entre os muçulmanos a Igreja fosse pobre e servidora, sem poder, identificando-se com os marginalizados (CURSO, 2001:19).

Outro ponto a chamar atenção é a expressão “dois modos”. Ao que tudo indica, a Igreja só conhecia um modo, ou seja, uma tentativa de subjugar o muçulmano, que era tido como endemonizado, infiel e inimigo. Francisco, ao ir em nome de Deus, trouxe uma nova alternativa, que é a dialogal.

### **3.2.5 Não litiguem e nem porfiem**

Não litiguem e nem porfiem. No tempo de Francisco de Assis, eram comuns os debates; algumas escolas religiosas foram criadas para debater a fé e, pelo debate, vencer os hereges<sup>37</sup>.

Quem se propõe a seguir a Francisco, tem que andar pelo mundo como irmão, sem se enaltecer sobre ninguém, mas de modo humilde e sempre disponível. Os irmãos não devem ter outra intenção senão a de trazer a paz de Cristo. Não tem que se gabar, nem se apropriar de coisa alguma. De modo semelhante, devem se comportar aqueles que vivem entre os sarracenos. Minoridade e fraternidade são para eles o caminho para alcançar a paz e, conseqüentemente, também a maneira de seu engajamento missionário (...) Anunciar a palavra de Deus mais pelo exemplo que por palavras (CURSO, 2000:12).

A atitude de desapropriação de Francisco, sua opção pela minoridade, orienta suas relações. Francisco era profundamente marcado pela quénosis de Jesus, aquele que

---

<sup>37</sup> Um caso típico é a ordem dos dominicanos, fundada por São Domingos: “Ele inicialmente imaginou sua ordem dirigida contra o Islã. Foi o papa Inocêncio III que o persuadiu de que a nova ordem ser direcionada contra os hereges próximos de casa, os albigenses ou os cátaros do sul”. Cf. FLETCHER, A cruz e o crescente cristianismo e islã, de Mohamed à reforma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 150.

não se apegou à condição divina, mas se esvaziou por amor aos homens e, se fazendo homem, foi obediente até a morte e morte de cruz (Fl 2,6-11) (CROCOLI, 2006:121).

Litigar e porfiar: é querer vencer o outro racionalmente, vencê-lo pela argumentação. Francisco desautorizava este procedimento, embora fosse a práxis mais conhecida e praticada, sobretudo em se tratando de assuntos religiosos (CROCOLI, 2006:124). Vale lembrar que a mentalidade belicista medieval da cristandade demonizava tudo o que não lhe pertencia e, sobretudo, os opositores da Igreja. Justificava-se assim a destruição dos hereges. São Domingos, o fundador da ordem dos pregadores, contemporâneo de São Francisco, escolheu a pregação para combater os albigenses e derrotá-los, isto é, convencê-los de que estavam errados (idem:119).

Os irmãos devem evitar sistematicamente toda briga. Essas disputas teológicas, de que os cristãos tanto se gabam, são justamente proibidas pelo Corão: “Ó seguidores do Livro! Por que argumentais, sobre Abraão, enquanto a Tora e o Evangelho não foram descidos senão depois dele? Então não razoais? Ei-vos que argumentais sobre aquilo de que tendes ciência. Então. Por que argumentais sobre aquilo de que não tendes ciência? E Allah sabe, e vós não sabeis” (Cor 3,65-66). Além disso, nunca se viu Francisco discutindo com um herege (BEER, 1982:26).

Francisco apontava para uma nova atitude de espírito ao encontrar-se com o outro; a condição de estar desarmado, de provocar um encontro relaxado, onde cada um se deixa conhecer, Francisco conheceu de perto o Islã, pode aprender e ensinar experiências do Deus da paz e sabe que estar logo de início com uma atitude beligerante é pular logo na trincheira da guerra, antes mesmo de ter encontrado o outro, de tê-lo visto e de ter percebido como ele é. Francisco era o homem da paz, da atitude benevolente (de querer o bem) diante do outro. Por isso, para ele a primeira coisa para qual se deve dar atenção ao encontrar o outro é tomar o cuidado de se colocar a si próprio numa atitude de espírito que seja a de abster-se de rixas e disputas (BERKENBROOK, 1996:324).

Estar no meio do outro como irmão que conhece a sua fé e a valoriza sem, contudo, deixar de respeitar a fé do outro, para Francisco esse era um caminho para a paz, não a paz política, mas a verdadeira paz como dom de Deus, a paz que ele, provavelmente desejou ao sultão e experimentou em Damietta nos dias em que esteve junto aos muçulmanos daquela margem.

### 3.2.6 Sejam submissos a toda humana criatura por causa de Deus

Mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus. Esta expressão, submissão, que Francisco retirou da carta de São Pedro (1 Pd 2,13), pode ser encontrada também na espiritualidade muçulmana, uma vez que o próprio termo Islã está ligado à experiência de submissão a Deus, ou entrega total a Ele (CURSO, 2001:23).

A religião do Islã tem seu nome diretamente ligado à expressão submissão. E, esta expressão leva à outra, que é cara para Francisco e para os muçulmanos, a paz:

Moslimes para ti: o termo corresponde, em árabe, ao participio presente do verbo *aslama*, que, originariamente, significa entregar-se, posteriormente entregar-se voluntariamente à obediência; e restritamente, entregar-se ao Islão, a religião pregada por todos os profetas monoteístas. Estes termos derivam da raiz árabe *salam*, paz. Daí, o Islão: a religião da paz, e *moslim*: aquele que se entrega, inteiramente a esta religião de Deus. E, no Alcorão, o termo *moslim* qualifica todos os profetas e todos os bons crentes<sup>38</sup>.

“E este é, na verdade, o significado do termo Islã, que provém do verbo *aslama*: ‘confia em, se deixa abandonar’ (a Deus). A etimologia se aplica também à paz (Salã)” (Vitray-Meyerovitch apud LUCCHESI, 2002:137). Francisco via nesta mesma direção a sua entrega a Deus. Ele não parecia ser um homem medíocre que se dá pela metade, mas queria se doar inteiro, mesmo sabendo do risco do martírio. Mas o próprio martírio seria um grande testemunho da sua fé:

Submissão é a atitude de *quénosis* que Francisco vê espelhada na encarnação, vida, paixão e morte de Jesus Cristo, maravilhosamente sintetizada no hino cristológico primitivo da carta aos Filipenses (2,6-11). É diametralmente oposta à atitude do poder opressor. O ato de submeter-se ao invés de oprimir impondo-se, faz o outro sentir-se importante, valorizado, amado, profundamente acolhido e acreditado ao se tornar seu servo. Na prática, é a atitude que permite anular, no seu ponto de origem, a força opressora do poder (...) O diálogo inter-religioso profético de Francisco com os sarracenos talvez não seja muito maior do que a sua expressão do mesmo diálogo profético manifestado no Cântico do Irmão Sol com todas as criaturas (CROCOLI, 2006:125-6).

Na Regra Bulada, capítulo XII, Francisco disse que só se pode ir para o meio dos sarracenos por divina inspiração; e esta inspiração divina os convida a tomar a mesma atitude de *quénosis* de Jesus; obediente por amor, Francisco sabia que a proposta de então era a submissão do outro num projeto gigantesco que já durava séculos e ceifava milhares de vidas; “ir por inspiração divina” exigia uma nova postura diante do outro

---

<sup>38</sup> *TRADUÇÃO do sentido no nobre Alcorão para a língua portuguesa*, p. 34, nota 2.

(RB, FFC, 2004:164). A recomendação de Francisco a seus irmãos de viverem entre eles é consequência direta da sua opção de ser, sempre e em tudo, menor. Por isso, recusou todo sinal de poder, as cruzadas, por exemplo, que queriam conquistar os muçulmanos. Francisco queria que seus irmãos fossem submissos a eles por amor a Deus e que, assim, dessem testemunho de serem cristãos (CURSO, 2001:17).

Francisco se colocava assim claramente contra a posição da Igreja oficial, para quem era proibido ao cristão se submeter qualquer autoridade que não fosse da Igreja. Vejamos o que diz o cânon 69 do Concílio de Latrão de 1215: “Seria absurdo deixar o blasfemador de Cristo exercer qualquer domínio ou senhorio sobre os cristãos... e a mesma norma é extensiva aos pagãos” (JEUSSET, 1995:126).

A lógica que pautava o encontro com os infiéis no mundo católico em que vivia Francisco era: submeter o outro. Também era certamente esta a lógica que influenciava a atitude dos muçulmanos diante dos cristãos que com eles guerreavam. “Submeter para não ser submetido” era a lógica reinante. Neste intuito de submeter o outro, não se poupava esforços. Em gigantescas campanhas, a Igreja conseguiu reunir grandes exércitos, compostos de soldados advindos de diversas regiões da Europa para combater e submeter os muçulmanos, principalmente os que dominavam a Terra Santa (Palestina). Além do grande esforço para recrutar e reunir soldados, um exército exige muito mais providências: seja de cunho militar – como armamento, treinamento, organização hierárquica, estratégias de combate, motivação, etc. – seja de cunho logístico – como alimentação, provisão e reposição (de pessoal e de material). Quando se tem em mente o enorme esforço despendido pela Igreja para patrocinar uma cruzada, fica claro que o “submeter o outro” não era apenas uma lógica que ficava na teoria. O desejo de submeter o outro levava a uma prática de submissão com todas as exigências que esta prática requeria (BERKENBROOK, 1996:325).

Francisco quis assumir sua cruz, ou melhor, a cruz de Cristo; neste assumir a cruz de Cristo, Francisco vê a pobreza, a castidade e a obediência ao Espírito de Jesus Cristo que escolheu a submissão (Fl 2,6-11); por isso, aquele que vai para o meio dos muçulmanos e outros infiéis deve ser submisso a toda criatura por causa de Deus. O papa Inocêncio III usa a mesma expressão de assumir a cruz com um propósito completamente diferente do de Francisco. Para Inocêncio III, assumir a cruz era colocar-se em guerra contra o outro e subjugá-lo:

Quem participa da cruzada recebe a promessa: “Ele (Jesus) proclama com sua voz dizendo: ‘se alguém me quiser seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga’, ou, para dizê-lo mais claramente: ‘se alguém quiser seguir-me até a coroa, que me siga também na luta, oferecida a todos como provação’”.

Quem se recusa recebe a ameaça: “O Rei dos reis, o Senhor Jesus Cristo, os julgará pelo vício da ingratidão e pelo crime da infidelidade, caso deixem de acorrer para lhe prestar ajuda, uma vez que – assim como é o caso – ele foi expulso do seu reino que havia adquirido pelo preço do seu sangue. Portanto, saibam que todo aquele que

nesta hora de perigo recusar o serviço ao seu Redentor, acumula uma culpa pesada e será culpado severamente” (CURSO, 2000:21).

Francisco não fez ameaças; ele propunha aos seus confrades ir com o espírito desarmado, pela causa de Deus; a submissão ao outro só é possível se for uma atitude tomada como obediência a Deus. Por causa de Deus é possível se fazer submisso. Francisco percebe que esta submissão às autoridades muçulmanas, além de ser um dever – segundo a palavra de São Pedro –, é testemunho concreto de humildade cristã, do fazer-se servo de todos. Desta maneira, fariam explícita a profissão de serem cristãos (BASETI-SANI, 1993:695); assim Francisco assume sua quénosis, seu esvaziamento amoroso, por causa de Deus; colocando-se dessa forma deliberadamente à margem das cruzadas (JEUSSET, 1995:131).

Os irmãos menores devem procurar, antes de mais nada, ser submissos a toda criatura por amor a Deus, confessando que são cristãos. Ser submisso não significa sem dúvida empregar-se como servo na casa de alguma família, menos ainda oferecer-se em cativo para resgate de algum cruzado; mas visava uma qualidade de presença religiosa: submisso por amor de Deus, estando disponível para os mais humildes serviços, como, por exemplo, irmão Egídio que chegou a trabalhar como cozeiro! Ora, isto não pode deixar o Islão indiferente: o crente é antes de tudo alguém “submisso” a Deus, na paz, como Abraão, como Jesus “o servo” (conforme o Corão), como Mohamed. E eis que o irmão se torna voluntariamente submisso àquele que se considera excluído tanto dos judeus como dos cristãos. Isto, no fundo, não seria o conceito de “Islão” (submissão)? (...) Acrescenta Francisco, o irmão deve confessar ao Islão que esta atitude é ditada pela fé cristã (BEER, 1982:27).

Francisco deixava claro que esta atitude de submissão se fazia “por causa de Deus”. Este foi o propósito de Jesus, quando disse: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,28). Francisco tem como primeira regra de vida os ensinamentos de Jesus:

A chave de leitura da atitude de Francisco só pode ser encontrada no final da frase: “Por causa do Senhor”, pois o próprio Senhor, que sendo de condição divina, não se apegou a esta condição, mas assumiu a condição de servo por solidariedade com os seres humanos, o próprio Senhor humilhou-se e se fez obediente até a morte (Fl 2,6-8). A atitude de Francisco está, pois, ancorada no modo de ser do Senhor e, por isso, ancorada em sua fé. Só a partir de sua fé no Senhor é que se torna lógica a submissão a todos (BERKENBROOK, 1996:327).

E ao se colocar em submissão diante de todos, pode-se então dizer que se fazia isso por que essa é uma atitude cristã, e é, em nome do Senhor, que os discípulos se colocam diante do outro, ou seja, a vida é o primeiro anúncio.

### 3.2.7 E confessem que são cristãos

E confessem que são cristãos. Francisco sempre se apresentou como cristão católico, com toda reverência à Igreja, ao papa, bispos e mesmo aos padres, para com quem tinha grande devoção<sup>39</sup>.

Confessar-se cristão para ele era um modo de vida. Diante do sultão, mesmo com uma atitude contrária à atitude belicista da Igreja, pregou a fé cristã e se confessou cristão, a ponto de não temer perder a própria vida pela fé.

Ser cristão para Francisco é o que garante tal atitude de despojamento e testemunho; toda submissão que ele propõe só é possível em nome da fé cristã. Dizendo aos seus confrades: vivam entre eles, pratiquem o amor e digam que é pela fé cristã que essa atitude é possível. Se o muçulmano conhecia apenas o cristão sanguinário que queria matar, destruir, saquear, agora Francisco apresenta um outro modelo de cristão, alguém que vai para missão como confessor da fé, em atitude de serviço, de modéstia e humildade (BEER, 1982:28).

O Corão exalta a doçura e a humildade de Jesus revivida pelos monges cristãos. Os frades e os cristãos verdadeiros serão reconhecidos pelos muçulmanos como “hóspedes de Deus” (BASETI-SANI, 1993:694).

Francisco e Iluminado foram, assim, hóspedes enviados por Deus; por isso, Francisco recebeu entre eles uma boa acolhida e a possibilidade de estar entre eles como verdadeiro cristão, sem que isso fosse uma ofensa à fé islâmica.

É exatamente a fé cristã que vai ditar a maneira de o cristão se portar junto do muçulmano; a melhor maneira de pregar o Evangelho é ver humildemente as práticas do próprio Evangelho, revelando-o por uma vida pobre, humilde e cheia de doçura e mansidão (BASETI-SANI, 1968:23).

A regra para Francisco era muito mais do que um conjunto de normas a serem seguidas; era uma atitude de vida diante de quaisquer circunstâncias. Se ele propôs aos confrades a confissão da fé cristã, era porque ele mesmo o fazia quando teve oportunidade.

Finalmente, conduziram-nos ao sultão, multiplamente afligidos e maltratados, por disposição da divina providência, de acordo com o desejo do homem de Deus. Então, como o príncipe perguntasse por quem, a que e como foram enviados e de

---

<sup>39</sup> Depois, o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da Santa Igreja Romana. Cf. Francisco de Assis, Testamento, FFC, 2004:189.

que modo tinham chegado, Francisco, o servo de Cristo, respondeu que tinha sido enviado não por homem, mas pelo Deus Altíssimo, para mostrar a ele e a seu povo a via da salvação e anunciar-lhe o Evangelho da verdade. E pregou ao predito sultão com tanta firmeza da alma, com tanta virtude de ânimo e com tanto fervor de espírito o Deus Trino e Uno e Jesus Cristo Salvador (LM, FFC, 2004:613).

Francisco entendeu a missão como ação salvadora de Deus; portanto, era preciso que o Cristo fosse anunciado, mas proposto como via de fé, não imposto por armas em meio a ódio e às mortes desnecessárias. O confrade devia sim confessar-se cristão, mas jamais impor sua fé; por isso, era necessário esperar a hora de Deus e o momento que Deus inspirasse.

### **3.2.8 Quando virem que agrada a Deus**

Quando virem que agrada a Deus. Esta expressão toca em um ponto muito importante para a visão de Francisco: quando virem que agrada a Deus. Francisco deixou uma questão interessante: será que o que a Igreja fazia naquele momento em relação aos muçulmanos era de fato o que estava agradando a Deus? O próprio Francisco pediu em determinado momento que não se fizesse a guerra, mas parece haver uma oposição de Francisco à Igreja, uma vez que a Igreja fazia a guerra “em nome de Deus”.

A compaixão para com eles consumia o santo, e não menos os consumia o arrependimento pelo acontecido. E lamentava principalmente os espanhóis, pois via que a coragem mais pronta deles nas armas deixara muito poucos. Conheçam essas coisas os príncipes da terra e saibam que não é fácil lutar contra Deus, isto é, contra a vontade do Senhor. Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apóia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino (LM, FFC, 2004:613).

Francisco, assim, percebeu que era preciso esperar a hora de Deus e propôs isso de forma bem clara para seus discípulos. Há na evangelização momentos para se falar e momentos para se calar e, embora seja sempre necessário proclamar a Palavra, muitas vezes, o anúncio da Palavra deve ser mais como testemunho de vida do que propriamente gritando explicitamente. Volney Berkenbrock nos apresenta uma síntese bem clara desta situação:

Esta condição nos fica clara em toda a sua gravidade quando consideramos a possibilidade de interpretação desta afirmação pelo seu negativo, ou seja, se considerarmos a possibilidade de que nem toda pregação é necessariamente agradável ao Senhor. Francisco parece considerar exatamente esta possibilidade ao colocar o “agradável ao Senhor” como condição para a pregação. Se assim considerarmos, temos que dizer, pois, que há pregações que podem desagradar ao Senhor. Por isso, Francisco recomenda aos seus irmãos que eles só comecem com a pregação quando julgarem que esta seja agradável ao Senhor.

Não seria esta consideração uma traição ao envio de Jesus “ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”? Creio que não é esta a intenção de Francisco – colocar em jogo a legitimidade do envio missionário do Evangelho –, nem a questão que está em jogo, mesmo porque a pregação do Evangelho não se faz necessariamente apenas através das palavras e, como já dizíamos antes, parece que Francisco privilegia inclusive a pregação que se faz através da forma de vida. O que está em questão é o anúncio explícito da Palavra. Este sim, Francisco parece considerar que nem sempre é necessariamente agradável ao Senhor. Isto, sem dúvida, não por causa da Palavra, mas por causa do pregador e da situação. Há pessoas e situações que podem fazer com que o anúncio explícito da Palavra seja desagradável, inclusive ao Senhor (BERKENBROOK, 1996:335).

No contexto em que Francisco escreveu a sua RnB, ele deixou claro que em determinados momentos é preciso se calar, ou seja, o calar também é uma possibilidade na evangelização. Isto nos remonta à reverência que Francisco tinha para com todas as pessoas e para com todas as criaturas. É preciso respeitar o tempo do pregador e do ouvinte, mas, sobretudo, o Tempo do Senhor (BERKENBROOK, 1996:335).

Anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus Onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo.

Embora Francisco deixasse claro que há o momento certo para a pregação, ele não se furtava à pregação, pois era preciso anunciar a fé. Ele mesmo fez isso diante do sultão, quando não mostrou medo em anunciar a ele o Nome do Senhor Jesus. Mas o que se percebia diferente em Francisco era a maneira de anunciar; não se via nele agressão ao Islã, aos seguidores de Mohamed; vale lembrar que os “mártires” do Marrocos insultavam abertamente a religião do Islã, seus fundamentos e seu profeta, e diante do governador diziam: “Vimos anunciar-vos a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, levando-vos a abandonar Mohamed, esse vil escravo do Demônio” (JEUSSET, 1995:102). Francisco não via a evangelização de forma agressiva. Em certa ocasião, o frade mandou que parassem de ler a ata dos mártires do Marrocos. É possível que ele o tenha feito exatamente por não concordar com o método catequético de seus confrades e por lhe parecer que tal método não poderia servir de modelo para seus irmãos (ibidem).

O irmão não pode se furtar de anunciar, mas é preciso prudência, mansidão como as pombas, prudência como as serpentes. A identidade religiosa, por mais que possa estar num mesmo horizonte de fé, tem para o cristão um núcleo central e decisivo

insubstituível: a confissão por Jesus Cristo; não se pode esquecer a identidade religiosa (BERKENBROOK, 1996:332). Todavia é preciso que essa identidade não seja um motivo para a guerra e, sim, uma possibilidade de diálogo e respeito, fazendo com que as duas margens se toquem com a reverência apresentada pelo Corão e pela Bíblia, reverência esta tão marcante na vida de Francisco de Assis, que enviava seus confrades com uma postura até diferente da sua, que parecia correr para o martírio; o irmão ia para a missão como confessor da fé (BEER, 982:28). Francisco era o único entre os seus contemporâneos, entre os próprios padres do Concílio de Latrão, a sentir a exigência da evangelização dos muçulmanos. Ninguém tinha elevado a voz apostólica para exprimir uma reação contra a atmosfera belicosa das cruzadas. Somente Francisco lembrava à cristandade o dever de pregar o Evangelho a todos os povos, inclusive aos muçulmanos (BASETI-SANI, 1993:695).

### 3.3 CARTA AOS CUSTÓDIOS

Provavelmente entre 1219 e 1220, Francisco de Assis escreveu aquela que é chamada “Carta aos Custódios” (FFC, 2004:18). Nela convida-os a uma profunda reverência pela palavra de Deus, da qual se deve guardar e reverenciar qualquer fragmento, bem como a mesma reverência pelo Corpo e Sangue de Jesus Cristo, e ao sinal dos sinos todos devem render louvores, glória e honra ao Senhor Deus vivo e verdadeiro, como se pode ver:

A todos os custódios dos Frades Menores, aos quais chegar esta carta, frei Francisco, vosso servo e pequenino no Senhor, deseja saúde com os novos sinais do céu e da terra, os quais são grandes e sobremaneira excelentes, mas minimamente considerados por muitos religiosos e por outros homens.

Rogo-vos mais do que por mim mesmo que, quando vos convier e parecer melhor, supliqueis humildemente aos clérigos que o Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Cristo e seus santos nomes e palavras escritos, que santifiquem o Corpo de Cristo, devam ser venerados acima de todas as coisas. E devem ter preciosos os cálices, corporais, ornamentos do altar e tudo o que se refere ao Sacrifício. E se em algum lugar o Santíssimo Corpo do Senhor estiver muito pobremente colocado, de acordo com as prescrições da Igreja, seja por eles colocado com destaque em lugar precioso e seja levado com grande veneração e ministrado com discrição aos outros. Também os nomes e as palavras escritos do Senhor, onde forem encontrados em lugares sujos, sejam recolhidos e colocados em lugar honesto. E em toda pregação que fizerdes, admoestai o povo sobre a penitência e que ninguém pode salvar-se a não ser quem recebe o Santíssimo Corpo do Senhor, e quando é sacrificado pelo sacerdote sobre o altar e é levado para outra parte, todas as pessoas, de joelhos, rendam louvores, glória e honra ao Senhor Deus vivo e Verdadeiro. E de tal modo anunciéis e pregueis a todas as pessoas sobre o louvor dele que, a toda hora e

quando soarem os sinos, sempre sejam dados, por todo o povo, louvores e graças ao Deus onipotente por toda terra.

E todos os meus irmãos custódios, aos quais chegar este escrito e que fizerem exemplares e o mantiverem consigo e fizerem cópias para os outros irmãos que têm o ofício da pregação e do cuidado dos irmãos e pregarem até o fim tudo o que está contido neste escrito, saibam que têm a benção do Senhor Deus e a minha. E tenham isto por verdadeira e santa obediência. Amém<sup>40</sup>.

Essa carta dirigida aos irmãos responsáveis por fraternidades locais ou regionais traz também, de certa forma, a marca da experiência vivida no Oriente:

Francisco parece ainda mais sensível a certos aspectos tipicamente cristãos, como a Encarnação e a Eucaristia. A influência do Islame sobre ele não se reduz a sublinhar pontos de convergência com essa religião; concretiza-se também num cristianismo mais aprofundado, mais sentido, mais apregoadado e difundido. Francisco já se não contenta com a palavra; começa a dar mais valor à ação e à escrita. Vai, por exemplo, representar ao vivo o mistério da Encarnação em Greccio, com o presépio do Natal. E nas duas cartas já anteriormente referidas sobre o tocar dos sinos para a oração, bem como noutras no período entre 1220 e 1224, dá grande ênfase à Eucaristia. A insistência sobre a Encarnação é anterior à viagem ao Egito, e foi provocada principalmente pelas seitas mais ou menos heréticas espalhadas na Itália. No entanto, o Islame, que também rejeita a Encarnação, terá contribuído ainda mais para ele insistir neste mistério, induzindo a escrever, para expandir suas convicções (JEUSSET, 1995:139).

Francisco valoriza com grande ênfase a Eucaristia e o louvor a Deus; a própria Igreja havia proposto no IV Concílio de Latrão a reforma da Igreja, de maneira especial, os sacramentos e também a luta pela Terra Santa com uma nova cruzada. Sobre as cruzadas não há qualquer escrito de Francisco. No entanto, ele valoriza muito os sacramentos e a reverência pelos mesmos:

Passa a sintonizar, duma forma ainda mais espetacular, a sua própria vida com a Igreja do seu tempo. O Concílio ecumênico de Latrão IV tivera duas finalidades principais: a cruzada e a reforma da Igreja, em especial quanto aos sacramentos. Francisco, não podendo ser a favor das cruzadas, sobretudo após sua experiência no Oriente, não diz uma única palavra sobre elas. Não podendo concordar com a autoridade eclesiástica nesse particular, insiste sobre outro ponto, onde se sente perfeitamente à vontade (JEUSSET, 1995:139).

A reverência pela Palavra de Deus é realçada na espiritualidade de Francisco: “Também os nomes e as palavras escritos do Senhor, onde forem encontrados em lugares sujos, sejam recolhidos e colocados em lugar honesto”. Não é demais lembrar aqui a grande reverência do Islã pelo Corão, reverência similar a que os cristãos têm por Jesus, como Verbo encarnado: “O segundo significado do termo Islã é o da religião da comunidade fundada no século VII da Era Cristã por Muhammad, considerado por

---

<sup>40</sup> 1Ct, FFC, 2004:110.

milhares de muçulmanos que existem atualmente no mundo como um Enviado, um Mensageiro de Deus, encarregado de transmitir a Sua Palavra. Esta Palavra está incorporada em um Livro Revelado: o Alcorão. Se o cristianismo se refere a uma pessoa, é sobre uma Escritura sagrada que se fundamenta o Islã” (VITRAY-MEYEROVITCH apud LUCCHESI, 2002:138).

Essa reverência, portanto, podemos sugerir que Francisco a tenha percebido no tempo que passou junto ao sultão e, embora já tivesse esse respeito pela Sagrada Escritura cristã, ao retornar de Damietta isso foi realçado ainda mais.

Ainda um ponto importante é a questão dos sinos. Ao ouvir os sinos, os custódios e todo o povo deviam render louvores, glória e honra ao Senhor Deus vivo e Verdadeiro, ou seja, um sinal exterior, como o grito que Francisco com certeza ouviu inúmeras vezes junto ao sultão nos momentos de oração e louvor dos fiéis muçulmanos.

### 3.4 TESTAMENTO

Nos últimos dias de sua vida, Francisco escreveu o seu testamento (Test, FFC, 2004:19). Neste testamento, Francisco fez uma leitura de sua vida e deixou para seus irmãos de Ordem um testemunho de sua própria vida e, de certa forma, uma autobiografia espiritual:

Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo. E, depois, demorei só um pouco e sai do mundo. E o Senhor me deu tão grande fé nas igrejas que simplesmente eu orava e dizia: Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que há em todo o mundo, e vos bendizemos, porque, por vossa santa cruz remistes o mundo. *Depois, o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa Igreja Romana – por causa da ordem deles – que, se me perseguirem, quero recorrer a eles. E se eu tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão e encontrasse sacerdotes pobrezinhos deste mundo – não quero pregar nas paróquias em que eles moram passando por cima da vontade deles. E a eles e a todos os outros quero temer, amar e honrar como meus senhores. E não quero considerar neles o pecado, porque vejo neles o Filho de Deus e eles são os meus senhores. E ajo dessa maneira, porque nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus, a não ser o seu santíssimo corpo e o seu santíssimo sangue, que eles recebem e só eles ministram aos outros. E quero que estes santíssimos mistérios sejam honrados e venerados acima de tudo em lugares preciosos. Os Santíssimos nomes e palavras dele escritos, se por acaso eu os encontrar em lugares inconvenientes, quero recolhê-los e rogo que sejam recolhidos e colocados em lugar honesto. E a todos os teólogos e os que ministram as santíssimas palavras divinas devemos honrar e venerar como a quem nos ministra espírito e vida.*

E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o Senhor Papa mo confirmou. E aqueles que vinham para assumir esta vida davam aos pobres tudo o que podiam ter; e estavam contentes com uma só túnica remendada por dentro e por fora, com o cordão e calções. E mais não queríamos ter. E nós clérigos, rezávamos o ofício como os outros clérigos; os leigos diziam os Pai-Nossos; e de boa vontade ficávamos nas igrejas. *E éramos iletrados e submissos a todos.* E eu trabalhava com as minhas mãos e quero trabalhar; e quero firmemente que todos os outros irmãos trabalhem num ofício que convenha à honestidade. Os que não sabem trabalhar aprendam, não pelo desejo de receber o salário do trabalho, mas por causa do exemplo e para afastar a ociosidade. E quando não for dado o salário, recorramos à mesa do Senhor pedindo esmola de porta em porta. Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: *O Senhor te dê a paz.* Cuidem os irmãos para não receber de modo algum igrejas, pequenas habitações pobrezinhas e tudo o que for construído para eles, se não estiver como convém à santa pobreza que prometemos na regra, hospedando-se sempre nelas como forasteiros e peregrinos. Mando firmemente por obediência a todos os irmãos, onde quer que estejam, não ousem pedir à Cúria Romana qualquer tipo de carta, nem por si nem por pessoa intermediária, nem em favor de igreja nem em favor de outro lugar pretexto de pregação, nem por perseguição de seus corpos; mas, se em algum lugar forem aceitos em alguma parte, fujam para outra terra para fazer penitência com a bênção de Deus.

E quero firmemente obedecer ao ministro geral desta fraternidade e a qualquer outro guardião que lhe aprover dar-me. E quero de tal modo estar preso em suas mãos que eu não possa andar ou agir fora da obediência e da vontade dele, porque ele é meu senhor. E, embora eu seja simples e enfermo, quero, no entanto, ter sempre um clérigo que reze para mim o ofício, como consta na regra. E se forem encontrados irmãos que não rezam o ofício segundo a regra e querem variar com outro modo ou que não são católicos, todos os irmãos, onde quer que estiverem, onde encontrarem algum destes, por obediência sejam obrigados a apresentá-lo ao custódio mais próximo daquele lugar em que o encontraram. E o custódio esteja firmemente obrigado por obediência a guardá-lo como a um homem prisioneiro, de dia e de noite, de tal modo que não possa escapar de suas mãos, até que o entregue pessoalmente às mãos de seu ministro. E o ministro esteja firmemente obrigado por obediência a enviá-lo por tais irmãos, que o devem guardar de dia e de noite como a um homem prisioneiro, até que o apresentem ao senhor de Óstia, que é o senhor, o protetor e o corretor de toda a fraternidade. E não digam os irmãos: Esta é outra regra, porque esta é uma recordação, uma admoestação, uma exortação e o meu testamento, que eu, frei Francisco pequenino, faço para vós, meus irmãos benditos, para que observemos mais catolicamente a regra que prometemos ao Senhor.

E o ministro geral e todos os outros ministros e custódios estejam obrigados pela obediência a nada acrescentar ou diminuir a estas palavras. E tenham sempre consigo este escrito, junto à regra. E em todos os capítulos que realizarem, ao lerem a regra, leiam também estas palavras. E ordeno firmemente por obediência a todos os meus irmãos, clérigos e leigos, que não introduzam glosas na regra nem nestas palavras dizendo: assim devem ser entendidas. Mas, como o Senhor me concedeu de modo simples e claro dizer e escrever a regra e estas palavras, igualmente, de modo simples e sem glosa, as entendais e com santa operação as observeis até o fim. E todo aquele que estas coisas observar seja repleto no céu da bênção do altíssimo Pai, e na terra seja repleto da bênção do seu dileto Filho com o Santíssimo Espírito Paráclito e com todas as virtudes dos céus e com todos os santos. E eu, Frei francisco pequenino, vosso servo, quanto posso, vos confirmo interior e exteriormente, esta santíssima bênção (test, FFC, 2004:188-91).

Embora todo o texto seja de uma riqueza imensa, quero ressaltar aqui quatro pontos importantes para o trabalho proposto: o amor à Igreja, a reverência pela palavra de Deus, a submissão a todos e a saudação da paz.

### **3.4.1 O amor à Igreja**

Ao longo de toda sua vida, Francisco manifestou grande amor à Igreja, grande senso de respeito para com as autoridades eclesiais: “Depois, o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da Santa Igreja Romana” (Test, FFC, 2004:188).

O encontro com o sultão deixou em Francisco uma marca importante no que diz respeito ao diálogo com o outro, mas, ao mesmo tempo realçou nele seu sentimento de pertença à sua comunidade de fé. E essa valorização dos sacerdotes se dá exatamente em função dos sacramentos ministrados por eles, o que mostra que “Francisco parece ainda mais sensível a certos aspectos tipicamente cristãos, como a Encarnação e a Eucaristia. A influência do Islame sobre ele não se reduz a sublinhar pontos de convergência com essa religião; concretiza-se também num cristianismo mais aprofundado, mais sentido, mais apregoado e difundido” (JEUSSET, 1995:139).

O Testamento, que pode “ser visto como expressão do querer mais profundo de Francisco” (CROCOLI, 2005:52), ressalta como um desejo expresso de Francisco que seus confrades confirmem esse amor que sempre teve com relação à Igreja, amor ainda mais convicto após o encontro com o sultão em Damietta.

### **3.4.2 A reverência pela Palavra de Deus**

A mesma relação que Francisco tem no que diz respeito à reverência pela Igreja, ele a tem com a palavra de Deus: “Os Santíssimos nomes e palavras dele escritos se por acaso eu os encontrar em lugares inconvenientes, quero recolhê-los e rogo que sejam recolhidos e colocados em lugar honesto” (Test, FFC, 2004:189).

O sentimento do Islã para com o Corão é de profunda reverência e até devoção, um texto sagrado que jamais foi contestado em sua autenticidade e permite ao muçulmano lê-lo como se este tivesse sido revelado a ele próprio, “aplicando à *lectio* divina todos os recursos da sua inteligência e da sua cultura e implorando a graça de Deus para iluminá-lo nesta tarefa” (VITRAY-MEYEROVITCH apud LUCCHESI, 2002:140).

Claro que a relação de Francisco com a palavra de Deus sempre foi especial; isto se pode perceber no início de sua comunidade quando, ao ouvir a Palavra, decidiu que rumo tomar em sua vida.

Mas, num certo dia, quando se lia na mesma Igreja o Evangelho sobre como o Senhor enviara seus discípulos a pregarem, estando presente o santo de Deus, como tivesse entendido de alguma forma as palavras do Evangelho, depois que se celebraram as solenidades da missa, ele suplicou humildemente ao sacerdote que lhe fosse explicado o Evangelho. Depois que este lhe expôs tudo por ordem, ouvindo São Francisco que os discípulos de Cristo não deviam possuir ouro ou prata ou dinheiro, não levar nem alforje nem pão nem bastão pelo caminho, nem ter calçados nem duas túnicas, mas pregar o Reino de Deus e a conversão, exultando imediatamente no espírito de Deus, disse: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do meu coração” (1Cel, FFC, 2004:212).

Como já foi dito, Francisco reforçou ainda mais suas convicções de fé e deixou como testamento aos seus frades esse mesmo amor; em relação à Palavra de Deus, provavelmente percebeu junto ao sultão tamanha reverência pela sacralidade do Corão que, para o muçulmano, é a grande teofania, podendo ser corretamente definido como “Verbo enlavrado” (TEIXEIRA apud LUCCHESI, 2002:72).

### **3.4.3 Éramos submissos a todos**

Outro ponto que ressaltamos no Testamento de Francisco é a questão da submissão. Não se pode afirmar que seja por influência do Islã que Francisco sempre fez questão de se colocar submisso diante de todos, uma vez que, depois de sua conversão, sempre apresentou uma atitude de respeito e reverência para com todas as coisas, e ao usar a expressão submissos no capítulo XVI da RnB, teve como inspiração a primeira carta de Pedro (1 Pd 2,13). Mas vale ressaltar que o ser submisso é de valor essencial para o fiel muçulmano, uma vez que a expressão está diretamente ligada à palavra Islã.

Moslimes para ti: o termo corresponde, em árabe, ao particípio presente do verbo *aslama*, que, originariamente, significa entregar-se, posteriormente entregar-se voluntariamente à obediência; e restritamente, entregar-se ao Islão, a religião pregada por todos os profetas monoteístas. Estes termos derivam da raiz árabe *salam*, paz. Daí, o Islão: a religião da paz, e *moslim*: aquele que se entrega,

inteiramente, a esta religião de Deus. E, no Alcorão, o termo moslim qualifica todos os profetas e todos os bons crentes<sup>41</sup>.

Francisco reitera o pedido para que seus frades tenham a postura que ele mesmo teve diante das criaturas e diante de Deus, postura que está em perfeita sintonia com os fiéis da religião muçulmana, com os quais se encontrou na cidade de Damietta.

#### **3.4.4 A saudação da paz**

Mais uma vez aparece a questão da paz. No capítulo XVI da RnB, como já vimos, Francisco propõe uma missão junto aos sarracenos, algo novo para seu tempo e em toda a missão ele propõe a paz, pois o anúncio do Reino está diretamente ligado ao anúncio da paz (TEIXEIRA, 2005:9).

Essa saudação recebida como mandato do próprio Senhor Jesus, ao fim de sua vida Francisco quis relembrar aos seus amigos, uma vez que sua missão evangelizadora estava diretamente ligada à paz, e que sua comunidade nasceu para evangelizar.

“O Senhor vos dê a paz”: essa é uma parte da herança que Francisco deixou para os seus frades, uma herança que está intimamente ligada à religião do Islã, já que a palavra paz está na raiz da palavra Islã. “E este é, na verdade, o significado do termo Islã, que provém do verbo aslama: ‘confiar em, se deixar abandonar’ [a Deus]. A etimologia se aplica também à paz (Salã)” (VITRAY-MEYEROVITCH apud LUCCHESI, 2002:137).

Essa paz, que podemos supor que Francisco desejou ao sultão no encontro de Damietta, e que também recebeu como voto do sultão; o legado que o Senhor Jesus deixou a Francisco, agora ele o deixa para seus discípulos.

---

<sup>41</sup> Tradução do sentido no nobre Alcorão para a língua portuguesa, p. 34, nota 2.

### 3.5 “CÂNTICO DO IRMÃO SOL” OU “LOUVORES DAS CRIATURAS”: UMA PRÉ-DISPOSIÇÃO PARA UMA “COMUNHÃO COM O ISLÃ”

Próximo ao final de sua vida, Francisco escreveu um poema conhecido como o “Cântico das criaturas” e/ou o “Cântico do Irmão Sol”. Este escrito data, provavelmente, entre o inverno europeu de 1224 e o verão de 1225 (FFC, 2004:18).

Neste cântico, Francisco propôs um grande louvor ao Altíssimo, juntamente com as escrituras. Vejamos o cântico:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda a benção. Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te.

Louvido sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o irmão sol, o qual é dia, e por ele nos iluminas. E ele é belo e radiante com grande esplendor, de Ti, Altíssimo, traz o significado.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas, no céu as formaste claras e preciosas e belas.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite, e ele é belo e agradável e robusto e forte.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas.

Louvido sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor e suportam enfermidade e tribulação. Bem aventurados aqueles que as suportarem em paz por que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal: bem-aventurados os que ele encontrar na sua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei ao meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade (Cnt, FFC, 2004:104-5).

Penso que o cântico expressa uma atitude de abertura de Francisco para um encontro com todas as criaturas e, assim, uma predisposição para um diálogo com os muçulmanos, coroando uma atitude que marcou toda a vida espiritual de Francisco.

Já se disse que esse poema acompanha como um estribilho toda a vida de Francisco de Assis e que, a cada passo, em sua conversão ordinária, se encontram alusões a ele. Não é por menos que brote, em sua forma acabada, ao termo de um longo itinerário espiritual. Já havia se passado quase vinte anos, desde a conversão de Francisco à vida evangélica. Vinte anos, durante os quais ele se havia aplicado, dia após dia, a seguir as pegadas do Senhor, meditando sem cessar no “acontecimento cheio de doçura” e na paixão do Altíssimo Filho de Deus (LECLERC, 1999:8).

Francisco se colocava aberto à relação com todas as criaturas, e numa postura de humildade, em um período em que a Igreja que ele tanto amava ainda continuava em guerra contra todos aqueles que não estavam de acordo com seus conceitos. Os conceitos e os sonhos de Francisco pareciam ofuscados por outros sonhos e outros valores: “Os valores evangélicos de pura simplicidade, de pobreza e de paz, que ele havia considerado como essenciais à revelação do amor, eram postos de lado numa cristandade fascinada pelo poder e dominada pela idéia da cruzada. Eram mesmo contestados, às vezes, entre os seus. A vida de Francisco já estava no crepúsculo. E Francisco não conhecia ainda totalmente a paz do crepúsculo” (LECLERC, 1999:9).

Francisco assumiu, no “Cântico das criaturas”, a categoria “Altíssimo”, que é a categoria central da teologia muçulmana (BOFF, 2002:50). Queria ser o irmão de todas as coisas, e por causa do Altíssimo se submetia a todos, querendo levar a todos a paz.

Ele se via pequeno e indigno de pronunciar o nome do Senhor e invocava todas as criaturas para que junto delas e fraternalmente pudesse proclamar o louvor Àquele ao qual nenhum homem é digno de pronunciar o nome. A mística islâmica também vê toda a criação com o intuito de louvar o Onipotente: “O livro sagrado do Islã afirma que todos os seres celebram os louvores a Deus, ‘o pássaro abrindo as suas asas, a árvore projetando a sua sombra’, mas que nós não compreendemos a sua linguagem. A razão da criação, como nos lembram, é a adoração do Deus Único” (VITRAY-MEYEROVITCH apud LUCCHESI, 2002:138).

Francisco deu ao Altíssimo outros nomes ou outras categorias bem à moda do Islã: “A tradição islâmica não cessa de recordar os 99 nomes de Deus presentes no Alcorão. Para a exegese muçulmana, estes nomes representam símbolos ou qualificativos da realidade divina, jamais alcançados pelos limites humanos. Para Deus são reservados os mais belos nomes (Cor 7,180; 17, 110)” (TEIXEIRA, 2002:72). Francisco demonstrou também essa consciência, pois Deus é para ele “Altíssimo, onipotente, bom Senhor”, mas esses “nomes não exprimem tudo”:

Mas eis que esse movimento esbarra numa tomada de consciência: “E nenhum homem é digno de dizer teu nome”. Não se trata de uma frase edificante, dita de passagem; essas poucas palavras exprimem uma atitude fundamental: uma pobreza essencial diante da transcendência de Deus. Francisco tem consciência disso; ele o reconhece e aceita. Francisco volta-se, então, para as criaturas: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas”. Renunciando a falar do transcendente, ele fala das coisas, canta o louvor deste mundo. E falando e cantando sobre as coisas e sobre o mundo, ele fala do indizível e o canta. O universo visível é o caminho do seu louvor, é o seu caminho para o sagrado. De ti Altíssimo ele é a imagem, diz

Francisco após ter expressado o seu entusiasmo diante desse puro jorramento de luz (LECLERC, 1999:43).

Francisco é o homem integrado com todo o cosmos, o homem aberto ao encontro, o “irmão” de tudo e de todos, especialmente dos muçulmanos, com os quais teve a oportunidade de conviver e perceber a adoração ao Deus Único: “Se a celebração franciscana das criaturas pode ser considerada realmente como significativa de valores íntimos, é porque, em Francisco, a comunhão com as coisas é real e profunda a ponto de empenhar a alma com toda a sua potência. O amor de Francisco pelas criaturas é real, profundo e religioso” (LECLERC, 1999:12). Da mesma forma, o amor aos muçulmanos e a todos os homens é real, profundo e religioso.

A fraternidade de Francisco é experimentada ao longo de sua caminhada espiritual; ele é irmão dos ladrões, dos leprosos, do lobo, de Malek-al-Kamil e de todos os homens e de toda a natureza, porque, na vida de Francisco, tudo clama aos louvores ao Altíssimo.

Outro aspecto importante no cântico de Francisco é a misericórdia e a paz:

Não é de admirar que esse cântico seja também o cântico da grande misericórdia e da paz: “Louvado seja, meu Senhor, por aqueles que perdoam por amor a ti”. Essa reconciliação conduz a um encontro autêntico do homem com Deus. Aquele que antes se reconheceu indigno de pronunciar o nome do Altíssimo e que aceitou louvá-lo com todas as criaturas, colocando-se humildemente entre elas e comungando fraternalmente com elas e com tudo que elas significam, encontra finalmente o Altíssimo. O termo Altíssimo abandonado desde a segunda estrofe do cântico, reaparece aqui no final da peregrinação da alma. Mas, agora, já não designa uma transcendência longínqua, inacessível. A transcendência está aqui em relação direta com a vontade de misericórdia e paz que se afirma no homem; ela coroa essa vontade, confunde-se com a plenitude do amor universal e misericordioso, ao qual o homem aceitou abrir-se (LECLERC, 1999:47).

Um dos grandes nomes de Deus no Islã é exatamente “o Misericordioso e Misericordador” (Alcorão 1,1); a experiência da misericórdia no Islã é tão profunda que os místicos sempre a ressaltam:

Al-Ghazali, em seu livro *Durratu-l-fākhira*, relata uma curiosa passagem, que aborda os gritos e lamentos de um homem no inferno, que gritava mais alto que todos os outros e clamava pela misericórdia de Deus. Ao ouvir a pergunta de Deus sobre os lamentos, o homem respondeu: “Senhor, tu julgaste-me, mas eu não perdi ainda a fé na tua misericórdia... E Deus disse: Quem desespera da misericórdia do seu Senhor, a não ser os extraviados (Alcorão 15,56). Vai em paz, pois já te perdoei” (TEIXEIRA, 2002:79).

A experiência de Francisco ressalta essa misericórdia para com tudo e para com todos, pois Francisco é um homem livre e reconciliado consigo mesmo e com o Senhor; por isso, é capaz de invocar o Misericordioso e pedir aos seus irmãos que tenham misericórdia, porque Deus fez misericórdia com ele:

Não se poderia traduzir melhor a ternura misericordiosa que transbordava do coração de Francisco para com todos os homens, do que citando os conselhos que ele deu a um ministro geral da Ordem: “Quanto a mim, é nisto que verei se amas ao Senhor e se me amas, a mim, seu servo e teu: que não haja no mundo irmão algum que, depois de ter pecado o mais possível, ao encontrar teu olhar, volte sem teu perdão, desde que tenha pedido perdão. Se não pedir perdão, pergunta-lhe se quer ser perdoado. E, se ele se apresentar a ti mil vezes em seguida, ama-o mais que a mim, a fim de o trazeres de volta ao Senhor” (LECLERC, 1999:177).

Ainda outro ponto interessante nesse itinerário de abertura ou de pré-disposição para o encontro com o outro e, em especial, com o muçulmano, está na questão do esvaziamento de si, experiência acolhida no próprio Jesus Cristo que também se esvaziou.

Para ele, Cristo era realmente arquétipo, pois “Ele, subsistindo na condição de Deus, não entendeu reter para si o ser igual a Deus, mas despojou-se a si mesmo, (...) pelo que Deus o exaltou”. A humilhação do Altíssimo Filho de Deus e sua exaltação eram o tema central da meditação de Francisco, ao redor desse tema construiu-se toda a sua vida. Foi ele mesmo quem resumiu o seu ideal religioso nestes simples termos: “Seguir as pegadas de teu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo e, só por tua graça, chegar a ti Altíssimo” (LECLERC, 1999:48).

Há em Francisco uma profunda aceitação da transcendência de Deus, uma abertura a todas as criaturas, uma submissão amorosa ao Altíssimo, o único cujo nome não pode ser dito, uma fraternidade misericordiosa com todas as coisas, uma experiência mística que marca sua vida e o faz irmão de todos e buscador da paz e do diálogo, buscando uma reconciliação com o sobrenatural, o natural e o humano (LECLERC, 1999:172). O caminho das criaturas é também um caminho de eternidade. Francisco se submeteu inteiramente ao Ser no acolhimento da morte e de sua necessidade.

“O ‘Cântico das criaturas’ é, na verdade, o hino do homem plenamente reconciliado, apaziguado, em suas relações com os outros e consigo mesmo, até na enfermidade e na tribulação” (LECLERC, 1999: 182). No fim de sua vida, Francisco de Assis escreveu uma bela oração, o “Cântico do Irmão Sol”, oração marcada por sua caminhada espiritual, uma caminhada de encontros com leprosos, ladrões, irmãos,

bispos, cardeais, papas, sultão, cordeiros e lobos e a todos chama de irmãos; Francisco, um coração aberto ao diálogo, um homem da paz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem está no meio de uma guerra “em nome de Deus” pode desejar a paz? Pode aprender e desejar algo que faz parte da vida do “inimigo”, a ponto de o apresentar para seu grupo? Ao apresentar para seu grupo elementos importantes para os “inimigos”, pode ainda valorizar elementos fortes de seu grupo que não os são para os “inimigos”? Essas questões me levaram a pesquisar sobre o encontro entre Francisco de Assis e o sultão Malek-al-Kamil.

Em 1219, já havia se passado mais de cento e vinte anos da primeira Cruzada, portanto, a mais de um século duas ilhas se distanciavam cada vez mais em nome de um ódio e de preconceitos que cresciam dos dois lados.

Depois de tentar duas vezes ir ao encontro dos infiéis, Francisco conseguiu finalmente chegar a Damietta; eram dias difíceis, batalhas sangrentas e um “louco” se atreveu a se opor à batalha que se travava “em nome de Deus”. Sabia Francisco que “costuma terminar em desgraça o atrevimento, que, enquanto se apóia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino” (2Cel, FFC, 2004:321). Francisco sabia que aquela não era uma guerra em nome de Deus, mas em nome da vaidade.

O IV Concílio de Latrão desejava uma reforma da Igreja, reforma que passava pela reconquista de Jerusalém; mas Francisco, que havia sido convidado por Cristo para restaurar a Igreja, pensava de outra maneira: ele buscava a paz. Para ele, o Evangelho fazia com que também os muçulmanos fossem irmãos.

Francisco tinha vários motivos para ir ao encontro dos infiéis. O primeiro e mais realçado pelos biógrafos foi, sem dúvida, o desejo do martírio. Francisco era um homem do seu tempo e a idéia do martírio crescia na ilha dos cristãos; combater e morrer pela fé era a propaganda que se fazia no Ocidente:

Criou-se uma mentalidade entre os cristãos de que o sarraceno, além de ser inimigo da fé, era também o ser mais cruel da face da terra, pronto a degolar o cristão, pelo simples fato de ser cristão. Na mente do povo cristão criou-se uma verdadeira neurose de guerra contra os sarracenos. Matar o sarraceno era ser herói de Cristo, morrer nas mãos dos sarracenos era ser martirizado por Cristo. Toda a Europa respirava esse ar (TEIXEIRA, 2005:16).

Francisco não temia morrer, mas, se o fizesse, sua morte seria um testemunho não só para os cristãos, mas também para os da outra margem: “Outro não era o desejo de Francisco senão o oferecer sua própria vida – mártir de Cristo – para alcançar luzes e graças para seus irmãos muçulmanos, e para a pacificação do mundo cristão e muçulmano” (BASETI-SANI, 1968:20). E Francisco não encontrou entre os muçulmanos devoradores de cristãos, mas pessoas abertas à paz e ao diálogo.

Francisco tinha ainda outras motivações para ir ao encontro da outra margem, tais como o desejo de converter o sultão. Essa conversão seria, para Francisco, um caminho para a paz, uma vez que convertidos o sultão e seu povo, não haveria mais motivações para a guerra.

O anseio de Francisco passava pela paz, não apenas uma paz política, de tréguas que eram assinadas em acordos de poucos anos, mas uma paz duradoura, acordada entre homens que acreditam no Deus da paz. Vale lembrar que em todos os lugares onde chegava, ele fazia a saudação que o próprio Senhor o havia indicado, a saber: “O Senhor te dê a paz” (Test, FFC, 2004:190). Portanto, para Francisco a paz se fazia como um mandato do Senhor; pois foi em nome do Senhor que Francisco foi para o encontro e em nome do Senhor pregou o Evangelho (LM, FFC, 2004:613).

Francisco não encontrou entre os muçulmanos devoradores de pessoas, mas um homem cordial. Faz-se notar que em nenhum dos biógrafos de Francisco e nem entre os cronistas do primeiro século após o encontro, se lêem expressões negativas com relação ao sultão Malek-al-Kamil, o que nos permite concluir que era um homem acolhedor que primava pela cortesia, ou seja, o encontro entre Francisco e o sultão se deu em clima de paz e respeito entre aqueles que se encontravam. O encontro entre o sultão e o monge foi um momento de paz entre dois mundos em guerra, foi um momento de reverência ao sagrado ao lado de guerreiros que lutavam em nome da religião.

Muito provavelmente o próprio Francisco ressaltou a acolhida e a cortesia do sultão entre seus companheiros. Essa cortesia com que Francisco foi recebido pôde permitir a ele perceber entre os muçulmanos expressões de fé e reverência ao Altíssimo, elementos que mais tarde desejou transpor para os cristãos.

Não se pode dizer que Francisco foi um homem ecumênico, pois isso seria um anacronismo, mas se pode sim dizer que Francisco foi um homem pacífico e aberto diante do outro. Não se encontram nos textos de Francisco alusões negativas contra os hereges de seu tempo e nem contra os muçulmanos, algo raro naquele período.

Essa abertura em Francisco é possível por seu encontro com Jesus, encontro que o abriu a outros encontros e fez com que o santo fosse promotor de encontros pacíficos, tais quais o lobo e a cidade de Gubbio, o bispo e o podestá de Assis.

Além disso, essa mesma abertura permitiu ainda que Francisco buscasse elementos da piedade muçulmana e tentasse incuti-los na tradição cristã, como, por exemplo, o Salât que, na carta aos governantes dos povos, Francisco pede que seja realizado nas igrejas do mundo inteiro de forma semelhante, resultando, pouco tempo depois, no Ângelus, oração que ainda hoje é feita em muitas igrejas cristãs.

No capítulo XVI da RnB, Francisco apresentou uma proposta diferente de missão, uma proposta que contrariava a ideologia da Igreja naquele momento. Francisco queria que seus irmãos franciscanos estivessem no meio dos sarracenos e não contra os sarracenos; ele sabia dos riscos e, por isso, mandava-os como cordeiros para o meio de lobos; todavia, mesmo com os lobos, Francisco sabia que era possível dialogar, mas era preciso mansidão e prudência.

Não era necessário ir para vencer o outro com argumentações teológicas; não se encontra em Francisco algo favorável ao embate contra os hereges, assim também não seria favorável aos embates contra os muçulmanos. Era preciso se fazer submisso a todos por causa de Deus, mesmo que a Igreja dissesse que era pecado se submeter aos judeus e aos muçulmanos.

Na verdade, ao lermos os textos de Francisco produzidos após seu encontro com o sultão, temos a impressão de que um sentimento de empatia com o mundo muçulmano ficou em seu coração e seus escritos deixam um rastro de luz.

No entanto, se Francisco pôde acolher coisas boas da piedade muçulmana, o encontro com eles fez com que valorizasse ainda mais elementos próprios da piedade cristã.

Na Carta aos Custódios e no Testamento, ressalta o valor dos sacramentos e o zelo que se deve ter com a Palavra de Deus. Francisco deixa muito claro seu amor pela Igreja, comunidade de fé a qual ele pertence, sobretudo no Testamento, quando reafirma o respeito e reverência aos sacerdotes como ministros dos sacramentos.

Ainda no Testamento Francisco reafirma sua missão de paz, ao recordar a saudação deixada a ele pelo Altíssimo.

Há em Francisco predisposição para o diálogo com todas as coisas e, em especial, com os muçulmanos. No Cântico do Irmão Sol ou Louvores das Criaturas, ele deixa transparecer esta predisposição de forma mais clara, quando convoca todas as

criaturas para o louvor, quando se mostra preocupado com a paz. Vale dizer que Francisco compôs esse poema no fim de sua vida e, neste “último suspiro”, fez ainda um apelo pela paz.

Existe também em Francisco uma profunda aceitação da transcendência de Deus, uma abertura a todas as criaturas, uma submissão amorosa ao Altíssimo, o único cujo nome não pode ser dito, uma fraternidade misericordiosa com todas as coisas, uma experiência mística que marca sua vida e o faz irmão de todos e buscador da paz e do diálogo, buscando uma reconciliação com o sobrenatural, o natural e o humano (LECLERC, 1999:172). O caminho das criaturas é também um caminho de eternidade. Francisco se submeteu inteiramente ao Ser no acolhimento da morte e de sua necessidade.

Francisco foi o homem da paz em plena guerra. O encontro com o sultão o fez ainda mais fiel à sua religião, sem deixar de estar aberto ao outro, em um diálogo de irmãos. Ele esteve no meio de uma guerra e desejou a paz, foi acolhido com cortesia e reverência pelos “inimigos” e aprendeu algo com eles que desejou passar aos seus amigos e, ao se deixar tocar por experiências dos “inimigos”, valorizou ainda mais as experiências da comunidade dos amigos.

Não se pode afirmar que Francisco foi um homem ecumênico ou promotor do diálogo inter-religioso, seria um anacronismo, mas pode-se perceber em sua vida e em sua atitude diante do sultão e em seus escritos pós-encontro um homem que tinha muito a dizer ao seu tempo e ainda hoje pode nos ajudar na busca da paz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, K. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BASETI-SANI, G. Sarracenos. In: “Movimento franciscano assisi”. *Dicionário franciscano*. Petrópolis: Cefepal/Vozes, 1993, pp. 691-700.
- . *L’Islam e Francesco d’Assisi: la missione profetica per il dialogo*. Firenze: La Nuova Itália, 1975.
- . Francisco de Assis: a crise da igreja pelos fins do século XII, princípios do século XIII. In: *Concilium*, v. 4, fasc. 37. Petrópolis: Vozes, 1968.
- BEER, F. São Francisco e o Islão. In: *Concilium*, v. 169. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 16-29.
- BERKENBROCK, V. A atitude franciscana e o diálogo inter-religioso. In: MOREIRA, A.S. (org.). *Herança franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- . *Oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- . *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BUTINGAN, K; LITELL, M; VITALE, L. *Os franciscanos e a não violência*. Petrópolis: FFB, 2004.
- CLAIRVAUX, Bernard de. *Histoire, mentalités, spiritualité*. 7 ed. Paris: Les éditions du cerf, 29, Bd de Latour-Maubourg, 1992.
- . *Eloge de la nouvelle chevalerie*. 7 ed. Paris: Les éditions du cerf, 29, Bd de Latour-Maubourg, 1990.
- CÓDIGO de direito canônico*. São Paulo: Loyola, 1983.
- CONTI, M. *Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens*. Petrópolis: Vozes/FFB, 2004.

- CROCOLI, A. (org.). *Francisco de Assis, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso*. Petrópolis: FFB, 2006.
- , Testamento: elementos para uma leitura. *Revista Franciscana*, v. V, n. 8, 2005. Petrópolis: FEB.
- CURSO básico sobre o carisma missionário franciscano*, 16. Encontro com os muçulmanos. Petrópolis: FFB, 2001.
- , 7. A missão franciscana nas primeiras fontes. Petrópolis: FFB, 2000.
- FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, D. *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FLETCHER, R. *A cruz e o crescente cristianismo e Islã, de Maomé à reforma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FONTES franciscanas e clarianas* (FFC). Trad. C.M. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FRANCO JÚNIOR, H. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREMANTLE, Anne. *Idade da fé*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- HOURANI, A. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IRIARTE, L. *História franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- , *Vocação franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- JEUSSET, G. *Encontro na outra margem: Francisco de Assis e os muçulmanos*. Braga, Franciscana, 1995.
- JOMIER, J. *Islamismo: história e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LE GOFF, J. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LECLERC, E. *O cântico das criaturas: os símbolos da união*. Petrópolis: Vozes/FFB, 1999.
- LEHMANN, L. *Francisco: Mestre de oração*. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1997.
- LEONI, G.D. *A canção de Rolando*. São Paulo: Atena, 1958.
- LUCCHESI, Marco (org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

- MAALOUF, A. *As cruzadas vistas pelos árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- MANSELLI, R. *São Francisco*. Petrópolis: Vozes/FFB, 1997.
- MOREIRA, Alberto da Silva (org.). *Herança franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- OLIVEIRA, Vitória Peres de. Mulheres que eram homens: o elemento feminino na mística sufi. In: LUCCHESI, Marco (org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- RUNCIMAN, S. *História das cruzadas I: a primeira cruzada e a fundação de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Imago, 2003a.
- *História das cruzadas III: o reino de Acre e as últimas cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2003b.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *O IV Concílio de Latrão: heresia, disciplina e exclusão*. Disponível em: <[www.ifcs.ufrj.br/~frazão](http://www.ifcs.ufrj.br/~frazão)>. Acesso em: 12/05/08.
- SPOTO, D. *Francisco de Assis: o santo relutante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- TEIXEIRA, C.M. Evangelização e paz. *Revista Franciscana*, v. V, n. 8, 2005. Petrópolis: FEB.
- TEIXEIRA, Faustino. Peregrinos do diálogo. Disponível em: <[http://empaz.org/dudu/du\\_peregrinos\\_dia\\_.htm](http://empaz.org/dudu/du_peregrinos_dia_.htm)>. Acesso em: 01/03/08.
- *A experiência de Deus no Islã*. In: LUCCHESI (org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- TRADUÇÃO do sentido no nobre alcorão para a língua portuguesa. Complexo do Rei Fahd para a impressão do Alcorão Nobre.
- VITRAY-MEYEROVITCH, Eva de. Sentidos da oração. In: LUCCHESI, Marco (org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ZAVALLONI, R. *Pedagogia franciscana: desenvolvimentos e perspectivas*. Petrópolis: Vozes/FFB, 1999.
- <<http://www.servidimaria.org/po/actualita/promotori1/promotori1.htm>>. Acesso em: 08/05/08.